

Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis

***Fanfictions* na Internet -**

Um clique na construção do leitor-autor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

Belém – 2011

Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis

***Fanfictions* na Internet -**

Um clique na construção do leitor-autor

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilia Silvestre Chaves

Conceito: Excelente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

Belém – 201

Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis

***Fanfictions* na Internet -**

Um clique na construção do leitor-autor

Objetivo: Analisar a figura do autor-leitor de *fanfictions*, alguém que anteriormente foi leitor de uma obra e, depois, passa a escrever a “continuação” ou outras “versões” dela em lugar do autor original.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA

Programa de Pós-Graduação em Letras

Estudos Literários

Data de aprovação: 31 de maio de 2011.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lília Silvestre Chaves

Orientadora - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Júlio César Araújo

Membro Externo – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dr.^a. Valéria Augusti

Membro Interno – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Para Raquel Gonçalves, por todo apoio em vida.

Para a Professora Lilia, pela leitura, apoio e grandes ideias.

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora deste projeto, Lilia S. Chaves, pela paciência que teve nas orientações e boa recepção quanto às ideias e mudanças bruscas dos assuntos abordados durante a escrita dos capítulos.

Ao apoio da CAPES na manutenção e incentivo à pesquisa na Região Norte do Brasil.

Ao DAAD, pelo apoio na pós-graduação brasileira e incentivo ao intercâmbio Brasil-Alemanha.

Aos professores do mestrado cujas disciplinas contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa: Sílvio Holanda, Valéria Augusti, Luís Heleno Montoril, Lilia Chaves e Socorro Simões.

Aos amigos que me apoiaram nos momentos “antes” e pós-graduação: Ingrid Sinimbú, Igor Marcell, Michell Gadelha, Fernanda Beatriz, Natali Ikikame, professor Armando Barroso, Daniel Prestes, Thiago Nascimento, João Farias, Claudio Coutinho, Lorena Tavares, Adriane Schneider, Cássia Machado, Mikaella Fusco, Roseane e Daniel Lisolo, Edivaldo Ferreira, Nicole Kirsch, Lis Lourenço e Wellington Araújo.

À coordenação do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará, em especial aos professores Sílvio Holanda, Myriam Cunha e Marília Ferreira.

Aos colegas da graduação em Língua Francesa da Universidade Federal do Pará, que curso concomitante ao mestrado: Lívia Gusmão, Lorena Andrews, Magda Freitas, Clayton Santos, Renata Vieira, Amanda Vitória, Jéssica Couto, Matheus Demeteri, Isabelle Defremont e Mariza Correa, bem como às professoras Marisa Navarro, Myriam Cunha, José Carlos Cunha, Sônia Lumi e Isabel Soares.

Aos *ficwriters* brasileiros que participaram da pesquisa ao longo de dois anos, e aos demais colaboradores americanos do Fanfiction.Net, que também colaboraram com o desenvolvimento desta pesquisa ao pacientemente responderam às perguntas enviadas por e-mail.

À Dóris Bennington pelas contribuições, opiniões e paciência nas *betagem* das minhas próprias histórias de fãs, com as devidas observações quanto ao desenrolar do enredo e das traduções.

À Thais Oliveira, minha outra *beta-reader*, pelas opiniões e ajuda na betagem e desenvolvimento das histórias em português.

Ao meu sobrinho Guilherme Figueiredo, mesmo quando atrapalhava minha concentração no trabalho porque queria brincar ou mexer no teclado enquanto eu escrevia.

E à Raquel Gonçalves Coutinho – por ter sido tão amiga e tão querida mesmo por tão pouco tempo vivido ao meu lado e ao lado dos outros. Foi graças à sua influência que comecei a ler essas histórias, e mesmo depois da sua partida eu continuo aqui – por você e pelos outros.

Trata-se de uma linha fronteira aproximativa, que tende a desaparecer: o mundo daqueles que se relacionam profissionalmente com livros é sempre mais populoso e tende a identificar-se com o mundo dos leitores. Certamente, também os leitores são cada vez mais numerosos, mas pode-se dizer que o número daqueles que usam os livros para produzir outros livros cresce mais depressa que o daqueles que se satisfazem em lê-los e amá-los. Sei que, se ultrapassar esse limite, mesmo ocasionalmente, correrei o risco de confundir-me com essa maré que avança.

Italo Calvino

RESUMO

Esta dissertação trata do fenômeno da autoria na internet, tendo como foco de estudo do leitor-autor, mais especificamente, de um autor que foi uma vez leitor de uma história original e que assume a função de continuar a história (do ponto em que a deixou seu primeiro criador) ou de modificá-la de forma a agradar a si mesmo e/ou a outros leitores eventuais. Conforme uma vez afirmou Roland Barthes (2004), o escritor sempre será um imitador de escritos anteriores à sua época, mas nunca original. A partir de análises de trechos das histórias, suas notas de autoria e interação com outros leitores através dos comentários, essas criações de fãs-autores (como são chamados nessa pesquisa os autores que se dedicam à escrita desse tipo de história), estuda-se a modificação do conceito de autoria na atualidade, pois muitas vezes o autor perde seu posto ao manter contato com alguma forma de tecnologia da informação – e agora lida com gêneros chamados híbridos: textos que não são puros, que não possuem uma característica apenas para poderem ser definidos pelos manuais comuns. Desta forma é difícil definir o que é, afinal, o autor na era dos gêneros digitais. Num momento em que a cada dia as pessoas do mundo inteiro aumentam seu número de horas navegando, os gêneros digitais representam uma nova relação entre ser humano e instrumento semiótico, com diversos aspectos a serem observados.

Palavras-chave: *Fanfiction*. Gêneros. Autoria.

ABSTRACT

This study focuses on the presence of the reader-writer of stories created and published on the Internet, more specifically, an author who was once a reader of an original story, and decides to continue it (from the moment which its first original writer finished) or modify it in order to please yourself and/or any other readers, because, as Roland Barthes once said (2004), the writer will always be an imitator of his writings prior to that time, but never original. In the stories created by fans-authors (as the authors committed in the writing of this kind of story are called), we study the modification of the concept of authorship nowadays, because the author loses has a new personality as he/she uses some form of information technology - and now handles with something called hybrid genres: texts that are not just pure, but haven't a feature to be defined only by common concepts either. Thus it is difficult to define what is, after all, the author in the era of digital genres. At a time when every day people worldwide increase their number of hours browsing, digital genres represent a new relationship between humans and semiotic instrument, with several aspects to be observed.

Keywords: Fanfiction. Genres. Authorship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cena do filme <i>Romeu + Juliet</i> (1996)	38
Figura 2	Cena de <i>Os Inocentes</i> (1961)	46
Figura 3	Cena de <i>Os que chegam com a noite</i> (1972)	46
Figura 4	Logo do <i>Fanfiction.net</i>	52
Figura 5	Nova página inicial do Fanfiction.Net	53
Figura 6	Exemplo de apresentação de um fanfiction do <i>fandom Crepúsculo</i>	54
Figura 7	Campanha do Ministério da Justiça para conscientização de pais e educadores sobre a faixa etária indicativa	57
Figura 8	Página inicial do <i>Mediaminer.Org</i>	58
Figura 9	Página de verificação de idade do Adultfanfiction.Net	59
Figura 10	Página inicial do Adultfanfiction.Net	59
Figura 11	Página inicial do <i>Restricted Section</i>	60
Figura 12	Página inicial do <i>FictionPress</i>	61
Figura 13	Página inicial de <i>Floreios e Borrões</i>	61
Figura 14	Página inicial do <i>website Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online</i>	62
Figura 15	Página inicial do <i>Nyah! Fanfiction</i>	63
Figura 16	Capa da edição americana do livro de Avellaneda	79
Figura 17	Exemplo de <i>disclaimer</i> em português	83
Figura 18	Exemplo de <i>disclaimer</i> em português	83
Figura 19	Capa original de <i>O Mágico de Oz</i>	85
Figura 20	Capa original de <i>Wicked</i>	85
Figura 21	Capa de um CD da coleção <i>Eighth Doctor Adventures</i>	88
Figura 22	Imagem do seriado <i>Doctor Who</i>	88
Figura 23	Como se cria uma conta no Fanfiction.Net	90
Figura 24	Página inicial do membro cadastrado	90
Figura 25	Seção de publicação do Fanfiction.Net	91
Figura 26	<i>Publish new story</i>	92
Figura 27	Apresentação dos dados de uma história	92
Figura 28	Estatísticas de histórias publicadas	93
Figura 29	Perfil público do autor no Fanfiction.Net	93
Figura 30	Perfil de uma beta-reader	96
Figura 31	Perfil de ficwriter/beta-reader	96

Figura 32	Sistema de busca de <i>beta-readers</i>	97
Figura 33	Capa de <i>Fifty Shades of Grey</i>	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tabela de categorias mais populares	55
Tabela 2	Tabela de classificação etária	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I HIBRIDISMO: CRIADORES E CRIATURAS	21
1.1 Origens do hibridismo	21
1.2 Os gêneros digitais	28
1.3 Os <i>fanfictions</i> como gêneros	35
1.4 Um novo tipo híbrido de criador: o leitor-autor-crítico de ficção	39
II FICÇÕES E FANFICÇÕES	42
2.1 A importância dos <i>fandoms</i>	42
2.1.1 O leitor, a criação e o prazer da leitura	42
2.1.2 Os <i>fandoms</i> , os leitores, os escritos	47
2.2 A criação literária na <i>web</i>	49
2.3 Os principais <i>websites</i> de histórias	51
2.4 Como se constrói uma história	63
2.4.1 O cânone dos <i>fanfictions</i> , notas de autoria, as ressignificações	63
2.4.2 O exemplo Alice x Alyss	70
2.4.3 Capitu x Capitu	71
2.5 Transfiguração de leitores e gêneros	74
III POR QUE ESCREVER? POR QUE LER?	76
3.1 Onde se conta o que aconteceu com o fidalgo Dom Quixote quatro séculos depois	76
3.2 Quando se entende por que Avellaneda escreveu Quixote e por que os leitores também querem ser autores	80
3.3 De quando o leitor passa a escrever também	86
3.3.1 De como o <i>ficwriter</i> pode publicar no Fanfiction.Net	87
3.3.2 De quando o <i>ficwriter</i> precisa de <i>beta-readers</i>	95
3.4 De quando se percebe a importância de os leitores quererem escrever	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

I admit that I took a few liberties with your story, to make it ours, as I said I would.

Frank Beddor¹

No primeiro capítulo de *The Looking Glass Wars* (BEDDOR, 2004), Alice Liddell se diz chocada com a história apresentada em um livro chamado *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 1865). Aquilo que lia era pura ficção, e ela, sim, é que era uma figura real. O reverendo Charles Dodgson, que deu o livro à menina como presente, ainda ouve dela que seu nome verdadeiro não era escrito daquela forma. É Alyss, não Alice.

The Looking Glass Wars [As Guerras Através do Espelho],² de Frank Beddor, publicado em 2004, é o primeiro livro de uma trilogia (ainda sem previsão de lançamento no Brasil), cujo enredo é baseado na história criada no século XIX por Lewis Carroll. As personagens de Carroll, na trilogia de Beddor, vivem outras aventuras ambientadas em um universo alternativo. Isso porque o autor não escreve uma ficção comum – mas sim o que se convencionou chamar de ficção de fãs. A trilogia de sua Alice (ou melhor, Alyss) é um *fanfiction*³ – uma aventura criada por um fã, mantendo as mesmas personagens ou criando novas, além das originais, para dar continuidade ou reescrever a história original. A palavra é a junção de *fan*, “fanático”, redução de *fanatic* do inglês – aquela pessoa exaltada por certo artista, filme, cantor, banda etc. –, com *fiction*, “ficção”, e designa as histórias escritas por um fã a partir de uma história já escrita.

O autor de *Looking Glass Wars* explica ao leitor, logo no primeiro capítulo, que Alice vivenciou em *Alice no País das Maravilhas* apenas uma ilusão, e que a aventura verdadeira é a que ele (leitor) agora está lendo. Nela, Alyss é forçada a

¹ “Admito que tomei algumas liberdades com sua história, para torná-la nossa, como disse que faria” (BEDDOR, 2004, p. 3) (tradução nossa).

² Todas as citações em língua estrangeiras dessa e de outras obras neste trabalho são traduções nossas.

³ Neste trabalho utilizo o termo inglês *fanfiction* no gênero masculino, conforme uso popular – pois é comumente usado no masculino pelos autores e leitores. Apesar de alguns autores usarem no feminino para relacionar à palavra *história* em português também.

fugir do livro para o mundo real depois que a tia dela, a rainha Redd (a rainha de Copas e a rainha Vermelha da história original), conquista o País das Maravilhas e destroi todos que se opõem a ela. Para ajudá-la, o assassino Gato de Cheri she persegue Alice – que é protegida por Hatter Madigan, guarda-costas da Rainha e que sabe das intenções malignas dela em querer matar Alice e ficar com mais poder. Refugiada no mundo real, Alice é obrigada a viver em um lugar desconhecido e é protegida por Hatter Madigan e por Dodge Anders, o filho do reverendo Charles Dodgson, assassinado a mando da rainha má. As aventuras do primeiro livro renderam duas continuações: a segunda parte, *Seeing Redd* [Avistando Redd], publicada em 2007, e a terceira parte, *Arch-Enemy* [Arquiinimigo] que teve seu lançamento em outubro de 2009. Todas têm Alice como personagem principal.

O projeto de pesquisa de mestrado intitulado *Fanfictions na internet: um clique na construção do leitor-autor* surgiu a partir da monografia de conclusão de curso da graduação em Letras – que abordava o uso de *fanfictions* virtuais no campo do letramento. Desta vez, na pós-graduação, deixando de lado a forma pela qual o *fanfiction* pode ser usado em sala de aula, minhas reflexões estão voltadas para a produção escrita e, mais especificamente, para as pesquisas sobre a *web* no que diz respeito à questão do autor nas publicações virtuais escritas por leitores-fãs ativos, ou seja, aqueles que participam de comunidades cujas atividades giram em torno de um *produto* – no sentido usado por Henry Jenkins em *Cultura da Convergência* (2009), de um objeto que faz parte de uma corporação de mídia corporativa, tendo como donos produtores e anunciantes. Trata-se de leitores ou espectadores que, depois de lerem um livro ou de verem um filme, desejosos de participar, de continuar a história ou mesmo de inventar algum episódio que gostariam de ter lido, decidem ser autores e continuar com a produção. A questão do *fanfiction* – mais especificamente o papel do leitor-autor – migrou então, nas minhas pesquisas, da sala de aula para os estudos literários.

A pesquisa encontrou, dessa maneira, espaço no projeto do mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, *Ler e Escrever na era da Internet*, sob coordenação das professoras Lília Silvestre Chaves e Izabel Cristina Soares. A nova versão do projeto, de 2010, tem um abrangente subtítulo: *dos gêneros aos e-gêneros: limites e deslimites*, pois o projeto avançou de tal forma que abriga diversos objetivos específicos. Um deles, justamente, é o estudo da construção das figuras de autor e leitor no ciberespaço, trazendo à tona novas

conceituações de crítica literária, de estilo e de autoria. O principal objetivo da minha pesquisa é analisar a figura do leitor que se torna um fã tão aficionado por uma história já criada (por um autor original registrado como o “dono” da obra), a ponto de querer prolongar o contato com os personagens, por exemplo. De leitor, o fã que decide “continuar” uma obra passa a ser também autor dela, sem perder as características de crítico e de admirador ao mesmo tempo. Com a aprovação do projeto na seleção para o mestrado, foi possível então redigir, sob orientação da professora Lilia Chaves, a dissertação de mestrado.

Minha relação com os *fanfictions* não começou a partir da monografia de graduação, sobre a qual falei anteriormente. Foi bem antes, no início da graduação, devo dizer que comecei a me interessar pelas histórias escritas por outros leitores de *Harry Potter*, de J. K. Rowling, *Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e de *Artemis Fowl*, de Eoin Colfer. Tudo começou com a leitura de uma história de vinte capítulos – foi uma amiga do Rio de Janeiro com quem eu trocava correspondência que enviou em um enorme envelope pardo a sua primeira história manuscrita. O que me impressionou logo de início, e posteriormente, com a leitura de outros *fanfictions*, foi a liberdade com que os novos autores escreviam nas “brechas” dos enredos, apropriando-se das histórias como se fossem os próprios autores, e muitas vezes os conteúdos não decepcionavam. Logo descobri outros *sites* e outros leitores que também escreviam.

Houve um tempo em que a leitura de *fanfictions* era algo predominante no meu dia a dia por diversos motivos, um deles é apontado por Antoine Compagnon, em *O demônio da Teoria* (1999, p. 150): a leitura “instrui e o leitor constrói. Em todo texto, os pontos de indeterminação são numerosos, como falhas, lacunas”, que o leitor busca preencher no momento pós-leitura. Nesse caso, os *fanfictions* de certa maneira suprimem as falhas e lacunas da obra original. Com a descoberta de mais *sites* e mais histórias, fiquei feliz de ver que não havia apenas alguns poucos leitores que escreviam (incluindo-me entre eles), e que não havia apenas histórias de *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*. O *site Fanfiction.Net*, o maior e mais internacional hospedeiro dessa categoria, possui *fanfictions* que vão desde o mais conhecido *best-seller* do momento até a obra considerada mais clássica pelos críticos da atualidade. Histórias de outros autores, como, por exemplo, de Jane Austen, Alexandre Dumas, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde e William Shakespeare, estão disponíveis para a leitura em línguas diversas como inglês, francês, alemão,

português, espanhol, árabe, chinês, japonês e até islandês. Pessoas do mundo todo, leitores comuns, também se tornaram escritores.

Surgiu em mim, então, ainda no começo da década, a ideia de participar desse universo na *web*. Sob um pseudônimo fiz meu cadastro no primeiro *site* brasileiro do gênero: o *Fanfiction.Br*. Naquela época, as histórias eram postadas no mesmo dia e os comentários dos leitores enviados diretamente para o correio eletrônico do autor – o *ficwriter*, nesse caso. O *site* durou dois longos anos, até precisar ser fechado por conta dos custos da manutenção. Os leitores-autores/fãs-leitores migraram então para outros *sites* de hospedagem de *fanfictions*, e nessa época o *Fanfiction.Net* ainda era pouco conhecido pelos brasileiros. Isso foi devido ao fato de o *Fanfiction.Net*, ainda no início da década, dispor de todos os tutoriais, regulamentos e notícias em inglês. O acervo de *fanfictions* ainda não disponibilizava o acesso às histórias em outras línguas – mas felizmente o português estava lá. Cerca de um ano depois, os administradores do *site* tomaram consciência do número de acessos em outros países e implantaram um sistema que possuía (e ainda possui) diversas línguas – de dez passaram a quinze e assim por diante. Hoje o *site* disponibiliza mais de trinta línguas e o sistema agora facilita a busca, o *upload* de histórias, a postagem de comentários e réplicas, e a revisão de capítulos por *beta-readers*. Os *beta-readers* leem primeiro o que o leitor-autor escreve (antes de sua divulgação), para evitar a publicação de uma história com erros de ortografia, gramática e digitação, além de ajudar no desenvolvimento do enredo para evitar erros de continuidade. No *site* há também uma área (obrigatória) de *login* de autor, na qual, se for o caso, pode-se manter um perfil com foto e todos os dados para visualização de outros autores.

Apesar da presença significativa de *fanfictions* em língua portuguesa existir já há alguns anos e de o acesso à Internet ter se propagado com incentivos do governo, ainda há poucos trabalhos a respeito dessas histórias no Brasil. Um dos primeiros livros publicados no Brasil é o trabalho de dissertação da professora Maria Lúcia Bandeira Vargas, da Universidade de Passo Fundo: *O Fenômeno Fanfiction – novas leituras e escrituras em meio eletrônico*, publicado em 2005, cuja abordagem é de caráter descritivo e restrito aos usos e pontos positivos dessa atividade no ambiente escolar; há também inúmeras referências em artigos que apontam as *fanficções* como uma das atividades básicas das comunidades de fãs. Este trabalho

tem, portanto, como principal objeto de estudo a construção do leitor-autor dessas histórias, por não haver ainda pesquisas mais profundas a respeito.

As histórias – os *fanfictions* – existem, de acordo com Vargas (2005), para preencher uma fresta encontrada pelo leitor na trama original, o que pode justificar a criação de outra história, ou uma crítica que o leitor faz à obra depois de terminar sua leitura. Pode ser uma continuação do livro, caso o leitor não tenha gostado da forma como a obra terminou. Pode ser uma história anterior ao que foi escrito: mostrar, por exemplo, de que forma as pessoas se conheceram, antes de começar a trama original. Pode ser também o caso de usar as mesmas personagens daquela obra favorita para criar um universo totalmente diferente – isto é, não haverá mais o ambiente original onde as personagens interagem na obra original, e o tempo da narrativa pode ser outro.

Este trabalho apresenta alguns exemplos de *fanfictions* e estuda tanto os autores de *fanfictions* de livros publicados em papel, quanto os escritos para serem divulgados na *Internet*. A ênfase, no entanto, permanece na análise de fanficcões postadas em rede, com o fim de ir mais além, de esclarecer como se forma o sujeito responsável pela releitura e (por que não também?) *reescritura* dessas histórias. Para isso, foram escolhidos, como exemplo, trechos literários cujo valor dentro da literatura universal é justificado por críticas (positivas ou negativas) com trechos da história original e do respectivo *fanfiction*. Escolhi duas histórias publicadas tanto em livro quanto em *sites*, analisando a mudança da figura *leitor-autor* (ou simplesmente *fã-autor*) no domínio da *web*. Esta escolha tem apenas o intuito de apresentar aos leitores deste trabalho como estas ficções são escritas.

Esta dissertação apresentará três capítulos:

O capítulo I tem como título “Hibridismo: Criadores e criaturas” (e as seguintes subdivisões: 1.1 Origens do hibridismo; 1.2 Os gêneros digitais; 1.3 Os *fanfictions* como gêneros; 1.4 Um novo tipo híbrido de criador: o leitor-autor-crítico de ficção). Nesse capítulo apresento rapidamente os gêneros literários desde suas origens, com Aristóteles em *Arte Poética* (2003), passando pela classificação linguística de gêneros discursivos até chegar aos gêneros digitais; discuto também o que são os gêneros literários e o hibridismo, mostrando como pesquisadores, entre eles Antonio Marcuschi (2005) e Carlos Xavier (2005), veem os gêneros digitais e como os atuais autores na *Internet* se apresentam como híbridos, a partir da

transgressão dos limites entre crítica e criação literária, segundo Donald Schüler (1995) em *Do Homem Dicotômico ao Homem Híbrido*.

O capítulo II, sob o título “Ficções e fanficções” (2.1 A importância dos *fandoms*; 2.2 A criação literária na *web*; 2.3 Os principais *websites* de histórias; 2.4 Como se constrói uma história; 2.5 Transfiguração de leitores e de gêneros), apresenta o *fanfiction* em si, como surgiu, e como são publicados hoje na *web*, conforme os estudos de Maria Lúcia Bandeira Vargas (2005), desde a criação da história, passando pela publicação, perfil do autor, o *ficwriter*, e o sistema de comentários. Para entender isso, apresento exemplos de *fanfictions* publicados em formato tanto impresso quanto virtual. Para tanto, explico também a importância da leitura e de leitores dentro dos *fandoms*, no tocante à expansão dessas histórias dentro da indústria cultural, de acordo com Henry Jenkins. Apresento as fanficções inspiradas em Frank Beddor e Machado de Assis, entre outros exemplos disponíveis de *fanfictions* oferecida pela *web*, como um procedimento intertextual; a importância dos *fandoms*; o autor de *fanfictions*; análises específicas de determinado aspecto de um *fanfiction*, principais *sites* etc.

O capítulo III, como núcleo deste trabalho, tem o título “Por que ler? Por que escrever?” (3.1 Onde se conta o que aconteceu com o fidalgo Dom Quixote quatro séculos depois; 3.2 Quando se entende por que Avellaneda escreveu Quixote e por que os leitores também querem ser autores; 3.3 De quando o leitor passa a escrever também; 3.4 De quando se percebe a importância de eles quererem escrever). Nesse capítulo, apresento as pesquisas que giram em torno do autor, do leitor e do autor-leitor (e, muito rapidamente, falo do leitor-autor-crítico). Início com a apresentação de Pierre Menard, autor francês inventado por Jorge Luís Borges, que reescreveu *Dom Quixote*, de Cervantes (palavra por palavra), justificando sua escrita pelo simples fato de se identificar com a obra. A fusão de ambos (leitor e autor) é apresentada no final e abre expectativas quanto a uma continuação dos estudos, envolvendo aspectos relacionados aos comentários que essas publicações recebem e a importância de se apresentar um texto revisado por um *beta-reader*, um segundo leitor que também coopera na escrita dos capítulos. Enfim, procuro saber o perfil de quem lê e escreve essas histórias e por que esse leitor, por alguma razão, vira também autor. A bibliografia teórica de apoio consiste em: a) “Como é abordada a figura do autor nas principais teorias/estudos, tendo como texto base *Figuras do autor* (CHARTIER, 1999); b) *O que é um autor para Foucault*, com referências ao

texto *O que é um autor?* (FOUCAULT, 2009); c) *Como o leitor morre e surge o autor*, com base em “A morte do autor”, presente na obra *O Rumor da Língua* (BARTHES, 2004); d) *O que é um leitor, figuras de leitores*, com base nos textos, *O último leitor* (2006), de Ricardo Piglia e *Se um viajante numa noite de inverno* (2009), um dos mais importantes trabalhos de Ítalo Calvino e *A Literatura e o Leitor* (2000), de Hans Robert Jauß.

Para finalizar, apresento novas propostas de pesquisa, como por exemplo: i) o uso de *fanfictions* em sala de aula; ii) as traduções; iii) os *songfics*: *fanfictions* que usam música como tema para desenvolvimento da história; iv) os poemas-fics; v) o tempo de “vida” desse leitor-autor escrevendo e atualizando suas histórias – ideias essas que reservo aos futuros projetos de pesquisa da pós-graduação.

I HIBRIDISMO: CRIADORES E CRIATURAS

O híbrido traz o sim e o não.

Donaldo Schüler

1.1 Origens do hibridismo

Na mitologia clássica ocidental, muitos são os exemplos de seres que não trazem em si mesmos a possibilidade de uma definição concreta e cuja própria figura não se encaixa em um único perfil ou forma. São seres que desafiam a classificação exata. É impossível delimitar o que na realidade são: se homens ou animais, se masculinos ou femininos, se trazem consigo o sim ou o não. Exemplos disso são: o Minotauro⁴, que habitava o Labirinto de Dédalo, era uma criatura meio homem e meio touro; Medusa⁵, sacerdotisa de beleza extrema, digna de uma ascendência divina, por um desígnio de Atena, foi transformada em Górgona (monstro cujos cabelos eram serpentes que petrificavam quem as olhasse diretamente) quando a deusa percebeu que seu coração era dotado de maldade – era uma criatura tão horrivelmente trágica que aterrorizou até mesmo os sonhos de Perseu, homem destinado a cortar-lhe a cabeça. A Quimera⁶ é outra dessas criaturas, descrita por Junito Brandão (1986, p. 244) como uma criatura de cauda de serpente, com corpo de partes de leão, de cabra e de dragão que lança fogo pelas narinas.

A literatura também apresenta seres que fogem à classificação. Na modernidade, mais especificamente no romantismo inglês, Mary Shelley (1797-

⁴ Minotauro era um ser metade homem, metade touro que habitava o Labirinto construído pelo artista Dédalo de onde ninguém saía. Em Creta, a cada nove anos era feito um sacrifício de sete moças e sete rapazes, que eram lançados no Labirinto para alimentar o Minotauro, o que causou a ira da população. Teseu, filho do rei de Atenas, se prontificou a matar o monstro, contando então com a ajuda de Ariadne, filha do rei Minos de Creta, que lhe deu um fio condutor para que pudesse sair do Labirinto após a vitória sobre o Minotauro.

⁵ Medusa foi uma sacerdotisa de Palas Atena dominada pelo egoísmo e pela maldade. A deusa, ao perceber que sua sacerdotisa não era uma pessoa boa, a transformou em górgona, criatura que transformava em pedra quem ousasse fitá-la. A pedido de Atena, que acreditava que a Medusa vivia em um grande sofrimento, pediu em sonhos a Perseu que a matasse e guardasse a cabeça para entregar-lhe depois, para então ser colocada no escudo da deusa.

⁶ A Quimera era criada pelo rei de Cária. Foi morta pelo herói Belerofonte, que, cavalcando Pégaso, acertou com uma ponta de lança guarnecida de chumbo.

1851) apresenta aos leitores em 1818 o ser criado por Victor Frankenstein em *Frankenstein: ou Moderno Prometeu*, uma criatura costurada, assim como uma colcha de vários retalhos, unindo partes humanas de diversos corpos, formando um aterrorizante monstro híbrido.

Quem poderia descrever o quadro de minhas emoções diante de tal catástrofe? Que pintor prodigioso poderia esboçar o retrato do ser que a duras penas e com tantos cuidados eu me esforçara por produzir? Seus membros, malgrado as dimensões incomuns, eram proporcionados e eu me esmerara em dotá-lo de belas feições. Belas?! Oh, surpresa aterradora! Oh, castigo divino! Sua pele amarela mal encobria os músculos e artérias da superfície inferior. Os cabelos eram de um negro luzidio e como que empastados. Seus dentes eram de um branco imaculado. E, em contraste com esses detalhes, completavam a expressão horrenda dois olhos aquosos, parecendo diluídos nas grandes órbitas em que se engastavam, a pele apergaminhada e os lábios retos e de um roxo-enegrecido (SHELLEY, 2005, p. 50-51).

No trecho acima, Victor Frankenstein descreve com horror como criou um ser a partir de pedaços de corpos, como um grande lençol de retalhos costurados, cujo resultado foi único – um ser humano com vida, bem eloquente e pensamentos próprios, mas que tinha uma aparência repugnante aos olhos das outras pessoas, inclusive com a família de ex-nobres com quem viveu –, principalmente aos olhos do próprio criador, posteriormente, quando a criatura matou o irmão mais novo e a esposa do jovem Frankenstein.

Poderíamos nos perguntar então: por que há tantas figuras formadas tanto pelo “sim” quanto pelo “não” em nosso universo literário e mitológico, sem que exista uma definição mais clara do que realmente são? Seria esse o resultado da vontade do homem de criar a vida? Cria a vida assim como fez Prometeu, ao tomar uma porção de terra do chão e moldar uma figura semelhante aos deuses, numa tarefa confiada por Eros ao Titã e ao irmão Epitemeu, no mito da criação do mundo, conforme explicação de Jean Lang em *Mitos Universais* (2003, p.16): “Prometeu tomou uma porção de terra, misturou com água e modelou com essa massa uma imagem semelhante à forma dos deuses [...], e o primeiro homem olhou admirado a terra que estava destinada a ser sua herança”. Prometeu criou o homem com a ajuda de Palas Atena e Eros para que povoasse e cuidasse da Terra, sentiu-se orgulhoso do belo resultado obtido.

No caso de Victor Frankenstein, o *novo Prometeu*, conforme o subtítulo da obra de Shelley, a vontade de criar um ser ultrapassou as barreiras das leis naturais: pode-se criar algo a partir de pequenas partes, e no final o que se tem é uma “coisa” – uma criatura, um ser humano, um gênero – sem definição clara. Pode ser e pode não ser. Um híbrido com características de várias outras formas.

Na ciência, o híbrido, não apenas de plantas, como também de animais, em termos biológicos, é o que nasce da união entre duas espécies diferentes: um ser estéril com características de seus pares distintos, como o equídeo zebrasno (mistura de zebra com asno). Entre “criadores” de espécies vegetais, Gregor Mendel (1822-1884), pai da Genética, apresentou, na “Primeira Lei de Mendel”, experimentos ao longo de anos com diversos tipos de ervilhas. Para a pesquisa, colheu em uma horta ervilhas comuns, que cresceram e se reproduziram em larga escala, mas o fez de maneira que sua reprodução pudesse ser facilmente manipulada: “Para cada tiragem nos experimentos, 100 plantas foram selecionadas, estas apresentando uma característica constante na primeira geração, e para comprovar a significância disto, 10 sementes de cada foram cultivadas” (MENDEL, 1866, p. 12). Como os vegetais têm órgãos masculino e feminino de reprodução, podem se reproduzir e gerar outras plantas – híbridas – que têm características constantes e facilmente diferenciáveis das plantas de gerações anteriores e são estéreis, com características semelhantes. A experiência foi motivada porque Mendel entendeu que a forma de reprodução acontece com corpos mais complexos, como os de seres humanos.

O hibridismo, no entanto, não é um fenômeno reconhecido para muitos apenas por conta das características genéticas. O híbrido traz consigo, além da união do sim e do não, a marca da transgressão, do que não é puro e do que não respeita os limites. Voltando à mitologia, encontramos na figura de Dionísio a imagem híbrida da transgressão: o deus nascido de uma gestação feminina (da mãe mortal Semele) e de uma masculina (da coxa de Zeus, que cuidou da gestação depois da morte da amante humana), com feições masculinas e femininas. Apesar de filho de mulher mortal com um deus (o que o tornaria um semideus, híbrido por nascimento), Dionísio é uma divindade atípica da mitologia grega, justamente pelo fato de ter se tornado imortal apesar de ter nascido de uma mãe mortal. Segundo Junito Brandão, como é sabido, a relação entre uma divindade e um mortal geraria um semideus, mas a princesa tebana Semele morreu diante da majestade de Zeus,

provocando o nascimento precoce do filho Dionísio. O bebê foi salvo pelo pai, que implantou o feto na carne da coxa e depois de “completada a gestação na coxa *divina* será uma emanção direta do pai, donde um imortal, figurando a coxa do deus como segundo ventre [...], tal qual o foi a cabeça do mesmo Zeus em relação a Atena” (BRANDÃO, 1992, p. 121-122), que teve criação semelhante. Este segundo nascimento sucedeu a morte do primeiro Dionísio, ainda um feto no corpo de Semele – pois, mesmo de natureza imortal, conheceu a mortalidade: ele foi o único deus do Olimpo que experimentou a morte.

Foi ainda em Atenas, nos cultos a Dionísio, que o Teatro Grego teve origem e os gêneros híbridos já haviam aparecido. No início, o canto coral era chamado de ditirambo (do grego *dithýrambos*, “canto em uníssono”), um coro cíclico acompanhado de dança e mímica, alegre e sombrio ao mesmo tempo, em que havia uma narração, recitada pelo corifeu (cantor principal), e cantos executados pelo coro. Por sua própria natureza, o ditirambo – “canto de louvor a Dionísio” – já era um híbrido para os gregos: uma narrativa com partes de canto coral, este formado por homens vestidos de sátiros – meio bodes e meio homens – servos do deus do vinho, em honra do qual se prestava essa homenagem ritualística, com danças, cantos e muita celebração. Havia, portanto, uma “mistura” entre diferentes gêneros numa única dança.

Vale lembrar que, no capítulo inicial de *A Arte Poética* (1995, p. 239), Aristóteles adverte que os gêneros são diferentes por causa do objeto de imitação, “seus meios não são os mesmos, nem os objetos que imitam, nem a maneira de imitá-los”. Nesse caso, tomar uma característica aqui e uma parte lá, para criar o objeto de imitação, é de responsabilidade do criador do objeto de imitação, formando um único conjunto. O homem, desde a mais tenra idade, cria conforme as observações de um objeto, imitando suas formas, também por prazer em fazê-lo no processo de aprendizagem. Aristóteles admite então que no processo de aprendizagem, sentindo prazer na imitação do objeto, pode-se transgredir os limites dos gêneros aos se acrescentar uma ou outra característica:

É assim que nessas matérias devem se estabelecer as definições. Há gêneros que se utilizam de todos os meios de expressão [...] isto é, do ritmo, do canto, do metro, assim procedem os autores de ditirambos, de nomos, de tragédias, de comédias; a diferença entre eles consiste no emprego destes em conjunto ou em separado (ARISTÓTELES, 2007, p. 24-25).

Aristóteles, já na sua época, observou a transgressão nos gêneros e ressaltou a importância de saber utilizá-los apropriadamente, e não estabelecer definições e complicar seus usos. Transgredir é parte da natureza humana, e o símbolo perfeito disso é Dionísio.

Se Dionísio simboliza o homem híbrido transgressor, aquele que não respeita limites, o seu oposto é Apolo, símbolo do homem dicotômico – o ser de corpo e alma de caráter único. É o ser fracionado que vive de oposições: da barbárie e da civilização, do racional e do irracional, do preto e do branco, do sistema e do discurso, do consciente e do inconsciente, do masculino e do feminino, do puro e do impuro. É a mesma contraposição existente no trágico para justificar o conflito que caracteriza esse homem. Nietzsche (1844-1900) buscou, com base em *O mundo como Vontade e Representação*, publicado originalmente em 1819 por Schopenhauer (1788-1860), apresentar Apolo como o símbolo do *principium individuationis*, o princípio da individuação: a imagem do homem de inabalável confiança, tranquilo durante a tormenta, diferentemente do estado de *embriaguez* que remete à imagem de Dionísio: nas palavras de Nietzsche, na *Tragédia*, “à ruptura do *principium individuationis*, ascende do fundo mais íntimo do homem, sim, da natureza, ser-nos-á dado lançar um olhar à essência do *dionisíaco*, que, trazido a nós, o mais perto possível, pela analogia da *embriaguez*” (NIETZSCHE, 2007, p. 27). Do estado “embriagado” mais profundo da alma vem a quebra com o ser dicotômico com tal violência que vemos então a união desses opostos num só ser.

A partir da unificação dos opostos nasce também o híbrido, graças (ou não) à linha divisória que ultrapassa o desejo de transgredir. A transgressão em si faz parte da natureza do homem; é uma busca, também pelo poder. Exemplo disso é o mito de Édipo⁷, o homem que transgrediu a moral, ainda que de forma inconsciente, ao matar o pai Laio e casar com a mãe Jocasta, tendo filhos com ela. Esse pensamento, a vontade de transgredir, guiou muitas mentes ao longo dos séculos, mentes essas responsáveis por muitas guerras, tragédias, conquistas, colonizações, tratados de paz e holocaustos, sempre uma contraposição entre dois elementos. Somos todos, no final das contas, híbridos e, também, transgressores, provocadores de conflitos. No final das contas, qualquer um pode ser um transgressor, um híbrido provocador de conflitos. Em *Édipo Rei* (1998, p. 99), de Sófocles, a oposição se

⁷ O mito de Édipo foi contado por Sófocles em *Édipo Rei* por volta de 427 a.-C., peça em quatro atos, considerada por Aristóteles o melhor exemplo de tragédia já escrita.

projeta com o começo – no qual Édipo age como juiz e sentenciador diante do povo – e o final – em que Édipo é o criminoso e precisa se autoexilar por conta da própria sentença: “Manda-me para fora deste país o mais depressa possível! Para o lugar onde ninguém me veja, nem possa dirigir a palavra a nenhum ser humano!”. É, no caso, o homem que descobre sua *hybris* – sua origem transgressora, no sentido original de *hyperbaino*, ultrapassar –, ao ouvir a interpretação do mensageiro de Corinto. Sobre a *hybris*, Donald Schüler, em *Do Homem Dicotômico ao Homem Híbrido* (1995, p. 11) esclarece ainda que o homem a *hybris* provoca a própria destruição e desgraça, e seu par, o homem dicotômico, acredita que seu aniquilamento é necessário para trazer ao mundo a paz em lugar do “caos” que o homem dicotômico provocou:

O ancestral do homem híbrido foi o homem da *hybris* – não só etimologicamente. O homem da *hybris* não respeita limites. *Hybris*, como sabemos, deriva-se de *hyperbaino* – ultrapassar. O homem da *hybris* é insolente, transgressor, criminoso, trágico. [...] Embora admirado e aplaudido como herói, o homem trágico, o afetado pela fome de hibridez é severamente punido. Ele não é só autor da peste. Para o homem dicotômico, ele é a própria peste, inimigo da ordem, promotor do caos. Embora lamente a desgraça do homem híbrido, o homem dicotômico julga o aniquilamento dele absolutamente necessário para a saúde do mundo (SCHÜLER, 1995, p. 11).

O hibridismo sempre esteve, portanto, presente nos gêneros e seu significado foi bastante ignorado ao longo dos séculos. A afirmação acima de Schüler permite entender que a noção de caos dentro dos gêneros advém do hibridismo e que haverá uma interminável busca por teorias que possam explicá-los. O hibridismo, ou hibridização, migra, pois, para os gêneros literários, que também, ao longo dos tempos, sendo considerada transgressão às regras clássicas da literatura. É notável, portanto, que entre os gêneros literários e textuais, sempre existisse a preocupação de tentar definir o que realmente era um e outro, tentar definir o que era um gênero essencialmente puro, e não híbridos, e seus diversos nomes, desde o período clássico, com Aristóteles e sua *A Arte Poética* (1995), até o que se conhece hoje como pós-moderno, com Jean François Lyotard e seus estudos de jogos da linguagem e “destruição das metanarrativas que insistem em fazer interpretações teóricas em larga escala com aplicação pretensamente universal”, na era da

sociedade informatizada, conforme afirma Antonio Carlos Xavier em *A Era do Hipertexto* (2009, p. 35).

O que se nota é que, com a dificuldade de encontrar uma definição, há a tentativa de simplificar e afirmar que tudo tem parte de uma ou outra coisa. Victor Hugo criticou a forma como os gêneros eram estudados – como um cadáver por um estudante de medicina: os gêneros eram *dissecados* e neles procuradas todas as suas características, separando-os então em modelos e formas fixas. Havia já nessa época (século XVIII/XIX) uma definição de gêneros, sem quaisquer outras características de um em outro porque poderia ser considerado bizarro, estranho, bastante *grotesco*. Para Hugo, no prefácio da obra *Cromwell*, publicado no Brasil com o título de *Do grotesco e do sublime* (2007, p. 36), é um erro buscar apenas o correto, o perfeito e o belo nas artes, criticando os estudiosos que buscam apenas isso e esquecem a presença do grotesco, a mais rica fonte de inspiração para o artista: “o belo tem somente um tipo, o feio tem mil”. O grotesco possui traços de sublime em si, e isto deveria ser, na verdade, o que se deve buscar no gênero: sua função como elemento sublime.

O romancista tece comentários a respeito da “hibridização” dos gêneros. Cita o caso, como exemplo, da tragicomédia (a junção da tragédia e da comédia): há traços de tragédia na comédia e de comédia na tragédia, “há [na tragédia] naturalidade demais e originalidade demais para que não haja algumas vezes comédia” (2007, p. 29). Essa hibridização é possível graças aos escritores transgressores, artistas que se negaram a seguir os modelos convencionados e protestaram contra a imitação dos modelos, o que poderia prejudicar a criação de novos gêneros: “Sigam as regras! Imitem os modelos! Foram as regras que formaram os modelos!” (2007, p. 62); “Para que se prender a um Mestre? Enxertar-se com um modelo?” (2007, p. 68). Ao se voltarem contra a classificação dos gêneros, os artistas românticos propuseram então maior liberdade de criação artística, principalmente depois que as vanguardas (literárias) proibiram seus seguidores de continuar nos velhos modelos; introduziram inovações nas velhas formas por acreditarem que as mesmas não tinham apenas uma, e sim várias características, diferentemente de como se pensava no período clássico.

Esse pensamento – o de existirem várias características – permanece até hoje conosco, e foi uma vez expresso por Derrida em *The Law of Genre* (1980, p. 65), quando o pensador contestou a própria afirmativa de que os gêneros não

poderem ser misturados⁸, afirmação essa proferida em tom de brincadeira. Ele esclarece: “não existe a marca de um gênero só, e um texto não pode não ter nenhum ou menos gêneros, um texto sem-gênero, pois todo texto participa de um ou de muitos outros gêneros”⁹. Fala então de uma lei contra a lei do gênero (“Eles não podem ser misturados, eu não vou misturá-los”¹⁰): a verdade é que existe uma lei de não pureza dos gêneros, na qual as características de um contamina o outro (ou outros), e que não há limites para tal contaminação e, porventura também, identificação entre os mesmos, pois ao mesmo tempo que se unem num corpus só também se fecham e impedem uma possível classificação¹¹. Desta forma, não é possível classificar um gênero: o gênero é que se classifica¹².

O pensamento derridiano resume em parte os pontos de vista abordados até agora com relação ao hibridismo em gêneros e a tentativa de definição entre eles. De Aristóteles a Derrida, o fenômeno da hibridização se mostrou presente de várias formas e em vários gêneros, como na tragicomédia, no ditirambo e, mais recentemente, em todos os gêneros digitais. Para entender o *fanfiction* como um gênero digital (e, portanto, híbrido), é necessário recorrer à Linguística e adentrar na movimentada rede de um grande texto: o hipertexto.

1.2 Os gêneros digitais

Se o homem híbrido traz o caos, imaginemos a atual sociedade num grande rebuliço ao ter que lidar o tempo todo com gêneros híbridos – digitais – questionando-se a respeito do extermínio que os gêneros digitais promovem: o fim do livro, o fim do papel, o fim do cinema, o fim do CD etc. Há um fim para tudo, exceto para a infinita criação de gêneros. O Fim incomoda na atual sociedade, trazendo questionamentos a respeito das mudanças e rupturas que Xavier, em *A*

⁸ No original: *genres are not to be mixed* (p. 55).

⁹ No original: [...] *a text cannot belong to no genre, it cannot be without or less a genre. Every text participates in one or several genres, there is no genreless text; there is always a genre and genres* [...] (p. 65).

¹⁰ No original: *I will not mix genres. I repeat: genres are not to be mixed. I will not mix them* (p. 55).

¹¹ No original: *It gathers together the corpus and, at the same time, in the same blinking of an eye, keeps it from closing, from identifying itself with itself* (p. 65).

¹² No original: *a text demarcates itself* (p. 65).

Era do Hipertexto (2009, p. 23), chama de Tecocracia, que exige de todos uma forma diferente de pensar, e “uma urgente aprendizagem das novas maneiras de ‘ler’, de ‘escrever’ e de ‘publicar’ fatos, atos e opiniões na rede digitalizada de comunicação”. Esse tipo de publicações ocorre no Twitter¹³ (microblog criado para postagens por celular e que não ultrapassam 140 caracteres), por exemplo, e em redes sociais como Facebook e Orkut¹⁴, fóruns de discussão e *blogs*. A revolução trazida pela Tecocracia abriu espaço para a exposição de ideias e facilitou a publicação e a leitura de textos – narrativas, poesias etc – que também poderiam ser publicadas por uma editora, mas que, na Internet, estão ao alcance de internautas do mundo todo.

Os gêneros digitais se apresentam como uma forma de transgressão entre realidade e virtualidade, do que é real e do que é atual, do “sim e do não”, como foi dito por Donaldo Schüller (citado na epígrafe deste capítulo) ao enunciar o hibridismo – por apresentarem um novo suporte e ferramentas para a divulgação de novas ideias. Isso não quer dizer que eles são híbridos apenas por serem digitais – apesar de trazerem em si a mistura de duas dimensões distintas. Eles trazem um pouco do gênero tradicional que foi seu “ascendente” ou “ancestral”, traz a característica virtual, a mudança do linear para reticular (caracterizado pelo hipertexto e pela própria nomenclatura do ciberespaço: a rede), o novo suporte, que possibilita o uso de textualidades diferentes. O diário íntimo é o blog no mundo virtual, mas traz características diferentes, como a linguagem ou a disposição de *links* aos demais leitores, por exemplo.

Entretanto, é importante observar o “sim” e o “não” dos *fanfictions* virtuais, pois eles apresentam-se como um híbrido de ideias entre autores – aqueles que criaram e os que querem ser criadores de uma mesma obra, além de apresentar a inserção imediata de links e comentários em tempo real na postagem de trechos dos capítulos¹⁵. Os *fanfictions* possuem personagens e histórias semelhantes, mas não idênticas – pois os leitores tentam se afastar do original ao escrever uma nova

¹³ Disponível em: <<http://www.twitter.com>>

¹⁴ Disponível em: <<http://www.facebook.com>> e <<http://www.orkut.com.br>>, respectivamente.

¹⁵ Durante a pesquisa, foi visto que, no caso dos *fanfictions* postados na rede social Orkut (disponível em: <<http://www.orkut.com.br/>>), a postagem de *fanfictions* é feito num único tópico em comunidades específicas, e um capítulo leva em torno de três horas para ser inteiramente postado, pois os autores respeitam o limite de caracteres durante a postagem. Nesse ínterim, enquanto preparam os tópicos, os leitores aproveitam para ler e comentar o que foi atualizado minutos antes. Foi um interessante fato observado e que está reservado a pesquisas futuras.

história, mas precisam de alguma forma se remeter ao original, seja através de uma frase (ou ações, personagens, tempo ou espaço) para que os leitores se interessem em ler a nova história escrita a partir da primeira, original – retalhos ou fragmentos de obras que são costurados a novos fragmentos.

Segundo Irene Machado, em seu artigo intitulado *Gêneros Digitais e suas Fronteiras na Cultura Tecnológica* (2005, p. 121), o chamado gênero digital foi anteriormente chamado de gênero “virtual”, mas teve sua nomenclatura trocada por “digital” para “preservar a noção de enunciado cujo potencial dialógico se revela na passagem de uma dimensão a outra”. A mesma relação dialógica já havia sido observada décadas antes por Bakhtin, no capítulo a respeito do plurilinguismo no romance, presente em *Questões de Literatura e Estética*, publicado originalmente em 1975. No caso dos gêneros digitais, o dialogismo se revela na transmissão dos enunciados individuais e coletivos, de forma livre ou criativa, cuja linguagem nunca se esgota – daí se acreditar que a possibilidade de criação de gêneros ser infinita.

O suporte da escrita e da materialidade verbal favorece ao que se chama *hipertexto*, o meio eletrônico recheado de informações interligadas. Conforme explicação presente no livro *A Era do Hipertexto*, de Antonio Carlos Xavier (2009), o criador do termo, o americano Theodor Holm Nelson, definiu a origem do termo, em sua obra *Literacy Machine* pela primeira vez em 1980, de duas maneiras. A primeira define o hipertexto como uma reunião e unificação de ideias e dados que podem ser facilmente editados por programas de computador, e o segundo o trata como uma “instância com a qual se pode (re)ligar ideias e dados” (XAVIER, 2009, p. 102). É, na verdade, um texto de “escrita não-sequencial, [uma] rede interligada de nós que os leitores podem recorrer de forma não-linear” (NELSON, apud MUCCI, 2010, p. 11) – conceito que remete ao Minotauro, na qual o hipertexto se personifica como um monstro híbrido e o leitor assume o papel de Teseu ao percorrer a malha do hipertexto como se estivesse dentro do labirinto de Dédalo, como afirma Latuf Mucci, no artigo *Para uma retórica do hipertexto* (2010, p. 11): “o hipertexto reconfigura e ressignifica o mito grego do labirinto”. Desta forma, há um acesso melhor à leitura dos mesmos no ciberespaço, fortalecendo os laços com o intertexto, que agora pode ser concebido como a noção que antecipa o hipertexto. Constitui, portanto, um novo sistema de escrita e leitura formado por diversos gêneros, formando um “grande texto”.

A Internet é uma facilitadora no que diz respeito aos novos processos de criação, principalmente quando um novo gênero é bem aproveitado na prática. As pessoas estão profundamente familiarizadas com a chamada *cultura eletrônica*: todos entram em contato com diversos tipos de gêneros digitais, nas mais diversas formas de texto e múltiplas formas semióticas, como sons e imagens. Luís Antônio Marcuschi, no texto *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital* (2005), salienta nesses gêneros digitais emergentes o uso intensivo da escrita, colocando até em questão a relação entre esta e a oralidade como parte fundamental de nossa interação verbal. Conforme Lilia Chaves, no artigo *A Escrita na Internet* (2002, p. 141), não há mais limites na escrita, “uma total ausência das fronteiras”, rapidez e simultaneidade na transmissão das mensagens e fusão, muitas vezes, do oral com o escrito, ou da imagem com o escrito – como acontece com os *chats* por Skype – popular programa desenvolvido para fazer chamadas de telefone pelo computador a um custo muito baixo, com uso de *webcam* e/ou microfone, mas que também permite a conversa por mensagem instantânea no mesmo tempo da ligação. “Assim se processa o ler e o escrever na era da Internet” (CHAVES, 2002, p. 141). Agora o contexto digital não envolve mais a presença física de uma interação conversacional, como ocorre em um encontro face a face, e sim uma interação direta pela escrita a distância, como acontece no caso do código Morse. Esta comparação não envolve, no entanto, a questão da demora na recepção das mensagens, ou seja, o tempo que leva para que a escrita alcance o destinatário. Há efetivamente interação, embora não haja presença física. As palavras de Marcuschi, ainda no mesmo artigo, citando como exemplo o telefone, resumem, em um único parágrafo, o aspecto da interação nos gêneros digitais:

Um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são síncronos [concomitantes], ou seja, são realizados em tempo real e essencialmente escritos. Assim, se com o telefonema, tornou-se um dia impossível continuar postulando a co-presença física dos interlocutores como característica exclusiva da oralidade, já que era possível interagir oralmente estando em espaços diversos, hoje se retira também a necessidade da concomitância temporal. Contudo, é bom ter cautela quando se afirma que algo de novo está acontecendo, pois essa propriedade do bate-papo virtual não implica a importação automática de propriedades da fala. Existem vários

aspectos a serem considerados, pois as novas tecnologias não mudam os objetos, mas as nossas relações com eles (MARCUSCHI, 2005, p. 18).

Um exemplo de como as relações entre objetos mudaram é o *blog*, originalmente criado como uma ferramenta para hospedagem e publicação de textos e dados, como imagens, músicas e vídeos, sem custo algum aos internautas. No entanto, ficou mais popular quando passou a ser usado como uma prática de autoexpressão, ficando conhecido como “diário virtual”, conforme explica Fabiana Komesu, em *Blogs e Práticas de Escrita sobre si na Internet* (2005):

O *blog* é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela Internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais. Os *blogs* possuem, portanto, características diferenciadas dos diários tradicionalmente escritos [...] A aproximação [...] pode ser justificada pela projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais. Quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista. O aparecimento dos *blogs* é ainda bastante recente; como atividade humana, apóia-se em gêneros “relativamente estáveis”, já consagrados, para sua composição. Pode-se, assim, identificar traços do gênero diário na constituição dos *blogs* (KOMESU, 2005, p. 113-114).

Os *blogs* se tornaram, pois, uma alternativa para publicação de textos que se tornou verdadeiramente popular por conta da facilidade de atualização, já que não exige muitos conhecimentos prévios de *webdesign*; são mais práticos para manutenção que os *websites* comuns e possuem hospedagem gratuita em muitos provedores, como os conhecidos *Blogspot*, *Livejournal* e o novato *Wordpress*¹⁶. No mundo todo, estima-se que há mais de dois milhões de “blogueiros”, e sua popularidade se justifica, segundo Fabiana Komesu (2005), pelo fato de permitir a hospedagem de vídeos, imagens, animações e música, além de facilitar a publicação do texto escrito e ter um serviço gratuito. Não se pode esquecer também que essa parcela da população mantenedora de *blogs* faz uso do mesmo como

¹⁶ Portais estão disponíveis em: <<http://www.blogspot.com/>>, <<http://www.livejournal.com/>> e <<http://wordpress.com/>>.

forma de expressão de sentimentos¹⁷. A autora justifica que não é um exibicionismo como no caso da vida particular de celebridades, “mas do cotidiano e das histórias de pessoas consideradas comuns porque não exercem quaisquer atividades que lhes dêem destaque social, a não ser o fato de possuírem um *blog* na rede” (KOMESU, 2005, p. 112). Xavier (2006) afirma que o uso intensivo da rede tornou possível o contato desses jovens com gêneros textuais variados a partir de uma autonomia de aprendizagem: “Eles aprendem fazendo, praticando, experimentando; escrevem e lêem, lêem e escrevem muitas mensagens nesses gêneros” (XAVIER, 2006, p. 106). Isso permite aos jovens, pelo uso intensivo e pela prática, usar de modo diferenciado os mais recentes gêneros, sabendo identificar cada um deles, sem um professor por perto.

Com relação ao gênero *fanfiction*, faz-se ainda a pergunta: O que pode motivar tantos jovens, na condição de fãs internautas, a passar horas navegando, concentrados no contato e produção de gêneros como atividade extraclasse completamente voluntária?

Uma das respostas mais aceitas para isso sugerida por Maria Lúcia Bandeira Vargas, autora do primeiro trabalho sobre *fanfictions* publicado no Brasil, cujo título é *Fenômeno Fanfiction* (2005), é a “oportunidade de interagir com textos de seu interesse, a saber, na maior parte dos casos, textos bem-sucedidos comercialmente [...], cuja presença, no dia-a-dia do jovem, o motive a prolongar o contato com eles” (VARGAS, 2005, p. 14). E, assim como os *blogs*, existe a facilidade de publicação das histórias em diversos sites gratuitos, e a “deixa” na história original para uma possível continuação da mesma, permitindo ao leitor livre expressão dos sentimentos, criado para reparar “alguns dos prejuízos causados pela privatização da cultura, permitindo que esses potencialmente ricos arquétipos culturais falem por e para uma variedade cada vez maior de visões políticas e sociais” (JENKINS, 1998, *apud* VARGAS, 2005, p. 56). O escritor-navegador não é novidade a muitos estudiosos da prática da escrita quando já se conhecem os *blogueiros* e os participantes ativos de tópicos das comunidades do Orkut. Latuf Mucci, em *Para uma retórica do hipertexto* (2010, p. 11) esclarece que essa participação “massiva” de leitores na *web* ocorre por conta desse novo paradigma digital (o hipertexto) – em que o leitor,

¹⁷ Há ainda o caso de empresas, faculdades e mesmo jornalistas que preferem fazer uso da ferramenta para fins profissionais, como é o caso dos *blogs* divulgados na *Folha Ilustrada* da *Folha de S. Paulo* (disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/blogs/>>).

autor e texto “navegam entre diferentes lexias; o leitor, tomado por autor, participa de uma experiência coletiva, nas redes ilimitadas da linguagem”. Isso é mais uma confirmação de que os jovens estão sempre dispostos a ter em mãos o uso de novas tecnologias em atividades de recepção duvidosa pelo sistema escolar e pelo grande público. Esses jovens “parecem ter o hábito de passar horas navegando na Internet não de forma errática, mas concentrados na busca e na leitura de histórias que remetem a um original, cujo apreço é compartilhado por todos os que participam de determinadas comunidades” (VARGAS, 2005, p. 15). Dentro de uma mesma comunidade de fãs internautas, chamado de *fandom*, escrever *fanfictions* ou produzir qualquer outro material por um fã – que Latuf Mucci (2010, p. 16) chama de forma geral de “ficção hipertextual” ou “hiperficção”, pois se “estrutura como um texto labirinto” – são atividades bem recebidas e compartilhadas entre todos os membros.

A *web* possibilitou a inúmeros *fandoms* divulgarem seus trabalhos sobre suas séries favoritas. Segundo Vargas (2005, p. 24), “os consumidores desses produtos encontraram na Internet um instrumento poderoso para a organização do *fandom* e para a divulgação de seus trabalhos como autores”. Esses jovens são verdadeiros consumidores de textos produzidos pela chamada indústria cultural, de um produto de sucesso divulgado pelos meios de comunicação de massa. Os jovens veem o filme, leem o livro e, a partir disso, escrevem suas histórias, valendo-se de suas personagens favoritas. A relação entre fã-autor vai além, conforme Fabiana Mões Miranda (2009, p. 2), que afirma que, dentro dos próprios *fandoms*, há uma *re-criação* de *fanfictions*: histórias que servem de inspiração para terceiros:

Para este público de leitores e para muitos jovens, por exemplo, a ficção de fã tem tanta importância quanto um texto impresso. Muitos autores de *fanfictions* já conseguem ter seus nomes reconhecidos nessas comunidades e suas obras servem de modelo e inspiração para outros leitores. Estes textos assumem, no *fandom*, uma dimensão de “clássico”, paralela às obras de autores renomados da literatura universal. No ciberespaço esta forma de interação se estabelece muito mais tranquilamente do que no mundo “real”. O diálogo se estabelece não porque não exista mais a hierarquia, mas porque a noção do jogo, com seu elemento eminentemente lúdico, permite a coparticipação no ato da construção textual. (MIRANDA, 2009, p. 2).

A partir do comentário de Miranda (2009), pode-se perceber que a relação entre escrita e fãs-autores se torna, desta forma, um interessante jogo. Latuf Mucci,

ainda em *Para uma retórica do hipertexto* (2010, p. 16) afirma que se trata, “sempre, da euforia e do gozo da leitura hipertextual, onde se celebra, mais do que nunca, a cumplicidade entre autor, talvez anônimo, o leitor, quem sabe insuspeito, e o texto, muitas vezes apócrifo”. Sendo assim, os autores de ficções de fãs tornam-se autores “reais” num universo paralelo e as personagens não mais possuem um dono, e o que predomina é o surgimento de uma nova forma de autoria e de coparticipação literária (quando outros internautas participam da construção do texto de outro autor) nos jovens escritores da *web* na construção de um texto.

1.3. Os *fanfictions* como gêneros

As ficções criadas por fãs são mais comuns na Internet do que nas publicações em papel, ligadas a editoras. Não se sabe ao certo quando e de que forma esse tipo de ficção em coautoria (independente da vontade do autor original) surgiu, pois Roger Chartier já comenta, no terceiro capítulo de *Inscriver e Apagar* (2006), a respeito da continuação de *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes, publicado originalmente em 1605. Essa continuação, chamada *Segundo tomo Del Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha, que contiene su tercera salida; y es la quinta parte de sus aventuras*¹⁸ foi idealizada por um editor do século XVII, chamado Alonso Fernandez de Avellaneda, que resolveu continuar as aventuras do cavaleiro medieval. Essa sequência foi composta com base nas últimas páginas da primeira parte da obra, e foi impressa em 1614. Os críticos, entre eles o próprio Cervantes, admitem que a continuação apócrifa de *Dom Quixote* foi escrita com interesse e zelo próprios do novo “autor”, que encontrou, inclusive, “falhas” na primeira parte.

De acordo com Maria Lúcia Vargas (2005), foi na década de 1970 que surgiram as convenções de fãs (*conventions*, em inglês, ou simplesmente *con*), que ficaram mais populares por conta dos intervalos entre as temporadas do seriado americano *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*, 1966). Nessas convenções, os admiradores reuniam-se para discutir sobre o filme ou objeto (livros também) em questão, comprar produtos da franquia, ver exposições e apresentar outras histórias

¹⁸ *Segunda parte do Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha, que contém sua terceira partida, e constitui a quinta parte de suas aventuras* (CHARTIER, 2006, p. 110).

escritas por eles mesmos em prosa (*fanfictions*) ou em quadrinhos (*fanzines*¹⁹). Ali também poderiam receber comentários a respeito dos trabalhos produzidos. Surgiram, então, os chamados *fandoms*, hoje apontados pelos teóricos sociais, entre eles Henry Jenkins, como grandes centros das organizações midiáticas, pois são os responsáveis pelo sustento das vendas de produtos da indústria cultural.

Os *fanfictions* são publicados hoje na Internet, frequentemente nos *websites* exclusivos para postagens das histórias em capítulos. Há *sites* centrados em um *fandom* em particular, oferecendo uma parte dedicada também aos *fanfictions*. Nos dois casos as histórias são classificadas por gêneros, assunto que explorarei no capítulo primeiro. Considerado por alguns como uma espécie de *revanche* da escrita sobre o audiovisual, o *fanfiction* é um modo de expressão saído da cultura popular, como o diz Henry Jenkins, em *Cultura da Convergência* (2009), uma maneira para a cultura de reparar os desgastes cometidos em um sistema em que os mitos contemporâneos são propriedades de empresas e não das pessoas. Jenkins nos introduz aos fãs de *Harry Potter*, personagem principal dos livros do mesmo nome escritos pela inglesa J. K. Rowling, por exemplo, que escrevem suas próprias histórias, enquanto os executivos fazem o possível para impedir e controlar a franquia. Ele afirma ainda que as fanficções conduzem a narrativa a novos patamares, criando um universo que junta partes da história entre filmes (que já são adaptações do livro), quadrinhos, *games*, *websites* e animações.

O autor de *Cultura da convergência* analisa a *fanfiction* como uma maneira encontrada pelo leitor-fã-autor de interagir por mais tempo com as personagens das obras do que o leitor comum. Além de passar horas lendo, o *ficwriter* (escritor de *fanfictions*) tem a possibilidade de manipular a história original de tal forma que cria uma nova obra – tendo à sua disposição personagens já conhecidas pelo público em geral e com um autor original. Se na época das convenções de fãs (nos anos 70 do século XX), era possível fazer quadrinhos e histórias da obra às próprias custas (o que tornava o material algo de raro acesso, pois apenas quem participava das convenções poderia ler e comentar o trabalho de outros fãs-leitores), hoje, com a Internet, e com a facilidade de acesso à rede em todo o mundo, o contato entre fãs que têm em comum o interesse por uma determinada obra ficou ainda maior: agora

¹⁹ Termo que surgiu da expressão em inglês *fan magazines*, ou revista de fãs.

leitores-fãs-autores do mundo inteiro interagem durante horas e até mesmo dias inteiros, uns com os outros, a respeito do objeto de afeição que compartilham.

As antigas convenções promovidas por comunidades de fãs ainda são uma tradição, embora hoje sejam mais escassas. Foram, talvez, transferidas para o ciberespaço. Grande parte dos fãs agora se reúne em *chats* ou fóruns de discussão de vários *sites*, compram produtos nas lojas virtuais autorizadas e publicam suas histórias de fãs em páginas como *Fanfiction.Net*, *MediaMiner.Org* ou *Floreios e Borrões*²⁰. A Internet, portanto, facilitou o acesso aos *fanfictions*, e possibilitou que mais e mais pessoas, antes apenas leitores, se tornassem escritores também.

Esse processo de virtualização das comunidades de fãs – no sentido de promoverem as atividades na *web* para torná-las mais acessíveis a todos – é apontado positivamente pelo filósofo Pierre Lévy, no livro *O que é o virtual?* (2009, p. 18), como um movimento que afeta “os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência”, e não apenas os meios de comunicação e informação. A arte também faria parte desse movimento, promovendo uma nova forma de sensibilidade estética como parte de um processo natural de transformação contemporânea: a arte deixa de ser real e passa a ser virtual – mas isso não é algo para deixar os artistas temerosos, pois a virtualização atua na arte para promover sua força criadora.

Como foi dito anteriormente, *fanfictions* não possuem caráter comercial ou lucrativo, escritas por fãs, utilizando personagens e universos ficcionais que não foram criados por eles. Pode-se, por exemplo, escrever um capítulo extra que segue a história original, mantendo as mesmas personagens (ou se tornar narrador-personagem da história, ou ainda criar novas personagens além das originais, para criar outra história), no mesmo espaço-tempo criado pelo autor verdadeiro, ou em outro universo, um universo alternativo – ou seja, “embora as personagens sejam retiradas de um texto previamente existente, o autor do *fanfiction* cria todo um universo novo para a sua ação” (VARGAS, 2005, p. 66). Esse fenômeno, chamado também de “deslocamento de personagens” por Vargas (2005) é bastante comum nas adaptações de obras literárias em narrativas fílmicas. Um exemplo é o filme *Romeu + Julieta*, dirigido por Baz Luhrmann e lançado nos cinemas em 1996. Os atores Leonardo DiCaprio e Claire Danes vivem os papéis principais da famosa peça

²⁰ Os endereços dos três *sites* estão, respectivamente, disponíveis em: <<http://www.fanfiction.net/>>, <<http://www.mediaminer.org/>> e <<http://fanfic.potterish.com/>>.

de mesmo nome, escrita entre 1591 e 1595, de William Shakespeare (1564-1616), e seus diálogos não diferem em nada, nem mesmo uma palavra a mais, da obra original, apesar de a trama se passar em uma moderna Verona do final do século XX.



Figura 1: cena do filme *Romeu + Julieta* (1996), dirigido por Baz Luhrmann.
Fonte: <<http://www.imdb.com/>>.

Outro exemplo seria um(a) fã poder escrever um conto que acontece no universo ficcional da série *Harry Potter*. Ou escrever uma história que antecederesse aos eventos ocorridos no conto *Venha ver o pôr do sol* (1970), de Lygia Fagundes Telles, que mostrasse de que forma Ricardo concebeu a ideia de se vingar de Raquel e como encontrou o cemitério e ali entrou pela primeira vez, e então imaginar o que vai acontecer depois que ele decide adentrar no local: Ele desce uma ladeira muito íngreme. Quase tropeçou nos próprios pés. Afinal, não é qualquer um que está preparado para descer ladeiras quando não se observa por onde se anda. Uma parte vazia da cidade. Uma rua que tinha fim no velho cemitério da cidade. Era a primeira vez na vida que Ricardo andava por aquelas bandas. Mas ele não se importava. Assim como não se importou de andar sem rumo por horas. As ruas

estavam vazias, ninguém se arriscava a passear por ali depois das oito da noite. Isso acontecia desde que desativaram o cemitério principal da cidade. Era o maior e também o mais bonito. Infelizmente o tempo se encarregou de arruinar os muros, já a ferrugem carcominou o enorme portão de ferro. Ricardo só se deu conta de onde estava quando viu as grades enferrujadas à frente.

Apesar da legislação sobre direitos autorais variar de país para país, de modo geral, escrever *fanfictions* não constitui uma violação da propriedade intelectual, desde que a obra não seja comercializada e nem se obtenha lucro financeiro advindo dela. Da mesma forma, juristas recomendam que o/a escritor/a de *fanfictions* acrescente no início do texto uma pequena nota legal (em inglês, chamada de "*disclaimer*"), na qual declara quem realmente é o detentor dos direitos autorais, esclarecendo também que não se está obtendo qualquer forma de ganho financeiro e nem praticando comércio.

Cada fã pode começar a escrever a partir de uma obra, uma série que serve de carro-chefe, como um ponto de apoio, algo o influencia a escrever vários *fanfictions*, e depois passa a conhecer e escrever sobre outros textos. Algo semelhante aconteceu quando os livros da série *Harry Potter* começaram a ser publicados oficialmente no Brasil, no final dos anos 1990, gerando um grande número de *fanfictions*, além de permitir o aumento do interesse de editoras brasileiras por outras histórias infanto-juvenis de outras séries para o país, embora essas não possuíssem uma legião tão grande de fãs quanto a do bruxo criado pela inglesa J. K. Rowling.

1.4 Um novo tipo híbrido de criador: o leitor-autor-crítico de ficção

Além das ideias híbridas que o inspiram, do suporte do texto que mescla impresso/digital e da possibilidade de, em alguns casos, combinar vários tipos de texto (sons, vídeos etc), o *fanfiction* (desde a sua denominação composta, *fan+fiction*) pressupõe a existência um ser que se apresenta como híbrido. Não se trata de o *fanfiction* não respeitar os limites genéricos, trazendo a marca do “sim” e do “não”, como foi mencionado anteriormente por Donald Schüler, mas sim apresentar-se como fruto de uma criação distinta a partir de um “criador” *híbrido*.

A exemplo de Prometeu (que criou o homem a pedido de Palas Atena e roubou o fogo sagrado dos deuses para dar aos humanos), o *ficwriter* “rouba” as personagens de um outro autor, apropriando-se delas para criar uma nova história e, também, no fundo, para **ser** o autor original. No mundo das ideias, conforme esclarece Platão em *A República* (1978), o caos é organizado pelos Demiurgos, os que tinham controle sobre as ideias “originais” e a criação. Para Platão, a realidade é representada por ideias que não são, nesse sentido, formas abstratas do pensamento. Elas formam uma realidade objetiva, modelando arquétipos eternos das coisas visíveis, imperfeitas e fugazes. Nenhuma das ideias é perfeita, apenas copiada. Assim se apresenta também o *ficwriter* com sua história “copiada” (por assim dizer), enquanto os Demiurgos detêm ainda o poder sobre a obra original.

Além de criador, configura-se como um novo tipo de crítico, um crítico-criador. Na polêmica introdução aos ensaios de *Anatomy of Criticism* (1973, p. 3), Northrop Frye observa que a crítica se manifesta como um parasita que precisa sobreviver graças às obras dos autores: ao ler algum livro ou trabalho, o crítico traduz (e produz) com suas palavras outro tipo de arte, a arte de criticar: “[é] uma forma parasitária de expressão literária, uma arte baseada numa outra pré-existente, *uma imitação de segunda mão do poder criativo*” (grifos nossos). Ao assumir o posto de crítico dentro do *fandom*, o *ficwriter* age como se quisesse que a obra tivesse sido escrita originalmente por ele. Ao lê-la, geralmente faz perguntas do tipo: “E se fosse assim...?” ou “Onde seria que...?”, sem precisar ser um crítico literário de renome, sem conhecer as diversas teorias críticas apresentadas pela Teoria Crítica. Um exemplo de como o leitor-autor age como crítico é discutido por James Iffland, que acrescenta no ensaio *Do we really need to read Avellaneda?* (2001) – a respeito do leitor que escreveu a continuação de *Dom Quixote de La Mancha* dois anos antes de Cervantes –, que esses leitores-autores são realmente críticos: em lugar de escrever um ensaio sobre a obra decidem escrever uma nova história a partir dela.

O *ficwriter* pode ser considerado como uma nova espécie de crítico literário do século XXI. Com a impressionante leva cada vez mais forte de escritores-fãs, produtores atraem cada vez mais leitores, que por sua vez se tornam criadores também, intensificando à sua maneira essa fantástica teia virtual que é o mundo da Internet.

Assim como a criatura de Victor Frankenstein, o *fanfiction* reúne recortes de já conhecidos gêneros, apresentando-se como uma imensa colcha de retalhos híbridos. Há um pouco da presença de cada gênero que os leitores-autores já conhecem: de romance em folhetim, quando os capítulos são postados de semana em semana. Pode ser uma novela, peça de teatro, poesia, pode ter inserção de trechos de música entremeando os parágrafos como se fosse uma “trilha sonora” do capítulo. Os autores sabem diferenciar também o passado e o presente por meio de “convenções”, como itálico ou negrito para o trecho ficar diferenciado ou receber destaque no corpo da narrativa. Cada capítulo é comentado pelos leitores, como na seção de cartas ao leitor das revistas ou jornais. As notas do autor são destacadas no início ou no final de cada capítulo. As notas de autoria, o *disclaimer*, o *beta-reader* (o leitor que é revisor e coautor ao mesmo tempo) e os *sites* que permitem a hospedagem das histórias de fãs são pontos que serão abordados no próximo capítulo.

II FICÇÕES E FANFICÇÕES

Nenhuma leitura pode ser jamais final.

Alberto Manguel

2.1 A importância dos *fandoms*

2.1.1 O leitor, a criação e o prazer da leitura

Antes de apresentar as pesquisas referentes ao leitor e seu relacionamento com a obra literária, gostaria de defender o ponto de vista de Ludmilla, uma das personagens centrais da obra de Italo Calvino (1923-1985), *Se um Viajante numa Noite de Inverno* (2009), a partir de uma cena que poderia muito bem existir na obra.²¹

O Leitor, personagem central e par romântico de Ludmilla, está sentado na ponta da cama e pensava em tomar uma decisão. Isso porque Ludmilla, que o deixou sozinho na caminhada até a editora para conversar com Cavedagna, dissera-lhe uma frase quase fatal.

“Há uma linha limítrofe“. Foram as palavras dela. O Leitor não pode acreditar: como pode uma leitora, uma “leitora de verdade”, como ela mesma afirma, sequer não se aproximar disso? O que ela temeria afinal? Não havia muito mistério para ele. Era apenas uma questão de escolhas. Sim, havia uma linha limítrofe, com o autor de um lado e o leitor do outro, um tentando manter-se o mais afastado possível do outro e agarrar o mesmo objeto. Pelo menos era a ideia que o Leitor formara: imaginou o manuscrito de *Sem temer o vento e a vertigem* no meio de uma “queda de braço” entre ele e Ludmilla, os dois puxando o livro pelas bordas. Atrás deles, um grupo de torcedores. Acabariam rasgando o livro, e Ludmilla fugiria com o final – visto que ela, assim como ele, já tinha lido o começo, e ele ficaria com a parte inicial.

De novo. De tão agoniado, resolveria passar para o outro lado – mesmo se corresse o risco de ser confundido com a maré dos que produzem outros livros.

À primeira vista, não parecia ser algo tão grave. Já havia sido assaltado antes por esse sentimento de ter corrompido o grupo dos leitores e passado para um lado

²¹ A cena em referência se passa no capítulo 5, logo depois que o leitor e Ludimila encontram e leem *Sem temer o vento e a vertigem*, e o Leitor (ou Você) a convida para tomar um café, fazendo um balanço da situação depois de tantos livros encontrados, e Você (ou o Leitor) a chama para ir à Editora achar o livro original de Italo Calvino.

mais sinistro, que não é reservado aos que são simples leitores: não considerar o livro um objeto acabado.

O Leitor, nervoso, tomou sua decisão. Ainda de posse do manuscrito, ele se prepara para, com a espátula imaginária, fazer os cortes necessários na história original. Ela assumiria o caráter do não-ser e do não-ter-sido. A partir do momento que ele, o Leitor, aceitou o fato de que o livro não é acabado e definitivo, teve a chance de assumir outro papel, outra performance, mais cruel e com uma faceta também mais poderosa. Poderia então acrescentar e suprimir, preencher o vazio subjacente provocado pelo término da leitura.

Deixou de ter medo das palavras de Ludmilla. Que sumisse a linha limítrofe, não se importava com mais nada. Não tinha sido ela quem dissera que gostaria que as coisas que lia não fossem tão concretas, que não estivessem todas ali, presentes nas páginas? Como ela se sentiria ao descobrir que fizera uma continuação do manuscrito? Ela poderia alegar que as personagens não eram mais as mesmas, o ambiente não era mais o mesmo, tudo mudou. Mas o que importa? Ela fugira com o final, faria uma leitura solitária. Solitária, quando ele, o Leitor, estava ali o tempo todo. Depois de tudo o que fizera por ela: o telefonema, a visita, as conversas com a irmã, a busca pelo livro perdido, os professores de línguas mortas... Ela o desprezaria por isso? Depois de tudo? E apenas porque passaria para outro lado, o que era pior de tudo.

Foi só então que se deu conta de um pensamento mais alarmante, que o fez remexer-se inquieto na cadeira: teria ele de ser conhecido pelos outros leitores da obra como Autor, e não mais como Leitor?

A cena acima descrita não se passou em momento algum nos capítulos da obra de Calvino. É interessante perceber que muito antes dos estudos sobre o autor na era da Internet e sobre a transformação do leitor em autor, Calvino já apontava o fato no trecho em que Ludmilla, se nega a colaborar na busca por um livro na editora. Nas palavras que a fez proferir, há uma preocupação por parte dela no que concerne ao número de leitores que deixam de somente ler e amar as obras numa proporção inversa ao número de leitores que se envolvem na produção:

Trata-se de uma linha fronteira aproximativa, que tende a desaparecer: o mundo daqueles que se relacionam profissionalmente com livros é sempre mais populoso e tende a identificar-se com o mundo dos leitores. Certamente, também os leitores são cada vez

mais numerosos, mas pode-se dizer que o número daqueles que usam os livros para produzir outros livros cresce mais depressa que o daqueles que se satisfazem em lê-los e amá-los. Sei que, se ultrapassar esse limite, mesmo ocasionalmente, correrei o risco de confundir-me com essa maré que avança (CALVINO, 2009, p. 97).

O medo é justificado pela percepção de um afogamento em uma maré de leitores – e ela não quer desaparecer nisso. Ludmilla se denomina uma “leitora de verdade”, gosta de ler os livros que valem a pena – de “entrar num mundo onde tudo é exato, concreto” e, principalmente, de “sentir uma satisfação pessoal em saber que as coisas são feitas de determinado modo e não de outro” (CALVINO, 2009, p. 36-37). Ela se nega a ultrapassar um limite que a faça enxergar os motivos que leva alguém a escrever, a se envolver de tal forma com a leitura, que passe a usar a escrita para a criação literária.

Seria também um medo de Ludmilla justificado pela impotência de ser uma escritora sem Literatura? Não poderia ser possível, pois a mesma acredita ser uma “leitora de verdade”. Sua expectativa com a criação se resume ao que Gaëtan Picon, em *O Escritor e sua Sombra* (1970, p. 19), chama de “enigma da obra”: um silêncio sem maiores explicações, que fala na quietude, um “sentimento de que a obra é uma espécie de necessidade natural, um diamante sem fissuras que nenhuma oportunidade oferece ao julgamento”. Observa ainda que é inútil insistir em afirmar que a criação em si mesma é uma atividade “bastante obscura, sobre o fato de ser ela um gosto irreduzível a toda consciência intelectual ou estética” (PICON, 1970, p. 15). Ao pôr os pés no outro lado, o sentimento muda. Ao mesmo tempo em que é uma ameaça, Ludmilla teria ou de domesticar ou de repudiar a obra que escreveu.

Para um leitor poder passar para o outro lado da linha limítrofe entre leitores e autores, precisa prestar atenção em dois pontos: a *criação*, recheada de enigma, e o *prazer* que advém da leitura. O pensador francês Gilles Deleuze (1925-1995), no ensaio escrito em 1987, *O Ato de Criação*, compara o momento da criação a uma necessidade que o filósofo sente na hora de propor um conceito, inventar teorias e refletir sobre um assunto. Entretanto, tal necessidade não envolve o prazer, conforme afirma: “Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo que tem absoluta necessidade [...], uma coisa bastante complexa” (DELEUZE, 1987, p. 3). Essa necessidade advém de uma ideia, em qualquer área de interesse pessoal, como em literatura, pintura, cinema, e existe em função de algo, “das técnicas que conheço, posso ter uma idéia em tal ou tal domínio, uma

idéia em cinema ou uma idéia em filosofia” (DELEUZE, 1987, p. 2). Diferentemente dessa visão, Barthes afirma, em *O Prazer do Texto* (1987, p. 8), que a necessidade advém da “possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute”. Entretanto, o fato de ter desejo de escrever com todo prazer garante que o leitor também sentirá o mesmo. Cria-se então um espaço entre ambos – escritor e leitor, que será preenchido conforme expectativas de ambos. É um diálogo invisível, um jogo em que o leitor se permite dizer ao autor: “o texto que o senhor escrever tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura” (BARTHES, 1987, p. 10). Não é apenas saber escrever: é preciso ter domínio, também, da linguagem para levar o leitor ao paraíso da linguagem.

Continua Barthes (1987, p. 8), agora com relação ao prazer, a partir do momento que o prazer flui entre ambos, “a escritura se transforma no *kama-sutra* da linguagem”. Escrever exige, portanto, mais do que simples técnica. Por trás de uma boa escritura, há sempre uma escolha profunda que atingirá a todos os leitores. A necessidade de criar e o prazer tornam-se importantes elementos no processo de descobrir (ou inventar) tanto o mundo, quanto o outro, quanto a si próprio.

Vale frisar que a necessidade de criar não seria possível se não existissem brechas ou motivos no que os escritores leem para que comecem seus trabalhos. O tcheco Franz Kafka (1883-1924), por exemplo, não terminou muita de suas obras, e uma delas, *O Castelo*, escrito em 1922 e publicado *post-mortem*, não tem a última página, pois, segundo o próprio autor no relato a um amigo, os leitores precisavam continuar o texto. Segundo Alberto Manguel, no capítulo *A última página arrancada*, do livro *Uma História da Leitura* (1997, p. 112), Kafka percebeu que “para um leitor, cada texto precisa ser inacabado [...], deixando assim espaço para o trabalho do leitor”. Se há algo para completar, o leitor é quem tomará as rédeas da situação e se propor a continuar a história.

Foi o que aconteceu, por exemplo, na adaptação de *A volta do parafuso* (1898), de Henry James (1843-1916), para os cinemas em 1961, lançado sob o título de *Os inocentes* (no original, *The Innocents*), dirigido por Jack Clayton. Com o sucesso da versão adaptada da obra de James, que contava com Deborah Kerr no papel da governanta Giddens, foi lançado onze anos mais tarde, em 1972, uma prequência da história, *Os que chegam com a noite* (no original, *The Nightcomers*), dirigido por Michael Winner e estrelado por Marlon Brando no papel do Peter Quint – um filme cuja trama revelava a história anterior aos acontecimentos do filme

baseado no romance de Henry James, de acordo com os poucos detalhes aqui e ali revelados pelo narrador. Um “leitor” (o roteirista Michael Hastings) decidiu contar os fatos do que poderia ter acontecido antes, lendo o que foi apresentado no primeiro filme e na obra de James. Winner apresenta no filme, com um roteiro adaptado da obra original, como se deu o envolvimento entre Peter Quint e senhorita Jessel, até culminar nos acontecimentos que levaram à morte dos dois e a chegada da nova governanta das crianças.



Figura 2: cena do filme *Os Inocentes* (1961), baseado no romance Henry James, *A volta do Parafuso* (1898).

Fonte: Produtora *20th Century Fox*.



Figura 3: cena de *Os que chegam com a noite* (1972), prequência de *Os Inocentes*.

Fonte: Produtora *Studio Canal*.

Kafka, numa das cartas – que posteriormente foram organizadas e publicadas por Max Brod, em *Franz Kafka - Briefe 1902-1924* (1998, p. 27) –, escreveu uma vez a outro amigo, um velho conhecido dos tempos da escola, Oskar Pollak (1883-1915), afirmando que todos deveriam ler apenas livros que os deixem incomodados, que os façam se questionar sobre o que leram: “penso que devemos ler somente livros que nos mordam e nos piquem. Se o livro que estamos lendo não nos sacode e acorda como um golpe de crânio, por que nos damos ao trabalho de lê-lo?”²². (p. 27) Retornando às palavras de Manguel, da epígrafe deste capítulo, uma obra não deve ter apenas uma leitura. Nenhum leitor deve considerar uma obra acabada, com um final irredutível e que não abre lacunas para outras possíveis leituras.

O trabalho do intérprete é exatamente isso, penetrar nas fendas do texto, nas entrelinhas, como se costuma dizer, procurar o não dito. Ler é reler, traduzir, imaginar, ressignificar, pensar e recriar, enfim. O que sucede com os leitores que, como o Leitor que contracena com Ludmila, no livro de Calvino, atravessam a barreira que os separa do autor, é uma transformação – uma transgressão. Acontece uma espécie de hibridização – o leitor apodera-se dos instrumentos de trabalho do escritor, e lança-se ao trabalho de (re)criar um mundo de ficção – e torna-se então um leitor-autor. No caso dos *fanfictions*, ele torna-se um leitor-fã-autor.

2.1.2 Os *fandoms*, os leitores, os escritos

O termo *fandom* surgiu a partir da união das palavras inglesas *fan* (fanático) com *domain* (domínio), um *sistema* que designa os lugares gerados, gerenciados e frequentados por fãs consumidores de livros, filmes e programas de televisão. No entanto, o termo não abrange ainda com precisão o significado disso que vai além de uma *comunidade* em torno de um produto.

Os criadores e participantes dos *fandoms* são pessoas comuns, fãs que criam uma *cultura* para ficarem próximos aos ídolos, para passar mais contato com eles ou

²² No original: *Ich glaube, man sollte überhaupt nur solche Bücher lesen, die einen beißen und stechen. Wenn das Buch, das wir lesen, uns nicht mit einem Faustschlag auf den Schädel weckt, wozu lesen wir dann das Buch?* (p. 27).

também representar seus personagens favoritos. Trata-se do que Henry Jenkins chama de *cultura participativa*, na qual o consumidor não é mais visto como alguém “passivo” pelas corporações, proprietárias dos produtos de que mais gostam. O termo sugerido é explicado por Jenkins no livro *Cultura da Convergência* (2009, p. 30): uma noção que não vê o espectador/leitor como alguém passivo diante dos meios de comunicação, mas sim como um consumidor que interage também com as grandes corporações e com os conteúdos favoritos, interagindo com eles: “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana”. A *fancultura*, o fenômeno por trás dos *fandoms*, é um dos pontos centrais de estudo das novas mídias, e completamente diferente do que se conhece como cultura popular e de massa.

A interatividade em *fandoms* na criação dos gêneros anteriormente discutidos no primeiro capítulo reaparece na discussão do envolvimento dos membros dos *fandoms* com o produto. É uma espécie de jogo, pois traz possíveis leituras, uma cultura própria e possui uma vantagem de ter uma interatividade imediata, com compartilhamento de arquivos, troca de histórias de vida e experiências entre leitores, em fóruns de discussão e em sistema de comentários de *blogs*, por exemplo.

Os integrantes dos *fandoms* criam gêneros em torno do produto que elegeram para “cultuar”, como os *fanfictions* (histórias em prosa), *fanarts* (ilustrações), *fanfilms* (filmes com baixo orçamento), *fanzines* (história em quadrinhos em impressão de baixo custo) etc, porque não se limitam somente aos produtos pré-fabricados, conforme explica Henry James, no livro *Textual Poachers* (1992, p. 46): “os fãs não consomem simplesmente histórias pré-fabricadas; eles produzem à mão seus próprios *fanzines* e romances, desenhos, canções, vídeos e apresentações”²³. O *fandom*, sob este ponto de vista, torna-se um interessante objeto de estudo para muitos sociólogos midiáticos, como um ambiente (de comunidades) que tem repercussão em diversas áreas por seu caráter comunicativo e interativo. Os fãs são reconhecidos como parte essencial deste processo, conforme cita Jenkins:

²³ No original: *Fans do not simply consume reproduced stories; they manufacture their own fanzine stories and novels, art prints, songs, videos, performances etc* (p. 46).

As mídias corporativas reconhecem cada vez mais o valor e a ameaça da participação dos fãs. Produtores de mídia e anunciantes falam hoje em “capital emocional” ou “lovemarks”, referindo-se à importância do envolvimento e da participação do público em conteúdos de mídia. Roteiristas e outros criadores pensam em narrativa, hoje, em termos da criação de oportunidades para a participação do consumidor (JENKINS, 2009, p. 235).

Tendo em mente que nesse novo círculo literário os integrantes agem como se estivessem num clube de leitura, o livro não é mais uma obra fechada com uma história já acabada, mas sim um objeto que pode se adaptar a várias expectativas e à criação de novos gêneros, segundo Fabiana Miranda em *Fandom: um novo sistema literário digital* (2009, p. 1): “Este novo leitor, que nasceu na era virtual, não aceita uma recepção passiva e não entende a leitura como uma atividade isolada”. A relação entre livro e leitor muda, desta vez, para um relacionamento entre admirador e objeto admirado, no qual o mesmo se vê como um integrante também da obra. É incapaz de ser passivo em relação ao desenrolar da história e sente-se livre para fazer associações e combinações entre gêneros e histórias. Comenta, faz crítica, resumos e intervenções nas obras, através de comentários e vídeos disponíveis na Internet.

2.2. A criação literária na web

O termo ciberliteratura ainda é bastante novo e sua definição abarca ainda muitas dúvidas. Usada no início do fenômeno da Internet para designar as bibliotecas virtuais e os *e-books*, livros em formato Portable Document Format (.pdf) ou documento Word (ou seja, livros já existentes no mundo impresso e que passaram para o ciberespaço digitalizados ou em modo imagem, escaneados), a expressão abrange também (e principalmente) as obras criadas por meio da máquina e das possibilidades oferecidas no ambiente virtual. Mas, de acordo com as teorias estudadas por Pedro Barbosa em *A Ciberliteratura – criação literária e computador* (1996) e divulgadas também pelo Centro de Estudos sobre Texto

Informático e Ciberliteratura, o CETIC²⁴, situado em Portugal, a ciberliteratura é a criação e disponibilização de textos pelo computador, envolvendo mídias como vídeo, música ou interação no espaço virtual. Barbosa acredita que essa nova forma de criação literária abriu um novo horizonte de recepção e escrita, chamada também por ele de "literatura algorítmica" ou "infoliteratura". Escreveu um livro eletrônico, *a Teoria do Homem Sentado*, em 1996, disponível no site do CETIC, que na verdade é um gerador automático de textos²⁵. O leitor que entra em contato com a máquina começa a produzir textos em prosa ou verso que são, na verdade, gerados pelo computador – daí o nome *Literatura Gerada pelo Computador* (outra denominação para ciberliteratura da qual o autor faz uso), sugerindo que qualquer pessoa pode sentar em frente ao computador e gerar um texto com um *clique* de mouse. Esse projeto faz parte uma nova forma, mais criativa, de pensar o uso do computador como manipulador de signos verbais, não apenas como uma máquina armanezadora e transmissora de informações.

Dessa forma, as poesias virtuais, as postagens dos *blogs* literários e/ou os *fanfictions* (textos em prosa ou versos) fazem parte da ciberliteratura, porém não são (grande parte das vezes) gerados automaticamente pelo computador; são escritos, pode-se dizer, de forma tradicional, linear. A diferença é que são digitados no computador (como antes eram datilografados) ou manuscritos etc. Nos *fandoms*, escrevê-los constitui uma das maiores práticas, pois o que é escrito é lido e comentado, e sempre novas ideias surgem para os novos autores. O trabalho de Miranda, *Harry Potter – repaginando o sistema literário* (2008), apresenta essa dinâmica usando como exemplo o final da saga *Harry Potter*, na qual os participantes do *fandom* da série apresentam finais alternativos para o final "real", e muitos dos trabalhos foram apresentados em forma de *fanfictions*, *fanarts* e canções.

Nestes tempos de possibilidade de criação de mais e mais gêneros digitais, os leitores-autores são vistos como praticantes habilidosos de leitura e escrita fora do ambiente escolar. Quando utilizam essas práticas em aula, entretanto, passam por diversas tradições das práticas de letramento e ainda tem seus escritos avaliados pelos professores para receberem uma nota no final do período letivo. As leituras obrigatórias e demais conhecimentos são passados dos professores aos

²⁴ Disponível em: <<http://cetic.ufp.pt/>>.

²⁵ Disponível em: <<http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>>.

alunos como se eles fossem recipientes prontos para serem preenchidos pelo conhecimento dos autores. Os exercícios tradicionais de leitura e escrita na escola não trazem o estímulo e prazer que os novos autores encontram nos gêneros na *web*, e a escrita de *fanfictions* é, então, para o aluno, uma atividade *offline* às instituições de ensino, praticada geralmente dentro dos *fandoms*, e com boa receptividade. Inseridos nesse meio, os leitores-autores podem fazer críticas, “opinar sobre [as] qualidades e defeitos e fazer sugestões sobre a linguagem, trama ou personagens” (VARGAS, 2005, p. 81). A partir de então, alguns, na condição de fãs, aventuram-se a criar as histórias e a publicá-las na internet.

2.3. Os principais *websites* de histórias

Muitos são os domínios que hospedam *fanfictions* na *web* – de domínios privados/pagos ou hospedados em *blogs* por conta da facilidade da manutenção ou por não precisar pagar um servidor. Digitando a palavra “*fanfiction*” no buscador do Google²⁶, por exemplo, cerca de um milhão de páginas, filtradas entre *blogs*, *sites* pessoais, portais e as citações, aparecem como resultados, com seus respectivos *fandoms* como opção de busca. Os portais de hospedagem de *fanfictions* são mais raros de se encontrar, principalmente no Brasil, pois exigiria um servidor mais estável e de alto custo. O primeiro *website* que tentou servir de portal ao *ficwriters* brasileiros foi o Fanfiction Brasil, em 2002. Contando com um vasto acervo, possuía um sistema de comentários ligado à conta do usuário, mas que não era visualizado pelos outros leitores – pois chegava como um email comum diretamente na conta do *ficwriter*.

Depois de quase dois anos no ar, o único mantenedor do *site* precisou fechá-lo por conta dos custos – o Brasil ainda avançava nessa época com a banda larga, então era extremamente difícil e caro manter uma *homepage* com uma discagem comum de Internet, sem contar que meses antes o *site* passou a ser processado porque os leitores/*ficwriters* adolescentes de *Harry Potter* começaram a traduzir por conta própria capítulos de um dos volumes da saga, lançado apenas alguns dias

²⁶ Disponível em: <<http://www.google.com/>>.

antes no exterior. Com o fechamento, o próprio mantenedor do *site* indicou a migração ao Fanfiction.Net, o maior hóspede para as histórias e que aceitava também publicações em língua portuguesa, além de alguns outros *websites* que, mesmo sem o acervo de histórias em português, tinham espaço para os que queria ler ou escrever histórias em inglês ou espanhol.

O Fanfiction.Net, o maior e mais conhecido da categoria, com recursos que chamam a atenção, facilitam a publicação das histórias e incentivam muitos jovens a permanecerem lá. Criado em 1998, por Xing Li, nos Estados Unidos, é mantido hoje por uma grande equipe de *webdesigners* composta por mais de 40 pessoas. Em 2001, por conta da intensa leitura e publicação de *fanfictions* de categoria MA (para maiores de 18 anos por conter ou cenas de violência ou conteúdo erótico), sem nenhum tipo de controle e supervisão parental, a equipe banuiu a postagem desse tipo de histórias de conteúdo maduro.

O *site*, conhecido por ser o maior hóspede desse material no mundo, vive em constante reformulação do visual para continuar agradando aos olhos dos leitores. Criado por volta do ano 2000, com o slogan “*Unleash your imagination and free your soul*” [“Solte sua imaginação e liberte sua alma”], oferece histórias em mais de trinta línguas e chamou a atenção dos primeiros escritores (*ficwriters*²⁷) da categoria.



Figura 4: Logo do *Fanfiction.net*.
Fonte: <<http://www.fanfiction.net>>.

A página inicial do Fanfiction.Net apresenta ainda as principais categorias com histórias criadas: *Anime/manga*, *Movies*, *TV Series*, *Books*. Clicando-se na categoria interessada, abre-se outra página com as principais séries da mesma categoria. Se alguém escrever uma história qualquer, mesmo que não seja tão

²⁷ Como já dito anteriormente, termo inglês que designa os escritores de *fanfictions*.

conhecida, e quiser hospedá-la no *site*, precisa somente mandar um *e-mail* e solicitar a categoria e ela será adicionada no *site*.

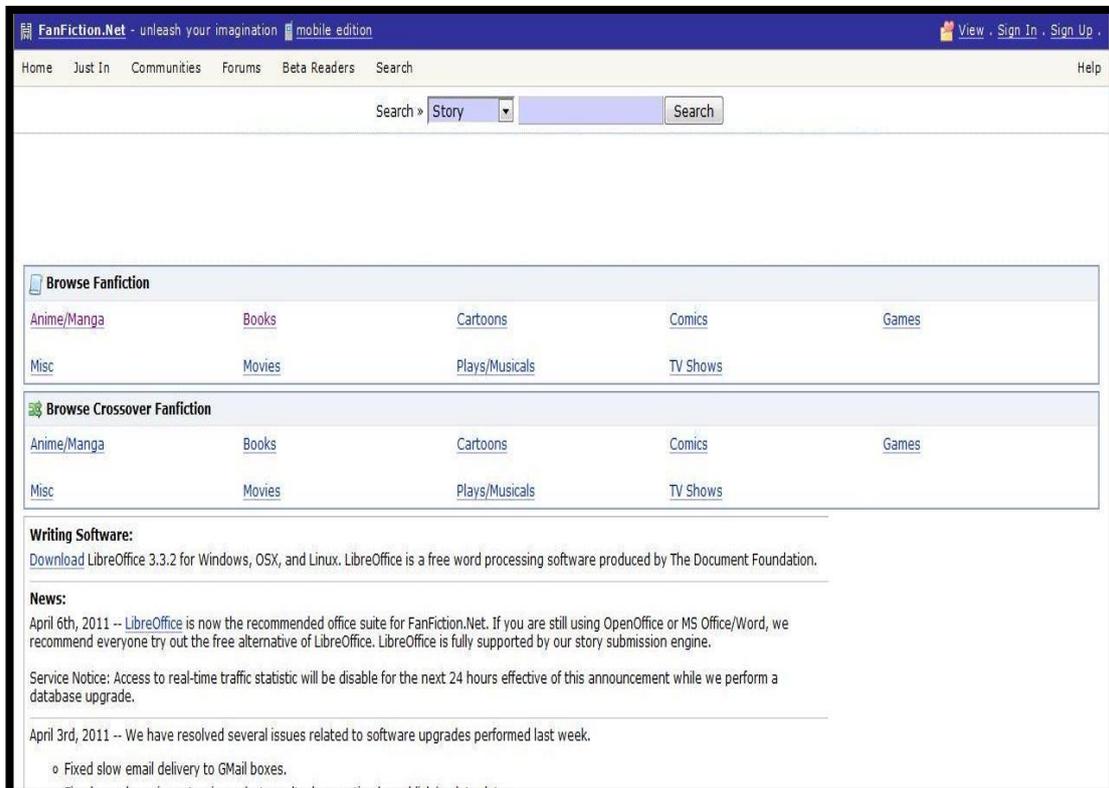


Figura 5: Nova página inicial do Fanfiction.Net.
Fonte: <<http://www.fanfiction.net>>.

As categorias apresentam, por conta da diagramação/tamanho de página, vinte e cinco histórias catalogadas por ordem de atualização de histórias ou publicação (no caso daquelas que possuem apenas um capítulo). Os *fanfictions* anteriormente atualizados podem ser acessados através de um botão no final da página. Cada uma tem um título próprio e ao seu lado está o *link* do nome do autor, que usa geralmente um *pennname*²⁸ ligado ao *fandom* de interesse. Além disso, para cada história é obrigatória a apresentação de um resumo em até 255 caracteres, e o autor precisa ainda escolher dados importantes para a hospedagem, como: *rating* –

²⁸ Termo inglês que designa os nomes de autores de *fanfictions* e pelo qual eles são conhecidos dentro do *website*. Os *pennames* precisam ser únicos, pois dois *ficwriters* não podem ter nomes iguais para não comprometer o endereço que o Fanfiction.Net oferece para criar o perfil deles.

classificação etária conforme o padrão americano, língua, gênero (romance, comédia, suspense, aventura), número de capítulos, número de palavras, quantidade de comentários (*reviews*), data de atualização e a data de publicação.

7. Os melhores anos de nossas vidas » *reviews*

Bella Cullen perde a memória dos últimos quatorze anos e conta agora com a ajuda de um homem que diz ser seu marido, de seus filhos e das famílias que os unem para recuperar as lembranças perdidas.

Twilight - Rated: T - Portuguese - Family/Romance - Chapters: 2 - Words: 3,315 - Reviews: 28 - Updated: 12-13-10 - Published: 11-13-10 - Bella & Edward

Figura 6: Exemplo de apresentação de um fanfiction do *fandom Crepúsculo*: título, com número de comentários (*reviews*), resumo da história, e classificação dela, incluindo língua, número de capítulos, data de publicação, atualização, e *rating*.

Fonte: <<http://www.fanfiction.net/>>.

Com relação ao acervo, é importante observar que, quanto mais séries/filmes/livros são divulgados pelas distribuidoras (no sentido de ter livros a serem ou recentemente lançados ou produção de filmes ou *spin-offs*), mais populares os *fandoms* se tornam e mais material os fãs produzem. Em relação aos *fanfictions*, isso não é diferente. Com a divulgação de material novo pelas editoras, mais fãs “arriscam” a publicar ficções de fãs (ou *fanzines* ou *fanfilmes*) em diversos *websites*. No caso da página americana, segundo o *site* Fanlore.Org, com base nos dados fornecidos pelo Fanfiction.Net todos os anos, atualmente as categorias com mais histórias publicadas são as seguintes:

Tabela 1: Categorias com mais publicações de histórias no Fanfiction.Net.

Posição	Fandom	Categoria
1°	<i>Harry Potter</i> ²⁹³⁰	Livros; filmes
2°	<i>Naruto</i> ³¹	Animes/Mangás
3°	<i>Twilight</i> (saga <i>Crepúsculo</i> , no Brasil) ³²	Livros; filmes
4°	<i>Inuyasha</i> ³³	Animes/Mangás
5°	<i>Kingdom Hearts</i> ³⁴	Animes/Mangás; Videogames
6°	<i>Yu-Gi-Oh</i> ³⁵	Animes/Mangás
7°	<i>Bleach</i> ³⁶	Animes/Mangás
8°	<i>O senhor dos Anéis</i> (Trilogia) ³⁷	Livros; filmes
9°	<i>Supernatural</i> ³⁸	Séries de tevê
10°	<i>Buffy: a caça-vampiros</i> ³⁹	Séries de tevê

Fonte: Fanlore. Org (2011). Disponível em: <<http://fanlore.org/wiki/FanFiction.Net>>

O *rating* é seguido à risca pelos *ficwriters* sob pena de punição por parte dos moderadores, que podem inclusive excluir um autor que tiver mais de três infrações no *site* em último caso. Algumas dessas punições são consideradas “pesadas” por parte dos membros, como exclusão do *fanfiction*, caso não esteja devidamente classificado nos padrões oferecidos pelo Fanfiction.Net. No Brasil, os *ficwriters* seguem a classificação conforme a tabela a seguir:

²⁹ Possui todos os livros traduzidos e publicados no Brasil. Os filmes da saga também foram exibidos nos cinemas brasileiros, com exceção do último, *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2* (com previsão de lançamento mundial para 2011).

³⁰ Todas as referências sobre popularidade dos fandoms da tabela são com relação à presença (distribuição por editoras e exibição em canais abertos ou pagos) no Brasil.

³¹ É exibido pela tevê brasileira, possui os DVDs com os primeiros episódios da saga licenciados por uma distribuidora brasileira.

³² Os livros, bem como os almanaques e livros de *spin-offs* da saga, por exemplo *A breve vida de Bree Tanner* (MEYER, 2010), foram publicados no Brasil. No mundo todo a adaptação fílmica do último livro da saga, *Amanhecer* (MEYER, 2008), está sendo aguardada para 2011 (primeira parte) e para 2012 (segunda parte).

³³ A série animada já foi exibida em tevê aberta no Brasil, e a série em quadrinhos (*mangá*) foi publicada pela Editora JBC.

³⁴ A série animada é exibida no exterior. No Brasil, o videogame é licenciado.

³⁵ A série foi exibida na tevê aberta, e teve a série em quadrinhos (*mangá*) também publicada pela Editora JBC.

³⁶ A série ainda não foi exibida pela tevê aberta, mas a série em quadrinhos é publicada pela editora Panini, e a produtora e distribuidora Playarte lançou os DVDs da primeira temporada em 2009.

³⁷ A trilogia do inglês J. R. R. Tolkien (1892-1973), tanto em livro quanto em filme, foi publicada no Brasil.

³⁸ A série foi exibida pela tevê aberta brasileira, é exibida pelos canais pagos também.

³⁹ A série já foi exibida por dois canais abertos no Brasil.

Tabela 2: Tabela de classificação etária de acordo com os padrões americano e brasileiro.

RATINGS	
Padrão americano	Padrão brasileiro
K	Classificação livre
K+	A partir de 10 anos
T	A partir de 12 anos
M ou R	A partir de 16 anos
MA ou NC-17	A partir de 18 anos

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela de classificação etária é, segundo o portal brasileiro do Ministério da Justiça⁴⁰, organizado de forma metodológica em três fases distintas para se chegar a uma conclusão para qual tipo de público um programa (novela, seriado, filme) ou um produto (videogame ou livro), seguindo também como base a classificação indicativa de outros países⁴¹. Primeiramente há a descrição da obra: ações das personagens, conduta, presença e grau de nudez, tipo de violência abordada e o tipo de droga envolvida. Numa segunda fase, essas descrições são avaliadas conforme sua expressividade – se respeitam, principalmente, os valores morais e familiares dos consumidores. Por último tem-se a classificação do programa, que vão desde “livre” (destinado a todo público, sem restrição de idade) a “Não recomendado para maior de 18 anos”. Vale salientar que toda programação da televisão brasileira possui essa classificação, e o Ministério da Justiça sempre atende a todas as sugestões e reclamações dos consumidores que procuram a ouvidoria⁴².

Com relação aos sites que hospedam *fanfictions* no Brasil, também há uma segurança e controle pela equipe de manutenção na classificação das histórias publicadas. O *Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online*, um dos sites pesquisados, possui o acervo desde “livre” até a “não recomendada para menores de 16 anos”

⁴⁰ Disponível em:

<<http://portal.mj.gov.br/Classificacao/data/Pages/MJ6C4030FEITEMID310E0ACFA9C947768D37A099214B6170PTBRNN.htm>>.

⁴¹ A relação pode ser consultada em <

⁴² Uma das formas de atendimento é por mensagem eletrônica enviada através de um formulário pelo site: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={1FE1DEEC-3665-4D55-8BEC-3B237F2A41F3}>>.

liberado para a leitura geral dos internautas, mas bloqueado quando se trata de histórias classificadas como “para maiores de 18 anos”. O acesso das mesmas só é possível através de senha e da comprovação da maioridade para usuários cadastrados⁴³. Percebe-se, portanto, que os hóspedes brasileiros estão tendo cuidado no controle do que é divulgado e com o público que lê, sempre esclarecendo as classificações e o porquê disso.



Figura 7: Campanha do Ministério da Justiça para conscientização de pais e educadores sobre a faixa etária indicativa sobre o que é visto por menores de idade.

Fonte: <<http://portal.mj.gov.br/classificacao/>>.

Alguns outros *websites* são atualmente os principais locais que hospedam os *fanfictions*, com estabilidade de um servidor mantido pelos próprios usuários. Interessante é perceber que muitos foram criados após a restrição do Fanfiction.Net quanto à publicação de material adulto, e se mantêm com a publicação e divulgação de histórias para maiores:

⁴³ Mais sobre a classificação do site pode ser encontrado na própria página, disponível em: <<http://www.ffsol.org/portal/classificacoes.php>>.

a) **Mediaminer.Org**: é um *site* criado em 2000 por um grupo de amigos no Canadá. Diferentemente do Fanfiction.Net, o Mediaminer não possui restrições quanto à publicação de histórias para maiores de 18 anos, mas oferece poucos recursos para hospedagem, como línguas estrangeiras, por exemplo. Hoje é permitido a publicação de histórias em inglês, espanhol, francês, alemão, japonês e chinês.

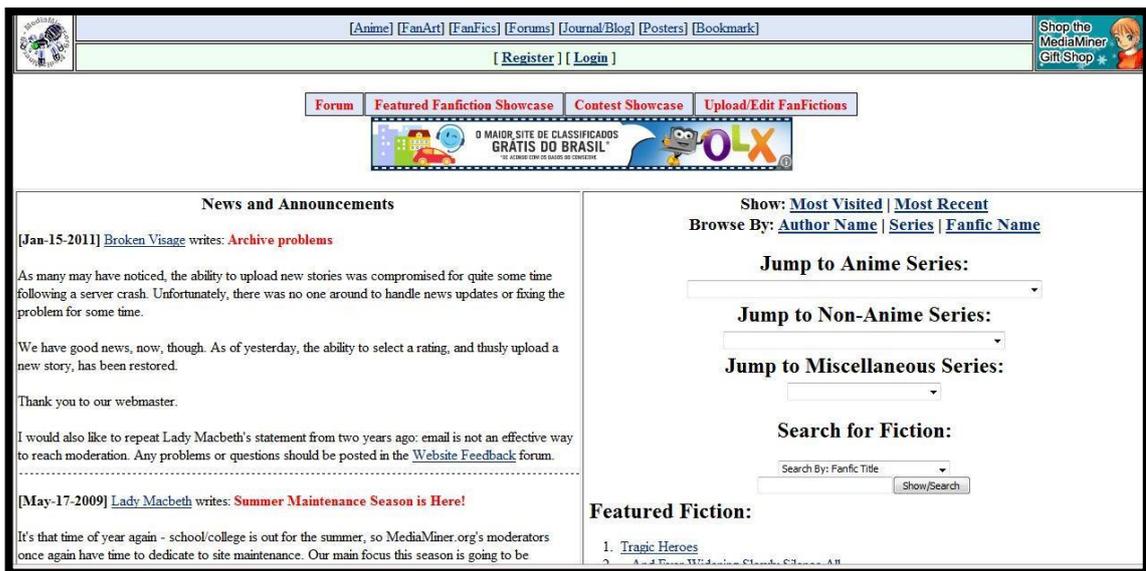


Figura 8: Página inicial do *Mediaminer.Org*.

Fonte: <<http://www.mediaminer.org/>>.

b) **Adultfanfiction.Net**: o mais conhecido *site* de *fanfiction* de conteúdo adulto em língua inglesa da *web*, para onde muitos dos escritores/leitores prejudicados pelas restrições do Fanfiction.Net migraram. Foi criado nos Estados Unidos em 2002 e possui também uma seção para as histórias originais e um fórum. O sistema de comentário é bastante semelhante ao dos dois *sites* anteriormente citados. Para ter acesso ao conteúdo, é preciso antes fazer uma assinatura digital na página de verificação de idade.

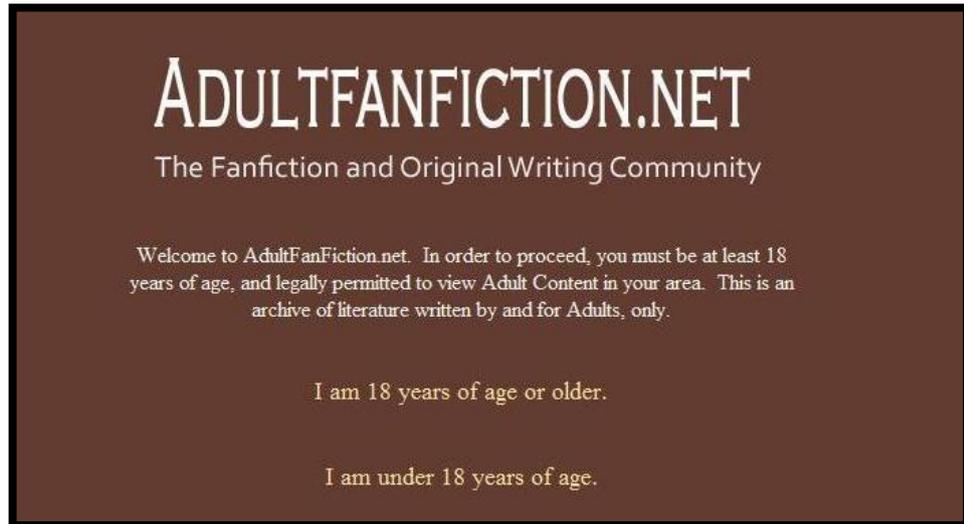


Figura 9: Página de verificação de idade do Adultfanfiction.Net
Fonte: <<http://www.adultfanfiction.net/>>.



Figura 10: Página inicial do Adultfanfiction.Net
Fonte: <<http://www.adultfanfiction.net/>>.

- c) Restricted Section:** conhecido site que hospeda *fanfictions* de conteúdo adulto da série *Harry Potter*, criado em janeiro de 2002, após a proibição e remoção de histórias da seção em inglês da saga no Fanfiction.Net, explicado na página inicial antes de acesso ao conteúdo⁴⁴. Não é preciso cadastro para

⁴⁴O grupo esclarece: “Com a decisão de Fanfiction.Net de remover todas as histórias NC-17 (para maiores de 18 anos), um grupo de autores de *fanfictions* de *Harry Potter* decidiu abrir um novo acervo dedicado ao Potterfic adulto”. No original: *In the wake of Fanfiction.net's decision to remove all NC-17*

acessar as páginas, embora tenha uma página para adquirir um nome de usuário e senha – apenas para maiores de 18 anos. Na página inicial há também o alerta para o tipo de história que pode ser encontrada ali.

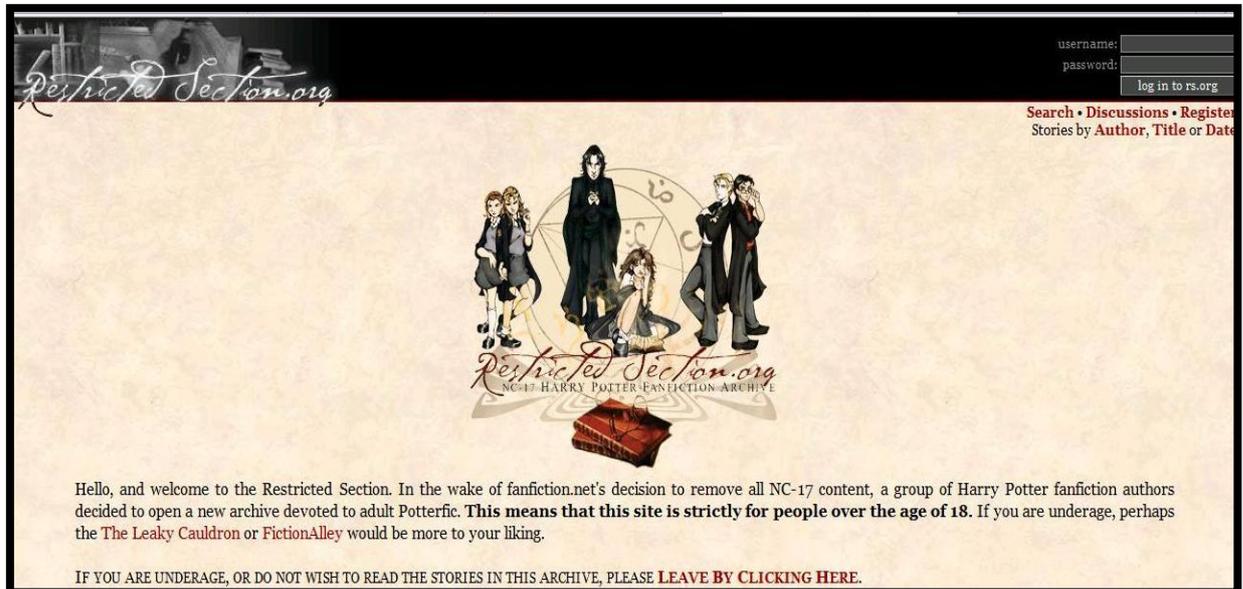


Figura 11: Página inicial do *Restricted Section*, de *fanfictions* da série *Harry Potter*.

Fonte: <<http://restrictedsection.org/>>.

Um caso especial é o **FictionPress**⁴⁵, um *site* que hospeda histórias de ficção com personagens originais, o que o diferencia dos *fanfictions* comuns, que se valem de personagens já popularizadas. Foi criado pela equipe que mantém hoje o *site* do Fanfiction.Net, sob o lema *Let the words flow* [*Deixe as palavras fluírem*], e o visual da página lembra muito o do *site* que a originou, pois o objetivo era aproximar o máximo possível os usuários do outro *site* com um ambiente mais “familiar”. O número de histórias publicadas e de usuários cadastrados é alto por conta da divulgação que o Fanfiction.Net fez durante muitos meses.⁴⁶

content, a group of Harry Potter fanfiction authors decided to open a new archive devoted to adult Potterfic.

⁴⁵ Disponível em:< <http://www.fictionpress.com/>>.

⁴⁶ A divulgação, como uma espécie de propaganda para promover o *site*, saiu das páginas iniciais depois de alguns anos, mas permanece ainda nos *guidelines* do *site*, como consta em <<http://www.fanfiction.net/guidelines/>>.

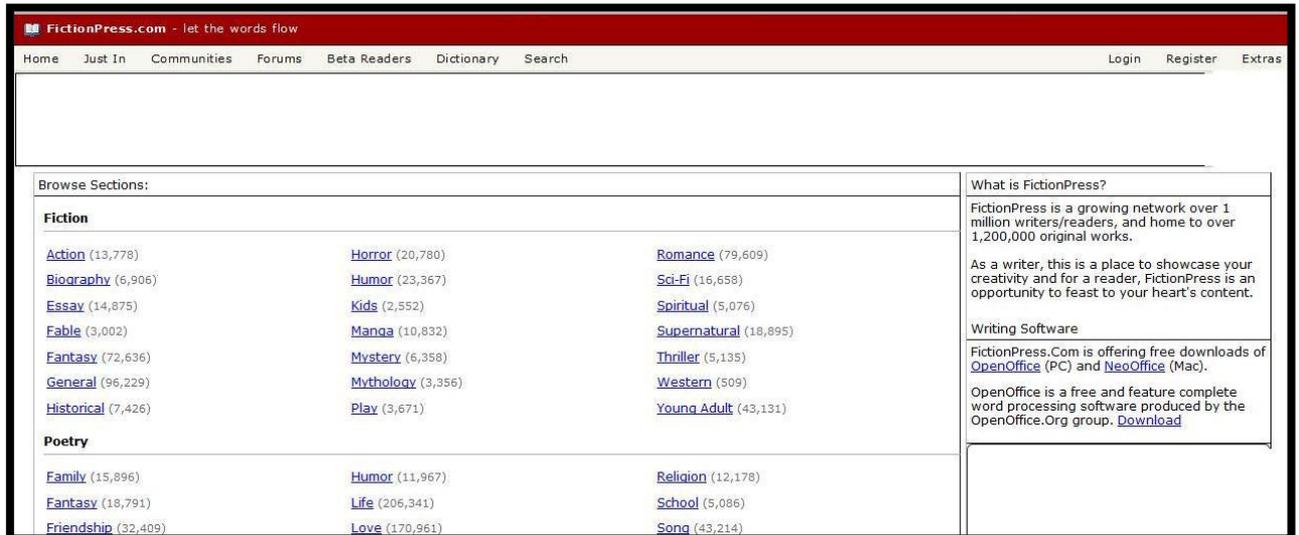


Figura 12: Página inicial do *FictionPress*, dedicado a histórias originais.
Fonte: <<http://www.fictionpress.com>>.

No Brasil, são três os sites mais conhecidos atualmente de *fanfictions*:

- d) **Floreios e Borrões**: é o mais conhecido e mais antigo hóspede de *fanfictions* do *fandom* Harry Potter, criado em 2002 por fãs brasileiros da série, e possui um espaço amplo para discussão da história tanto no sistema de comentários quanto nos fóruns de discussão.

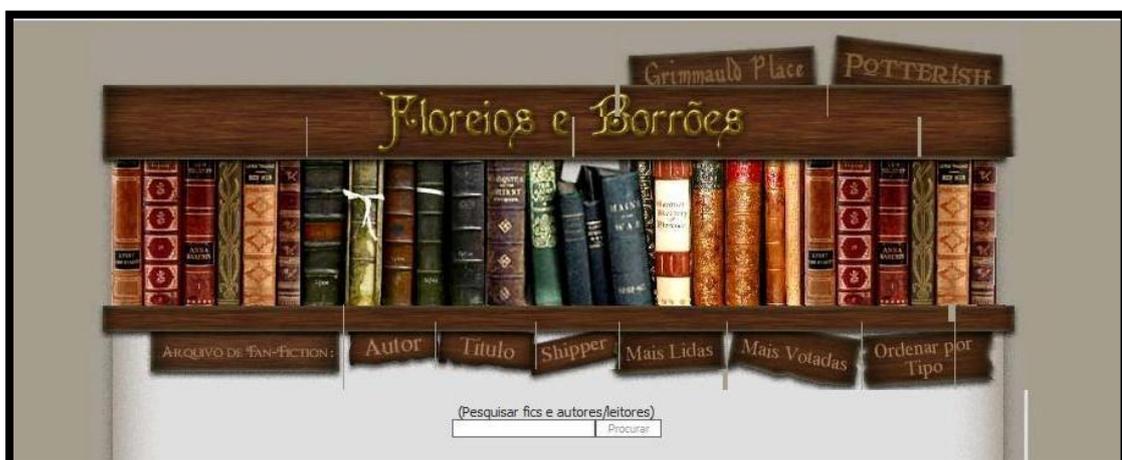


Figura 13: Página inicial de *Floreios e Borrões*.
Fonte: <<http://floreioseborroes.net/>>.

- e) **Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online:** *site* que hospeda tanto desenhos quanto histórias, criado em 2004 por um grupo de fãs de *anime* (desenhos japoneses), participantes ativos de um antigo fórum de discussão brasileiro. A postagem dos capítulos era anteriormente realizada apenas pela equipe de manutenção – os *ficwriters* precisavam enviar os escritos por *email* para revisão de conteúdo. Antigamente também não eram permitidas histórias de conteúdo erótico; hoje o acesso é destinado aos membros maiores de 18 anos através de senha. O *site* possui também um fórum para a discussão em conjunto das histórias hospedadas, além de concursos anuais para eleição e divulgação de histórias e autores nas mais diversas categorias.

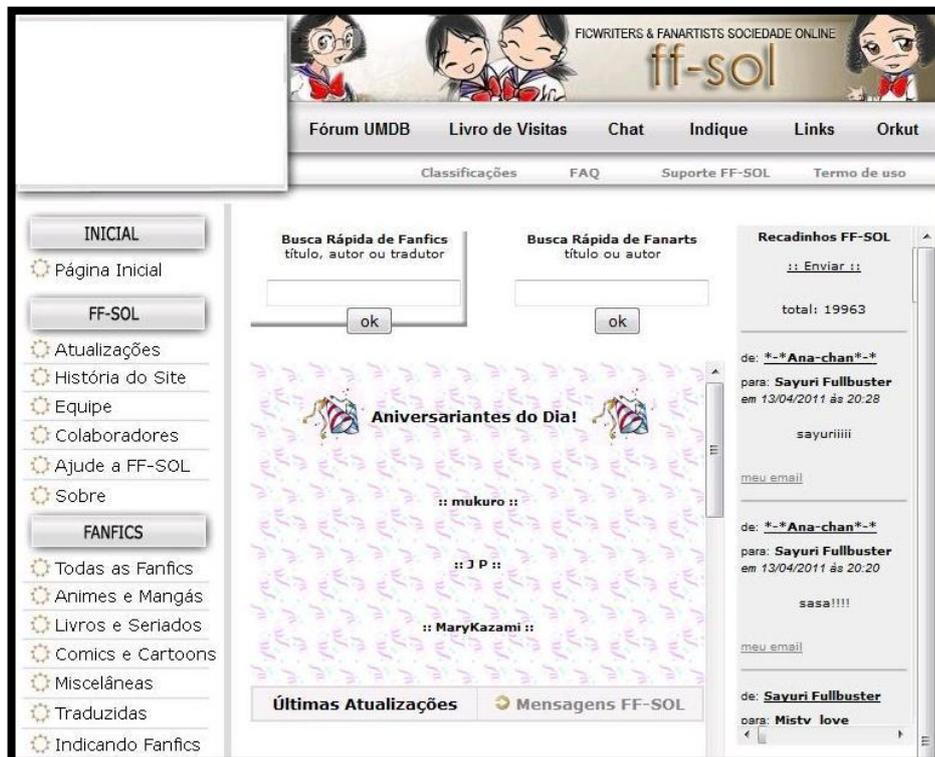


Figura 14: Página inicial do *website* Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online.
Fonte: <<http://www.ffsol.org>>.

- f) **Nyah! Fanfiction:** criado em 2005, hoje é um *site* que contém um vasto acervo de *fanfictions*. É mantido também por um grupo pequeno de *webdesigners*, e é mantido no ar através de doações dos próprios usuários. Os *fanfictions* hospedados são classificados por gêneros – aventura, romance, suspense, drama etc – e ainda oferecem um cadastro aos que

desejam se dedicar à revisão de histórias. A página de comentários também é visível tanto aos que são cadastrados no *site* quanto aos que não são. Cada *ficwriter* pode manter seu perfil pessoal e utilizá-lo como uma página de relacionamento, seguindo, portanto, a lógica da interação dos *fandoms*.



Figura 15: Página inicial do *Nyah! Fanfiction*
 Fonte: <<http://fanfiction.nyah.com.br>>.

2.4 Como se constrói uma história

2.4.1 O cânone dos *fanfictions*, notas de autoria, as ressignificações

No universo dos *fanfictions*, construir uma história exige mais do que ter uma série, um livro ou um filme favorito. Fazer parte de uma comunidade, de um *fandom*, é um fator que impulsiona a criação, mas não é o principal. Segundo Henry Jenkins, no livro *Textual Poachers* (1992), os *fandoms* permitem que o leitor mantenha contato mais próximo com o que aprecia, uma interação que a virtualidade permite ao fã exercer muito mais forte do que se fosse na vida real. Vale repetir que, conforme Vargas (2005), os *fandoms* surgiram muito antes da chegada e expansão da Internet, porém a rede permitiu que as comunidades passassem a agregar maior

número de pessoas, facilitando o contato entre todos – tanto entre outros fãs que moram em qualquer parte do mundo, tanto com o próprio produto:

Com o advento da internet, os *fandoms* passaram a agregar um número cada vez maior de pessoas, rompendo barreiras geográficas e até mesmo linguísticas e a produção de fanfictions também cresceu, particularmente na década de 1990. Isso fez com que a prática fosse quase restrita ao gênero ficção científica, onde teria nascido, para a condição de amplamente exercida por fãs de vários outros gêneros, como séries policiais e de suspense, filmes, histórias em quadrinhos, videogames e livros ficcionais (VARGAS, 2005, p. 24).

Escrever uma história está relacionado à forma mais fácil ou criativa que o *ficwriter* busca para si. O fã-autor que mantém o cânone (ou seja, que mantém de alguma forma as mesmas personagens como o casal principal ou parte da história sem modificá-la drasticamente) zela pelo respeito à história original e também pela reputação das personagens. Ele tenta manter o mesmo ritmo da história original com as mesmas personagens, sem descaracterizá-las e muitas vezes sem introduzir alguém novo para acompanhar as aventuras. Muitas vezes essas histórias propõem uma continuação de um livro acabado, ou uma aventura totalmente inédita, como um capítulo intermediário. É uma forma de fazer reparação nas lacunas deixadas pela história original, enquanto que as grandes empresas e os autores detêm os direitos da mesma. Os fãs-leitores estão livres, teoricamente, para continuar a história sem ganhar, com isso, dinheiro – pois o que é produzido no *fandom* não é vendido.

Há diversos tipos de ressignificação de histórias, no sentido de apropriação das personagens na hora de criar um *fanfiction*. Há, por exemplo, uma história focada numa personagem secundária ou mudar o percurso do original, enfatizar o romance quando a história é de aventura ou alterar seu final a partir de uma decisão da personagem, ao que Henry Jenkins em *Textual Poachers* (1992, p. 160) chama de “e se...?”, como uma história criada a partir de uma pergunta. As justificativas estão presentes nas notas de autoria no começo de cada história, muitas vezes funcionando como prefácio das fanficsões.

Os exemplos a seguir são de *fanfiction* baseados nas obras de Alexandre Dumas (1802-1870) e Jane Austen (1775-1817), ambos conhecidos autores da literatura estrangeira que até hoje atraem muitos leitores de qualquer idade – principalmente jovens. As obras ficam mais conhecidas quando adaptadas ao cinema, mesmo quando o roteiro não é fiel aos acontecimentos da história original. *Os Três Mosqueteiros*, publicado em 1844 como livro após ser publicado ainda no mesmo ano no jornal francês *Le Siècle* no formato folhetim, teve inúmeras adaptações fílmicas de sucesso, entre as quais se destacam a versão de George Sidney, de 1948, estrelado por Gene Kelly e Lana Turner.

O mesmo pode-se dizer no caso de Jane Austen, cuja popularidade aumentou com as sequências de adaptações das obras pela tevê britânica de todos os seus romances, num formato de minissérie, além dos lançamentos realizados pelas grandes produtoras. *Orgulho e Preconceito*, publicado pela primeira vez em 1813, teve mais uma adaptação divulgada pelos cinemas mundiais em 2005, e esse pequeno detalhe também consta em algumas notas de autoria de *fanfictions*, como se pode ler a seguir:

a) Nota 1

A primeira nota faz parte da publicação do site Fanfiction.Net de um *fanfiction* nomeado *Citron*⁴⁷, com três capítulos e um prefácio publicados, da autora portuguesa Bosie. A história não é atualizada com novos capítulos há um pouco mais de três anos, mas ainda possui comentários e está disponível para leitura. No prefácio lê-se os motivos que levaram a autora a se decidir escrever a *fanficção*, marcados em negrito:

Há alguns meses, mexendo em alguns livros antigos de nosso avô, ficamos estarecidas com um excepcional achado: uma publicação antiquíssima de "Os Três Mosqueteiros", a nossa bíblia literária. **Ficamos surpresas pela raridade que nosso avô possuía em sua pequena biblioteca.** Resolvemos abrir o livro para contemplar o português da mocidade do início do século XX. | Mas, caros leitores, nosso coração parou de bater, nossa respiração falhou por instantes quando algumas páginas caíram de súbito. A primeira coisa que pensamos foi: "destruímos o livro!". Desesperadas, passamos a recolher as páginas atrapalhadamente. **Ao lê-las em velocidade**

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/2334848/1/Citron/>>.

célere, ou em palavras vulgares: batemos o olho, nossas faces alumiam-se. "Memórias de La Fère" estava em nossas mãos, velho e esburacado, mas ainda assim estava lá! Como o patriarca da família conseguira tal preciosidade desconhecemos, porém isso não importa. | Deus também nos deu um segundo presente àquele dia. **Ávidas por ler o texto que inspirou o genial Alexandre Dumas,** mais páginas voaram com o nosso movimento. Soltamos um grito estridente e escondemos as bocas. Diante de nós estava nada mais, nada menos que "Memórias do Sr. d' Artagnan"! | Subimos as escadas correndo, escondendo as duas velhas obras sob os braços. **Percebam, caros leitores, que furtamos nosso querido avô, contudo este há de nos perdoar.** Trancamo-nos em nosso quarto e **começamos a prazerosa tarefa de ler. Líamos rapidamente com o olhar, nossas mãos tremiam de ansiedade, as gargantas ficaram secas, não queríamos perder nenhuma frase, queríamos sentir cada momento, o cheiro de velho impregnado em nossas narinas.** |Até então, paramos estupefatas, à nossa frente uma informação, que poderia ser um simples gracejo, **talvez o autor de ambas as obras seja um ébrio gracioso sensual.** Caros leitores, vocês irão descobrir a seguir qual é a grande revelação nas palavras impressas naqueles papéis sórdidos. **Esperamos não cometer os mesmos equívocos que Alexandre Dumas em sua obra-prima. Agora para nossa felicidade estar completa,** temos que conseguir uma cópia de "O Homem da Máscara de Ferro". (BOSIE, 2005).

O fato narrado aconteceu possivelmente na sua infância, mas a autora destacou, através de email pessoal enviado para esta pesquisa, que o achado se deu quando passava férias com a irmã na casa do avô. As obras originais, como *Memórias de La Fère* (S/A) e *Memórias do Senhor D'Artagnan* (S/A) foram inspirações também para Alexandre Dumas na escrita da obra original, inclusive para as continuações – *Vinte anos depois* (1845) e *O Visconde de Bragelonne* (1848). Nos três capítulos escritos por Bosie, há uma forte presença de homossexualidade, o que ela justifica por encontrar indícios no relacionamento das personagens na leitura dos escritos originais das duas *Memórias*, e escrever um *fanfiction* viria a corrigir a ausência desse envolvimento entre os dois na obra original de Dumas.

b) Nota 2

O *fanfiction Fitzwilliam Darcy & Elizabeth Bennet: Beijo!*⁴⁸, da autora Druckgeister, foi uma das publicações baseadas nos filmes adaptados ou para o cinema ou para a televisão. Tem apenas um capítulo, mas foi escrito para completar

⁴⁸ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/3590712/1/Fitzwilliam_Darcy_Elizabeth_Bennet_Beijo>.

a sensação de um *vazio* ou uma lacuna que Druckgeister sentiu ao ver as duas adaptações para ao cinema – o filme de 1995 e a adaptação de dez anos depois, estrelada por Keira Knightley e Matthew Macfadyen, como é apontado na nota de autoria a seguir:

Essa estória é baseada no romance de Jane Austen "P&P" [*Pride and Prejudice*], para ser mais explícita, **a estória se baseou principalmente na adaptação de 1995 com os atores Colin Firth e Jennifer Ehle**, mas como me apaixonei pelo cenário original na chuva para o pedido de casamento de Darcy na adaptação de 2005 no filme e **em muitas partes Darcy se aproxima de Elizabeth quase a beijando me fez sonhar muito, principalmente nesse pedido de casamento!** Então a minha inspiração veio desses momentos! (DRUCKTEIGER, 2007).

Com relação às ressignificações em *fanfictions*, com base no que Jenkins esclarece em *Textual Poachers* (1992, p. 167-180), destaco três que mais são encontradas nas leituras de *fanfictions*. O primeiro tipo consiste em preencher as lacunas que os leitores descobrem ao longo da história, algo que eles gostariam que tivesse sido escrito, como uma espécie de cena extra. Muitas são debatidas dentro dos fóruns, o que favorece quem vai escrever, pois todas as cenas são analisadas e até mesmo erros ou falhas são minuciosamente discutidos. É uma das formas mais comuns de *fanfiction*.

O segundo tipo é chamado de “expansão da linha do tempo”, que consiste em se aproveitar das pistas deixadas pelo texto original, mas que não são aproveitadas, para escrever algo novo. Um exemplo disso é o que aconteceu recentemente com a saga *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. A autora escreveu quatro volumes e chegou ao fim da saga, e então começou a escrever, em 2008, a mesma saga sob o título *Midnight Sun*, preenchendo as lacunas que ela mesma deixara nos livros anteriores, desta vez sob o ponto de vista do namorado dela – o vampiro Edward Cullen, inclusive cenas e parágrafos inteiros em que o personagem não aparece. Os primeiros doze capítulos foram “lançados” anonimamente na Internet, sem a permissão da autora, e Meyer decidiu não continuar a saga enquanto os leitores não esquecessem por completo os manuscritos roubados, deixando os doze capítulos

disponíveis depois na sua página oficial⁴⁹. O fato de a autora original ter a ideia de recontar os fatos sob outro ponto de vista e depois se recusar a continuar a escrita rendeu outras centenas de *fanfictions* em inglês. Um dos exemplos é o da *ficwriter* americana Sunray16⁵⁰, que reescreveu a saga completa sob o ponto de vista de Edward, acompanhando os fatos narrados nos livros originais, rendendo a ela duas histórias completas e uma em andamento no Fanfiction.Net. A primeira delas, *Moonless Night*⁵¹, é a versão do segundo livro, *Lua Nova* (*New Moon*, no original), publicado em 2006. A segunda é *Eternal Equinox*⁵², correspondente a *Eclipse*, lançado em 2007, e o fanfiction ainda em atualização *Beyond Dusk*⁵³, equivalente a *Amanhecer* (*Breaking Dawn*, no original), lançado nos EUA em 2008.

O terceiro tipo de ressignificação é citado como “deslocamento de personagem” por Vargas (2005), e é a forma mais radical que se conhece de escritura de *fanfictions*. Trata-se de mudar o ambiente original da personagem, deslocando-a para outras épocas ou países ou enredos. É o chamado universo alternativo.

Os *fanfictions* de universo alternativo costumam fazer uso das mesmas personagens e alterar o ambiente da história original. Em lugar da Alice, de *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 1980), ser uma menina perdida num lugar desconhecido e que foge de uma rainha má, ela pode muito bem ser uma jovem de vinte e poucos anos à procura de um namorado, em pleno século XXI. Isto é apenas para se ter uma ideia do que os *ficwriters* podem escolher para ser o cenário das histórias. Vargas (2005) apresenta as duas classes “a favor” e “contra” os universos alternativos como questões polêmicas, pois há quem defenda o cânone, o universo das histórias originais, e existem, inclusive, *websites* que não permitem a publicação de uma história que se passa em um universo alternativo. O Fiction Alley⁵⁴, por exemplo, mantém um glossário que define os principais termos da atividade.

⁴⁹ Os doze capítulos escritos por Meyer estão disponíveis para download em <<http://www.stepheniemeyer.com/midnightsun.html>>.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/u/1903990/Sunray16/>>.

⁵¹ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/5005070/1/Moonless_Night/>.

⁵² Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/5452645/1/Eternal_Equinox/>.

⁵³ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/6585160/1/Beyond_Dusk/>.

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.fictionalley.org/>>.

Trata-se da defesa do cânone. Alguns fãs compreendem a obra original como sendo canônica e, portanto, não sujeita a subversões de suas características, como atitudes consideradas impossíveis por parte de alguns personagens ou, ponto muito mais polêmico, a criação de casais considerados improváveis [...] O Fiction Alley, em seu glossário, oferece a seguinte explicação para o termo: “cânone – fatos que nos foram contados nos livros. Algumas pessoas também consideram os filmes parte do cânone, muitas vezes a escolha fica a seu critério. Henry não pode ter olhos verdes e azuis e seu pai não pode ser um artilheiro e apanhador. A contrapartida do cânone é o ‘fanon’” (VARGAS, 2005, p. 38-39).

Universos alternativos, universos originais, narrativas em primeira pessoa ou em terceira, histórias sob o ponto de vista da personagem secundária ou dando um final alternativo. Recriações de personagens, mudando o caráter delas. É possível encontrar de tudo, e ainda muito mais. Um dos escritos – muitas vezes também mais lida e mais comentada – é o fanfiction de conteúdo adulto. Apesar de não haver dados oficiais, os *fanfictions* de categoria M ou NC-17 (equivalente ao *rating* brasileiro ao +18) são em maior número em alguns *fandoms* quando entram no filtro de busca em sites como o Fanfiction.Net (que oficialmente não permite a publicação dos mesmos) ou Mediaminer.Org. Possuem conteúdo gráfico de relações sexuais, “seja entre personagens masculinos, seja entre femininos, conta com cenas de sexo mais ou menos violência explícitas, com doses maiores ou menos de violência” (VARGAS, 2005, p. 33), e são escritos por leitores com idade inferior a 18 anos, apesar de não haver dados oficiais a respeito. Autores como J. K. Rowling já declararam ficarem alarmados com a existência desse material, com medo que crianças possam ter fácil acesso ao eles, conforme uma reportagem realizado pelo *Washington Post* entre *ficwriters* e autores famosos a respeito dos *fanfictions* adultos⁵⁵, propondo, como solução, o implícito aviso de conteúdo adulto nos capítulos, no resumos e publicação exclusiva em sites como o Restricted Section.

No que diz respeito aos outros tipos de *fanfictions* discutidos anteriormente, apresento dois exemplos com base nas resignificações propostas por Jenkins. Um deles é uma história com caráter de *fanfiction* – apesar de ter sido publicado e o autor receber seus direitos –, o outro é um autêntico fanfiction disponível para leitura na Internet. Ambos são baseados nas obras de Lewis Carroll e Machado de Assis, respectivamente.

⁵⁵ *Harry Potter and the Copyright Lawyer Use of Popular Characters Puts 'Fan Fiction' Writers in Gray Area* – Disponível em: <http://msl1.mit.edu/furdlog/docs/2003-06-18_washpost_potter.pdf>.

2.4.2. O exemplo Alice x Alyss

Como primeiro exemplo, apresento uma recriação de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, publicado originalmente em 1865, que conta a saga da pequena Alice, que lê um livro junto à irmã e acorda num lugar desconhecido, onde precisará correr e se proteger de pessoas desconhecidas e ameaçadoras, como a Rainha de Copas. No Brasil, as traduções do primeiro livro e de *Alice através do espelho e o que Alice encontrou lá* (CARROLL, 1871) ficaram a cargo do poeta Sebastião Uchoa Leite, responsável também pela versão em português de *Crônicas Italianas* (1839) de Stendhal e de *Signos em rotação* (1982), de Octávio Paz.

O trabalho de Frank Beddor, publicado em livro em 2004 sob o título *The Looking Glass Wars* [As Guerras Através do Espelho], narra uma continuação das aventuras de Alice na obra *Alice no País das Maravilhas*. A heroína, no final da história original, desperta do sono e vê-se “então deitada no barranco com a cabeça no colo da sua irmã, que delicadamente afastava do seu rosto algumas folhas mortas que haviam tombado da árvore” (CARROLL, 1980, p. 130). Conta, então, a história de seus “sonhos” para a irmã mais velha, que, depois se põe a sonhar as mesmas aventuras que a mais nova teve, “embora soubesse que bastava abrir os olhos outra vez e tudo se transformaria na enfadonha realidade de volta”. Nas aventuras reescritas por Frank Beddor, Alice Liddell, também conhecida por Alyss Heart, conversa com o reverendo Charles Dodgson, (nome real de Lewis Carroll), que acabara de dar de presente a ela o livro escrito e ilustrado por ele mesmo. Ela, que também contara a ele a respeito do sonho cheio de aventuras no País das Maravilhas, estranha, porém, o título dado à obra:

“Oh!”, As Aventuras subterrâneas de Alice? Que tipo de título é esse? E por que o nome dela estava escrito de forma errada? Ela falou a Dodgson como se soletrava corretamente o nome dela, até mostrou escrito a ele. “Por Lewis Carroll?”, ela leu com enorme preocupação⁵⁶ (BEDDOR, 2006, p. 2).

⁵⁶ No original: *Oh! Alice's Adventures Underground? What sort of title was that? And why was her name misspelled? She had told Dodgson how to correctly spell her name, had even written it out for him. "By Lewis Carroll?" she read with growing concern* (BEDDOR, 2006, p. 2).

O sonho de Alice é recontado no livro do reverendo de tal forma que ela mesma, que é claramente a protagonista, não entende e considera uma aventura *nonsense* de algo que lhe parece bastante pessoal. Charles Dodgson, então, esclarece que a contou de forma diferente em trechos que ele julgava necessário:

Admito que tomei algumas liberdades com sua história,” Dodgson explicou, “para transformá-la em nossa, como disse que poderia fazer. Você reconhece o tutor que me descreveu? Ele é o Coelho Branco. Tive a ideia depois que descobri que as letras do nome do tutor poderiam formar a palavra ‘coelho branco’[...]”⁵⁷ (BEDDOR, 2006, p. 3).

The Looking Glass Wars (BEDDOR, 2004) nada mais é, no final das contas, do que um *fanfiction* bem vendido – cuja história é um universo alternativo da história original. O autor, que também trabalha como produtor de cinema, planeja também a adaptação em filme da obra, conforme divulgado no *site* oficial da saga de Alyss⁵⁸.

2.4.3 Capitu x Capitu

Capitu é, ainda hoje, uma das personagens mais famosas e discutidas da literatura brasileira, depois de ser apresentada ao público em 1899 por Machado de Assis no romance *Dom Casmurro*. Muitos pesquisadores ainda buscam a resposta ao que chamam de “enigma da Capitu” – ela traiu realmente seu marido Bentinho? Esta pergunta levou ao palco, ao cinema e à televisão inúmeras adaptações da obra de Machado, mas sem querer responder diretamente à pergunta, e tentando manter-se fiel aos escritos machadianos: muitas das adaptações são sob o ponto de vista da narração de Bentinho.

⁵⁷ No original: *I admit that I took a few liberties with your story,” Dodgson explained, “to make it ours, as I said I would. Do you recognize the tutor fellow you once described to me? He’s the White Rabbit character. I got the idea for him upon discovering that the letters of the tutor’s name could be made to spell ‘white rabbit’ [...]”* (BEDDOR, 2006, p. 3).

⁵⁸ Informação disponível em: <<http://www.thelookingglasswars.com/>>.

Ainda em 2008, a Rede Globo de Televisão exibiu mais uma produção baseada na obra de Machado de Assis – uma das inúmeras que já foram realizadas pelo cinema e televisão brasileiros. A minissérie *Capitu* foi exibida entre 9 e 13 de dezembro desse ano, em cinco capítulos em horário nobre. Um pouco depois de finalizada, as publicações de *fanfictions* em sites brasileiros e *blogs* cresceram – não na mesma proporção que *fandoms* de *Twilight* (de Stephenie Meyer) e *Harry Potter* (escrito por J. K. Rowling) dominam os sites de hospedagem de *fanfictions*, mas ainda assim certa relevância.

Dom Casmurro é um dos romances de Machado que, segundo Antonio Candido, apresenta uma forte relação entre fato real e o imaginado. Aproveitando a narração em primeira pessoa, Bentinho se convence (e tenta, por conseguinte, convencer os leitores também) a respeito da traição da mulher com o melhor amigo Escobar. “Mas o fato é que, dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção de Bentinho seja verdadeira ou falsa [...], o real pode ser o que parece real” (2004, p. 26). Saber se *Capitu* traiu o marido é, ao mesmo tempo, certeza e incerteza.

Mas a autora de *fanfictions* sob o *penname* Darth Nathy quis sanar essa dúvida, e escreveu a história *Capitu* como um trabalho de escola, conforme a mesma explica na nota inicial do capítulo: “Bem, essa história tem originalmente a autoria de Machado de Assis. Todavia nesta versão o ponto de vista é de *Capitu*. Ela foi feita para um trabalho meu e de meus colegas para a aula de Português⁵⁹”. A história machadiana é narrada, desta vez, por *Capitu*, também em primeira pessoa. A personagem conta a sua versão da história desde quando conheceu Bentinho, ainda criança, até a separação entre os dois:

Caro leitor, escrevo este livro de uma pequena cidade na Suíça chamada Zurique. Hoje sinto um frio mortal que me arrepia os pelos da nuca. Todavia este não vem do clima desta cidade cinzenta, onde todos me parecem estranhos. Ele vem de minha alma. De meu passado que não tive coragem de esquecer, então por meio deste livro, decidi descrever minha vida, meus saudosos momentos ao lado de meu filho e amado marido Bento, ternamente por mim chamado de Bentinho, do qual espero uma resposta do por quê de tamanha desconfiança. Já faz três meses que não recebo se quer uma resposta das inúmeras cartas que mandei a ele, e temo o pior. Não, o pior de que falo não é morte, antes fosse essa, que é rápida e letal, e não aquilo que é centenas de vezes pior do que a própria morte, o

⁵⁹ Disponível em: <http://fanfiction.nyah.com.br/historia/13871/Dom_Casmurro/capitulo/1/>.

abandono. Acredito que escrevendo esse livro com minhas memórias, possa finalmente desabafar um pouco e compartilhar meu sofrimento, e quem sabe assim, diminuir a dor, afinal, como diriam os poetas, quando uma dor é dividida entre várias pessoas ela se torna menor. Mas nem tudo é sofrimento em minha vida e gostaria de trazer minhas felicidades para essas páginas também, entre elas a maior de todas, meu filho Ezequiel (NATHY, 2008).

Os eventos descritos pela personagem correspondem também aos relatados por Bentinho ao longo do romance, como na passagem do primeiro beijo do casal. No romance de Machado, temos a seguinte cena narrada por Bentinho, com ênfase no que aconteceu após o primeiro beijo e de como a mãe de Capitu os encontrou:

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso. Atordoado, não achava gesto nem ímpeto que me descolasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas... [...] Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro (MACHADO, 1997, 50-51)

Na cena descrita por Capitu, os olhos da personagem veem o futuro marido atordoado e a chegada da mãe ao mesmo ambiente em que o casal se encontrava:

Fez-se então um momento de silêncio na sala, que só foi quebrado com um pedido de Bentinho para pentear meus cabelos. Confesso que ele me parecia meio desajeitado ao penteá-lo, mas só por sentir suas mãos em meus cabelos, fizeram-me contente, e não me contive. Baixei minha cabeça para trás sob os protestos de Bentinho por achar que era minha implicância. Mas quando nossos olhos se encontraram, ele entendeu o que meus olhos insinuavam com toda ternura. Seus olhos castanhos não hesitaram em corresponde [sic] com todo amor e carinho. Ele foi ao encontro de meus lábios. Senti meu corpo inteiro formigar e se aquecer. Minhas maçãs do rosto, com certeza enrubesceram naquele instante. Bentinho não ousou não corresponder, senti suas pernas bambearem um instante. Aquele foi o nosso primeiro beijo, que fora repreendido, porém não descoberto por minha mãe ao entrar na sala. Mas uma vez descobri o meu dom para mentiras, empurrei-o e disfarcei bem, e ainda me lembro da cara atordoada que Bentinho fizera (NATHY, 2008).

O *fanfiction* ainda está em fase de publicação e postagem, e procura seguir algumas características dos escritos de Machado – como, por exemplo, conversar

com os leitores entre as linhas da narrativa, ou escrever capítulos curtos, assim como Machado fazia para publicar nos jornais em circulação da época que vivia, como vemos no primeiro trecho apresentado, com o “caro leitor” que Machado de Assis empregava em muitas de suas obras.

2.5 Transfiguração de leitores e gêneros

Alyss e Capitu são personagens que servem como exemplos de como as histórias podem ser recontadas em um *fanfiction*. Não é objetivo aqui apresentar uma fórmula fixa de “como fazer”, apenas mostrar alguns passos de como a história é criada e do que move a criação de uma *fanficção*. E, segundo ainda Vargas (2005, p. 22), um dos principais motivos para escrever uma história é “preencher lacunas deixadas pelos autores das séries, ao mesmo tempo em que conexões entre os episódios são criadas”. Seria como se respondesse a uma pergunta iniciada pelo conjuntivo: “E se acontecesse isso ou aquilo...?”. Com essa pergunta, os leitores-autores contam suas versões (em universo alternativo ou não), a partir de uma história original.

Os fãs precisam, naturalmente, escrever sobre algo de que gostam, principalmente se a série ou livro no qual se inspiram tem certa notoriedade nos dias atuais. Não precisa ser uma história do livro mais vendido do momento: o interessante é escrever a respeito do que gosta e é primordial que exista também, em algum lugar, outra pessoa para ler e comentar a respeito (afinal, um texto não é completo se não existir um leitor para ele).

Dentro do *fandom*, é necessário que o autor organize a história que vai escrever, mas não como qualquer outra, pois há perguntas que devem ser feitas nessa hora, como por exemplo: a história se passará no mesmo universo ficcional da história original ou em um universo alternativo com as mesmas personagens? Terá uma canção como “pano de fundo” da narrativa ou será escrita em forma de poema?

Aqui entra em questão novamente o ponto tratado no capítulo anterior sobre gêneros: dentro do gênero digital *fanfiction* há ainda diversos outros gêneros criados a partir da interação entre leitores. Vargas (2005, p. 32) chama a atenção para o fato

de que muitos gêneros são encontrados apenas nas práticas dos *fanfictions*: “[...] Um exemplo de gênero cuja criação é exclusiva do mundo virtual dos *fanfictions* é o intitulado *songfic*”. Essas histórias com letras de canções (internacionais ou nacionais) são criadas a partir de uma música que serve de mote para o enredo. Geralmente a história é escrita em prosa, e entre os parágrafos há a inserção de uma canção.

A pessoa por trás desses escritos na *web* se revela mais que um simples leitor que se aproveita de uma lacuna no texto para escrever ou continuar uma história. Muitas vezes é também o segundo leitor, que trabalha como revisor, age como coautor ao lado de um *ficwriter*, pode fazer traduções autorizadas de histórias em língua estrangeira ou escrever um ou mais parágrafos em *fanfictions* coletivos dentro de um *fandom*. A respeito desses leitores-autores, sob o olhar de Pierre Menard, passo para o próximo capítulo.

CAPÍTULO III POR QUE ESCREVER? POR QUE LER?

Falso. Verdadeiro. Inventado

João Guimarães Rosa

3.1 Onde se conta o que aconteceu com o fidalgo Dom Quixote quatro séculos depois

Os leitores de Jorge Luis Borges (1899-1986) conhecem a figura de Pierre Menard – escritor francês, amigo da baronesa de Bacourt e da condessa de Bagnoregio, autor de enumeráveis publicações, dezenove no total, conforme listado por Borges, entre as quais se destacam uma monografia sobre a *Característica Universalis de Leibniz* (publicado em Nimes em 1904), e uma tradução para o francês de *Aguja de Navegar Cultos*, de Quevedo, cujo título ficou *La Boussole des Précieux*.

Pierre Menard, segundo nos conta Borges em *Pierre Menard, autor de Quixote*, foi ninguém menos que o autor de *Dom Quixote de La Mancha* no século XX. Um feito notável este: compor uma personagem totalmente diferente da criada por Cervantes nos anos 1600. Trata-se, pois, de uma das mais importantes obras escritas no século passado, de grandiosidade ímpar.

Criar essa história foi para o fictício escritor francês um sinônimo de desafio. Segundo o próprio Borges, seu único biógrafo, Menard quis revolucionar a escrita literária e todo seu cânone ao escrever a obra – sim, porque não é uma obra qualquer. *Dom Quixote*, por Pierre Menard – uma reescrita das aventuras do mais famoso cavaleiro de todos os tempos. Enquanto alguns críticos consideram o seu Quixote mais ambíguo (obviamente aqueles que subestimam o valor dessa grandiosa obra), outros conseguem enxergar a “admirável e típica subordinação do autor à psicologia do herói” (BACHELIER *apud* BORGES, 1999, p. 23), além das influências da filosofia de Nietzsche – opinião de baronesa de Bacourt, que teve o privilégio de conhecer o autor.

Não se tratava do Quixote contemporâneo de *The Modern Adventures of Don Quixote* [As Modernas Aventuras de Dom Quixote], como MadHatter1⁶⁰ se propôs a escrever em 2001 e publicou⁶¹ no Fanfiction.Net, muito menos de uma releitura em forma de um romance de ficção científica⁶² como Emily Lydic⁶³ escreveu para a aula de espanhol e publicou sob o título de *Captain Quixote and the Pulp Sci-Fi Novels* [Capitão Quixote e os Romances de Ficção Científica em Quadrinhos] no mesmo site. Borges afirmava que se tratava de reescrever o Quixote medieval: o verdadeiro, o fidalgo cavaleiro (com a mesma ênfase que se refere a obra), e não outro Quixote. Menard fez questão de não escrever o prefácio, assim não cairia no erro de acrescentar ao texto uma nova personagem – Cervantes, neste caso – ao redigir cada linha, cada palavra.

A decisão de Menard em reescrever o romance é, segundo Borges, explicada pela teoria da identificação **total** com um determinado autor (apresentada pelo alemão na revista número 2005 de uma publicação da cidade de Dresden), apresentada por Novalis: “não queria compor outro Quixote – o qual é mais fácil” (BORGES, 1999, p. 20). O novo Quixote é, portando, uma obra verdadeira, sem ciganices ou misticismo. Menard se propõe a recuperar o catolicismo, tão abalado pelas críticas feitas pelo “primeiro” autor, e a ser o próprio Cervantes, quando decidiu aceitar o desafio, mas sem deixar a obra contingente, desnecessária. Palavras de Borges:

Constitui uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, nono capítulo): *...a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro*. Redigida no século XVII, redigida pelo "engenho leigo" Cervantes, essa enumeração é mero elogio retórico da história. Menard, em compensação, escreve: *... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro* (BORGES, 1999, p. 22 - grifos do autor).

Da mesma forma que Menard se identificou com o herói de Cervantes a ponto de escrever uma história, muitos outros leitores também sentiram a mesma conexão

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/u/56885/MadHatter1>>.

⁶¹ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/251968/1/The_Modern_Adventures_of_Don_Quixote> (v. anexos).

⁶² Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/3598218/1/Captain_Quixote_and_the_Pulp_SciFi_Novels> (v. anexos).

⁶³ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/u/606988/SG1SamFan>>.

com o autor e com sua obra. Ou com a obra e o autor. Caso parecido – e bastante real, mesmo não tendo como biógrafo um Borges – é o de um contemporâneo de Cervantes, Alonso Fernández de Avellaneda (como citado na introdução deste trabalho), autor de *A Segunda Parte do Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, publicado em 1614, na cidade de Tarragona (ao sul da Catalunha, na Espanha), continuação apócrifa do primeiro livro escrito e publicado por Cervantes em 1605. A identidade de Avellaneda nunca foi confirmada (dizem uns que era um dos colaboradores de Lope de Vega, outros que era Miguel de Cervantes sob um pseudônimo). A sequência da primeira parte do livro de Cervantes – *As aventuras do fidalgo cavaleiro Dom Quixote de la Mancha* –, concebida por Avellaneda – sob o títulos *A história da vida e aventuras do famoso cavaleiro Dom Quixote, de la Mancha* –, é uma das mais notórias da literatura espanhola – apesar de ter a fama de pertencer ao “lixo literário”, conforme a expressão de E. T. Aylward, da Universidade da Carolina do Sul. Em um artigo publicado no jornal da Cervantes Society of America, Aylward, em 2003, sob o título *El Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, afirma que a obra recebeu severas críticas ou acusações desde sua publicação, algumas vindas inclusive do próprio Cervantes – que teria atirado longe o seu exemplar, num acesso de raiva. O que é reconhecido hoje, entretanto, é que se Avellaneda não tivesse publicado sua obra, Cervantes não teria terminado de escrever a segunda parte de *Dom Quixote* um ano depois. Aliás, vários historiadores, inclusive E. T. Aylward, retratam os séculos XV e XVI como a época em que os leitores mais ousados produziram obras mais férteis e deram início ao que hoje é conhecido como *spin-off* (expressão usada para explicar que uma obra possui várias produções independentes paralelamente à original), prática hoje muito realizada em Hollywood com relação a filmes de expressiva bilheteria ou a roteiros para séries de TV, com histórias paralelas a do programa original. Aylward apresenta como exemplo o romance espanhol *Celestina*, escrito por Fernando de Rojas e publicado em 1499, um dos livros mais vendidos na época e que inspirou muitas sequências e histórias extras de pouco sucesso comercial.

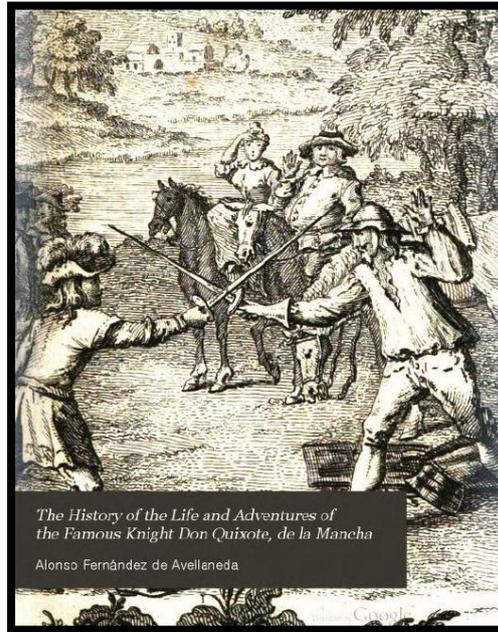


Figura 16: Capa da edição americana do livro de Avellaneda.
Fonte: Google Books. **Disponível em:** <<http://books.google.com/books>>.

Vários séculos depois de sua publicação, Avellaneda ainda desperta a curiosidade, agora positiva, de muitos pesquisadores. Como foi visto, nem sempre foi assim. Seu livro, conhecido como *Falso Quixote*, não tinha como objetivo primário provocar humor (que era, talvez, o objetivo de Cervantes), mas sim apresentar aos leitores os problemas relacionados à fé. Assim como Menard, Avellaneda apresentou o caráter religioso da história, anteriormente negado na escrita de Cervantes. Segundo algumas pesquisas apresentadas por Aylward em *The Crucible Concept: Thematic and Narrative Patterns in Cervantes' Novelas ejemplares* (1999), Avellaneda era fortemente influenciado pela doutrina dominicana e, curiosamente, também compartilhava das opiniões de Calvino sobre o determinismo, um dos principais pilares da nova doutrina – “a vontade humana não estava livre, em última análise, para rejeitar uma oferenda da graça divina de Deus”⁶⁴ (AYLWARD, 1999, p. 263). Avellaneda, como conservador, era obcecado pela busca da solução dos problemas da moral da sociedade católica espanhola e defendia a hierarquia social das classes, e optou, portanto, por não expurgar a Igreja na sua continuação da obra de Cervantes – algo que Cervantes já fizera na primeira parte. Em outro momento, na versão de Avellaneda, Dom Quixote propõe a Sancho Pança que ambos abandonassem as aventuras e passassem a cuidar de ovelhas, adotando nomes de pastores. Comparando as duas obras, é possível encontrar os casos em que

⁶⁴ No original: *The human will was ultimately not free to reject an offer of divine grace from God.*

Avellaneda conseguiu enxergar erros nas páginas da primeira, como o do roubo do burrinho de Sancho Pança e o reaparecimento inexplicável dele em um capítulo posterior, tratando de consertá-lo.

Ainda mais interessante é o fato de Cervantes apropriar-se de alguns fatos narrados na versão apócrifa para encaixá-los no capítulo LIX da segunda parte original de *Dom Quixote – Onde se conta o extraordinário caso, que se pode chamar aventura, que aconteceu a Dom Quixote*–, cena em que se vê Dom João a ler e a criticar outro capítulo da segunda parte de *Dom Quixote*, sendo criticado por Dom Jerônimo: “– Para quê quer Vossa Mercê ler esses disparates, Senhor Dom João, se quem tiver lido a primeira parte da história de Dom Quixote de la Mancha não pode encontrar gosto de ler a segunda?” (CERVANTES, 2006, p. 416). Essa situação (em que Cervantes, o autor original, critica o livro em que Avellaneda se apoderou de seu personagem e de suas ideias) lembra, de maneira inversa (o que é extremamente irônico) o que os *ficwriters* de *Harry Potter* vivenciaram com a publicação, em 2005, do sexto livro da saga, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* [original: *Harry Potter and the Half Blood Prince*], na qual é exposto o relacionamento amoroso entre duas personagens que antes existia apenas em *fanfictions*, o que gerou muita discussão no *fandom* do bruxo inglês, pois os membros acreditaram que a autora J.K Rowling estaria lendo (e se apropriando delas, para criticar, como fez Cervantes) as histórias dos fãs ao inserir o fato na saga.⁶⁵ Portanto, não importa a época, sempre haverá um pequeno conflito de interesses entre o que os autores querem e o que os leitores desejam ler e escrever.

3.2 Quando se entende por que Avellaneda escreveu Quixote e por que os leitores também querem ser autores

Os dois autores citados anteriormente (incluindo o fictício Menard) têm muita semelhança com os atuais *ficwriters*, pois todos procuram observar a obra original na hora de escrever, para que a narração da trama segunda apresente fatos da

⁶⁵ O fato gerou a criação de inúmeras novas comunidades e postagens na plataforma do Livejournal para a discussão do tema, entre elas o Livejournal da ficwriter Rozefire, em que usam o termo *fanficcy* (fanficcional) para descrever o fato narrado no livro. Leitura disponível em: <<http://rozefire.livejournal.com/71344.html#cutid1/>>.

primeira história, nem que sejam frases curtas, de maneira que a obra “derivada” e a “original” fiquem conectadas (mesmo arriscando-se receber a reputação de não serem *originais*). Entretanto, por mais que tenham recebido críticas negativas (Avellaneda e Menard, conforme o resumo apresentado por Borges), muitos estudiosos estão se voltando para esses escritos inspirados em outros, com uma pergunta imediata: por que ler essas histórias “segundas” ou “derivadas”? Qual o interesse em lê-las? Por que ler Avellaneda, mesmo que não tenha sido o autor original e que não tenha criado as personagens de *Dom Quixote*? James Iffland, no artigo *Do we really need to read Avellaneda?* [*Devemos mesmo ler Avellaneda?*], sugere que, em lugar de considerar essas obras como cruas imitações das originais, sem criatividade, *falsas*, *inventadas* e sem grandes pretensões literárias, deve-se estudá-las como exemplo de recepção crítica contemporânea – no caso específico de Avellaneda, tendo um leitor da mesma época que Cervantes no papel do crítico. Não são muitos os que conseguem escrever um livro *inteiro* de crítica em forma de prosa de ficção, apontando as falhas e apresentando pontos de vista. Um leitor como Avellaneda, conforme afirma Costa Lima, em *O leitor demanda (d)a Literatura* (2002, p. 57), é “capaz de resgatar o significado da obra de acordo com um horizonte de exigências e expectativas historicamente vinculado”, e, mais além, *apropria-se* das formas já criadas para remodelá-las, assim como *ficwriters* fazem o tempo todo. Para Iffland, Avellaneda é um leitor que deve ser visto como alguém que, “imitando” uma obra-prima cervantina *verdadeira*, tinha uma visão crítica diferente das demais da sua época. Seria o caso de entender também que, para escrever essas histórias, há um sentimento de “apropriação” dos elementos dos textos originais na nova trama (de Avellaneda, de Menard, dos autores de *fanfictions...*). Isso tudo no mesmo sentido empregado e explicado por Jauß, tendo como origem também, dentro da semântica de “prazer”, o principal elemento do prazer estético:

O prazer estético é hoje, ou era até há pouco, em geral, desprezado como um privilégio da invectivada “burguesia culta”. O significado primitivo de “prazer”, isto é, “ter o uso ou o proveito de uma coisa” [...]. O significado, latente apenas na palavra alemã, de participação e apropriação e o sentido específico de alegrar-se com algo [...] (JAUß, 2002, p. 85).

O comentário acima de Jauß reflete um dos principais aspectos da escrita de *fanfictions*: a apropriação das personagens (ou de parte da história ou de frases marcantes) do original e remodelando-os de forma a criar outro objeto literário, que pode ou não fazer com que mais leitores alcancem novos horizontes de expectativas.

O objeto literário, na definição sartriana apresentada em *O que é literatura* (1989, p. 35), aquele “estranho pião que só existe em movimento [...] concreto que se chama leitura e só vive enquanto essa leitura durar”, produz tal efeito no leitor, tanto ativa quanto passivamente, que nenhuma leitura será inocente, sempre trará experiências de vida à tona ao preencher as lacunas do texto, embora não haja uma explicação clara de como elas são preenchidas nesse processo. Quando encontra uma lacuna, o leitor afetado tenta explicá-la através de outras leituras, outros fatos pessoais, (como nos *hiperlinks*) e a reinterpreta.

Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos, mas em outros textos –, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo que já lemos até aqui neste texto e em outros. A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe no princípio da pesquisa do sentido e das revisões contínuas pelas quais a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência (COMPAGNON, 1999, p. 148-149).

A partir do comentário de Compagnon sobre a leitura, as lacunas são brechas, falhas, no texto literário, tornando-o aberto e à espera de um preenchimento pelas lembranças passadas e futuras do leitor. Uma obra aberta é sujeita a inúmeras interpretações ambíguas, pois seu conteúdo acabado tende a gerar mais e mais discussões, muitas vezes infinitas, conforme os horizontes que despertam. Um romance ou um texto literário *acabado*, portando, não implica fechar as possíveis leituras interpretativas.

Voltando para o que tratamos particularmente aqui, em meio aos *fandoms*, os livros são interpretados (no sentido de ser uma obra acabada, mas com possibilidade de diferentes interpretações) e criticados (tanto através da escrita nas histórias quanto pelas discussões em fóruns de discussão). No final das contas, as histórias criadas a partir dessa abertura ainda serão do *autor* original – suas

personagens, suas falas, seu modo de organizar a história. Nos *fanfictions*, isto está claramente justificado pela presença do *disclaimer*, citado anteriormente, em que o *ficwriter* se retrata publicamente e afirma que os direitos da obra são de determinado autor. Ele explica que apenas pegou a ideia e as personagens emprestadas para se aventurar na escrita⁶⁶ – em alguns *sites*, o item é totalmente obrigatório no corpo de todos os capítulos, sempre no início, como se vê nos dois exemplos abaixo:

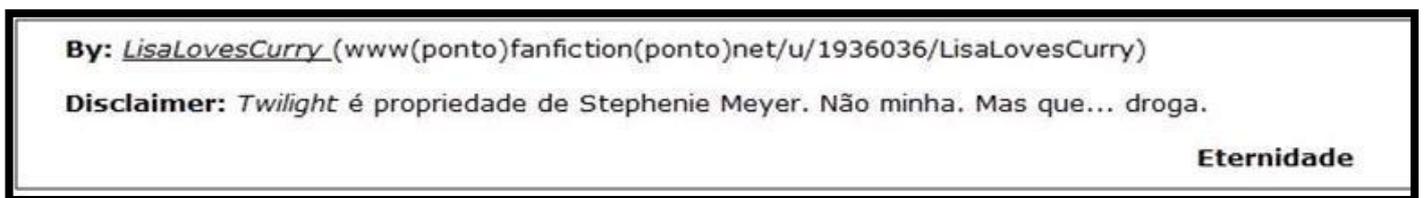


Figura 17: Exemplo de *disclaimer* em português de um *fanfiction* de *Crepúsculo*.
Fonte: <<http://www.fanfiction.net/s/6653478/1/Eternidade/>>.

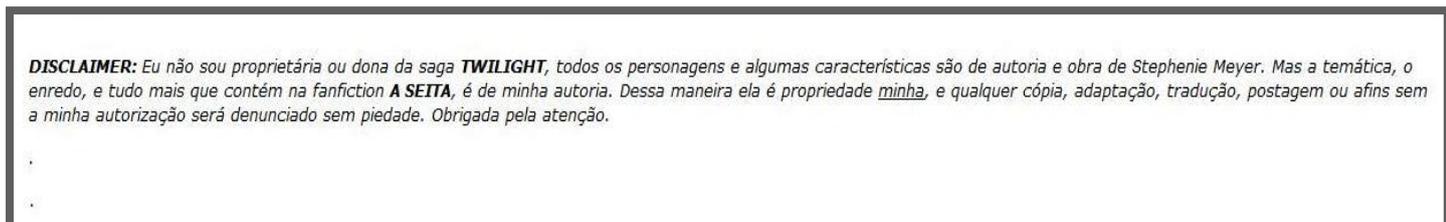


Figura 18: Exemplo de *disclaimer* em português de um *fanfiction* de *Crepúsculo*.
Fonte: <http://www.fanfiction.net/s/5516146/1/A_SEITA/>.

Um exemplo bem-sucedido de abertura de obra é o de *Wicked: The Life and Times of the Wicked Witch of the West* [*Wicked: A vida e épocas da bruxa malvada*

⁶⁶ Logo que chegou às produtoras a existência de *fanfictions* (e outros trabalhos de fãs), houve um questionamento e mesmo proibição da escrita dessas histórias por alegarem que os fãs feriam os direitos autorais. Henry Jenkins relata em *Cultura da Convergência* (2009) relata nos capítulos 4 e 5 o caso dos *ficwriters* de *Harry Potter* e *Guerra nas Estrelas* (no original, *Star Wars*), por exemplo. Com relação à produtora Lucasfilm (que inicialmente apoiou ativamente os *fanfictions*) tentou proibir a produção das histórias depois que chegou ao conhecimento dela a existência de material adulto dentro do *fandom*. Jenkins (2009, p. 195) salienta ainda que, mesmo após décadas de existência, “ainda não há jurisprudência que possa ajudar a determinar até que ponto [o] *fan fiction* está protegido pela lei do uso aceitável”, o que quer dizer que os fãs-escritores (e os pais deles) ainda não sabem se há realmente uma violação dos direitos autorais (porque nada se ganha financeiramente com a publicação das histórias e sempre o *disclaimer* reforça a quem pertence a obra original).

do Oeste], livro publicado em 1995, escrito por Gregory Maguire e baseado no livro *O mágico de Oz* (1901) de L. Frank Baum (1856-1919). Maguire escolheu não recontar a história vivida por Dorothy, já reescrita diversas vezes por outros autores nos anos que sucederam a publicação original. Em lugar disso, optou por desviar da narrativa para um público mais jovem e partiu para um estilo mais dedicado aos adultos, com situações e linguagem maduras.

Aproveitando-se de uma brecha na obra original, Maguire conta a história como um *spin-off* de como a Bruxa do Oeste se tornou a figura má que é vista no livro original. Aqui chamada de Alhaba Tropp, a agora protagonista é apenas uma simples garota de pele verde que não consegue se adequar à sociedade que vive. Junto com Galenda (também chamada Glenda), ela vive os acontecimentos que marcaram sua vida e que a transformação na vilã da história de Baum. Glenda, que mais tarde virou a Fada que ajuda Dorothy em *O Mágico de Oz*, se torna amiga de Alhaba, mas infelizmente diversos acontecimentos as separam e ambas seguem seus destinos.

O livro se concentra em contar uma história na qual o leitor sabe exatamente o final, mas está interessado em uma releitura mais madura dos personagens já conhecidos. Trata-se de uma história escrita por um leitor-autor, que em sua vida, se perguntou “o que aconteceu *antes* da história”? E, ao escrever, pode compartilhar com os demais não apenas sua crítica e seu ponto de vista da história original, mas também colocar no livro seus próprios personagens, sem que a história final fosse alterada. O livro fez sucesso imediato e virou musical da Broadway em 2003, o qual ganhará uma versão fílmica em 2012.

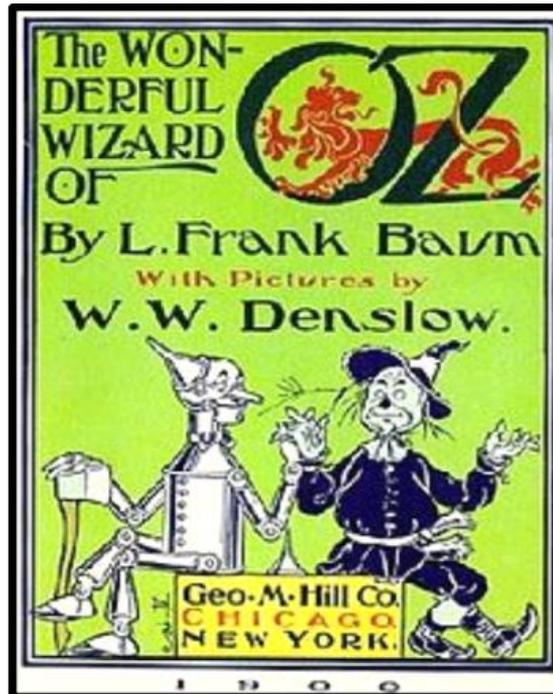


Figura 19: Capa original de *O Mágico de Oz* (*The Wonderful Wizard of Oz*, com desenhos de W. W. Denslow e história de L. Frank Baum. O livro teve vendas absolutas por dois anos seguidos.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Wonderful_Wizard_of_Oz/>.

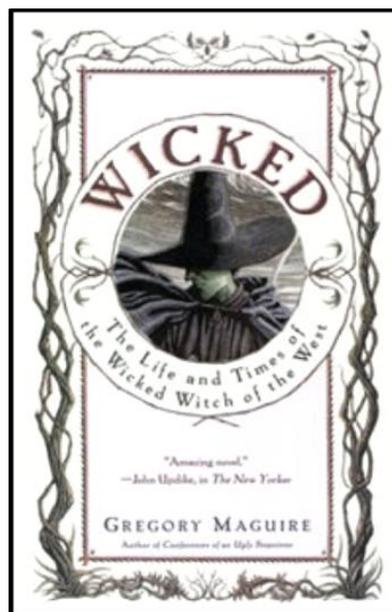


Figura 20: Capa original de *Wicked*, livro escrito por Gregory Maguire.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Wicked:_The_Life_and_Times_of_the/>.

O objetivo aqui não é, entretanto, apontar as diferenças entre tipos de leituras e leitores, mas sim mostrar de que forma eles se relacionam com os leitores de Quixote e de outros romances e escrevem suas histórias com o apoio dos *fandoms*,

tornando-se leitores ativos – os que escrevem e produzem outras mídias –, recebendo apoio dos leitores-consumidores. Esses jovens, leitores-escritores ativos, são, como Barthes cita em *S/Z* (1970), leitores de textos “escrevíveis” – pois não se conformam em serem somente leitores comuns de leituras comuns, e produzem sentido e vontade, deixam de ser apenas consumidores e se transformam em autores ativos.

3.3 De quando o leitor passa a escrever também

Segundo Alain Viala, em *Naissance de L'écrivain* (1985, p. 113), juridicamente o autor só passou a existir depois da invenção das leis dos direitos autorais – antes disso ele existia apenas por ser o nome que assinava na capa do livro, e não era mais nada além disso. Em 1571, uma lei determinou que o nome do autor fosse indicado. Agora o livro era produto do esforço do autor, um trabalho autoral e não artesanal – e o manuscrito virou um bem que não pode ser simplesmente tirado dele, assim como o dinheiro ou a casa. O trabalho era do autor e só havia uma situação em que o editor não o identificava – no caso dos livros de coletâneas e contos. Havia, portanto, a necessidade para proteger o autor, uma nova entidade que, ao ser reconhecida, provocou muita confusão na mente das pessoas. Com casos como o de *Quixote* de Avellaneda, o de *Celestine* de Fernando de Rojas, o dos copistas que iam ao teatro e transcreviam todas as falas das personagens e vendiam nas ruas aos interessados que não podiam pagar as entradas, e com o autor original recebendo pouquíssimo – em termos simples, o autor recebia o equivalente a uma fração das vendas.

Deslocando a noção para os tempos mais atuais, Barthes já destaca em *A morte do autor* (2004, p. 41) o afastamento do autor com relação ao texto, no sentido em que este seria a própria linguagem que constitui um texto, desfigurando, desta forma, a imagem pública que foi criada na idade Média que corria atrás do pagamento da venda dos livros. O autor se afasta do escritor e vira as palavras que compõem a obra, e ela permanecerá eterna enquanto existir essa transfiguração do autor em texto. E já que o autor vira texto, quem é a melhor pessoa para entendê-lo? O leitor que vive da produção de outros textos, que preenche os vazios da leitura a

partir das próprias experiências, aproximando-se, dessa forma, daquele do autor. Para ficarem sob um mesmo patamar como produtores de texto, Barthes afirma que é preciso que o autor “morra” para que o leitor exista, dando significado à obra. Com essa morte, Foucault afirma, em *O que é um Autor?* (2009, p. 42) que o leitor segue “de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto”. O “autor” desaparece na sua individualidade e se mantém através da noção de obra e escrita – ambas existentes por causa construção de sentido de texto do leitor.

3.3.1. De como o *ficwriter* pode publicar no Fanfiction.Net

Escrever *fanfiction*, assim como escrever um livro, tem apresentado suas dificuldades técnicas ao longo de vários anos. A ideia inicial veio com o surgimento das histórias em quadrinhos dos fãs, os *fanzines*, publicações em caderno impressos em gráficas comuns, em número limitado por causa do custo e distribuídos nas convenções aos outros frequentadores/fãs, com direito a discussão das histórias. Era, pois, de acesso restrito e apenas quem circulava pelas convenções tinha acesso ao material. Com um particular sucesso na procura das histórias, os fãs passaram a escrevê-las em prosa, e as últimas páginas de um *fanzine* acabaram dedicadas à publicação de um *fanfiction*.

A prática surgiu inicialmente durante as convenções do seriado americano *Jornada nas Estrelas*, por conta do longo período entre as temporadas (período em que um programa permanece semanalmente na televisão por ano) que os fãs precisavam esperar para ter novos episódios. A partir de então, ficou mais frequente para fãs encontrarem outras histórias e começarem a escrevê-las e divulgá-las nos eventos. Outro caso mais “atual” em que se vê a força das organizações promovidas por fãs aconteceu quando a rede britânica BBC cancelou o seriado *Doctor Who* em 1989, depois de 26 anos no ar. A série voltou a ser produzida em meados de 2005, entretanto, durante esse período compreendido de 1989 a 2005, a produtora Big Finish⁶⁷, em Londres, com a devida autorização da rede BBC, dona dos direitos de *Doctor Who*, começou a produzir uma coleção de CDs chamada *Eighth Doctor*

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.bigfinish.com/>>.

Adventures [As aventuras do Oitavo Doutor] com histórias em áudio das aventuras. Por trás da escrita delas estavam pessoas envolvidas na produção do antigo seriado e fãs da série, mas as aventuras em CD não fazem parte do cânone oficial – pois considera-se que a série de TV seja a original.



Figura 21: Capa de um CD da coleção *Eighth Doctor Adventures*.

Fonte: <<http://www.bigfinish.com/>>



Figura 22: Imagem do seriado *Doctor Who*, cancelado em 1989, exibido na época pela rede britânica BBC.

Fonte: <<http://www.bigfinish.com/>>.

Hoje, tanto *fanfictions* quanto *fanzines* são publicados *online*. Com a Internet, agora é possível publicar os capítulos em formato HTML (ferramenta que permite um texto ser postado em um *website*) a partir de um programa produtor de texto. A leitura saiu, portanto, do impresso e passou a ser virtual, e pode ser lida de qualquer

lugar. Em março de 2010, o Fanfiction.Net apresentou a versão *mobile* para celular do *site*⁶⁸.

A facilidade de publicação moderna conquistou os *ficwriters*, que passaram de anônimos a conhecidos escritores dentro dos *fandoms*, adotando uma identidade com foto sob a qual escreve. Houve facilidade num sentido para envio de arquivos de textos e publicação imediata nos *websites*, dificuldade em outro. Ao saberem que as obras eram transformadas em outras histórias por fãs, autores como Anne Rice e Nora Roberts proibiram a publicação de *fanfictions* baseados em suas obras sob alegação que fere os direitos autorais, pois usar as mesmas personagens ou quaisquer detalhes da obra seria plágio. Por meio de uma decisão judicial da corte norte-americana, a hospedagem das histórias baseadas nas obras desses autores foram retiradas do ar, com a devida justificativa.⁶⁹ A proibição é válida para o território norte-americano, entretanto alguns *websites* brasileiros decidiram acatar também a ordem e possuem restrições semelhantes quanto à publicação dos mesmos autores⁷⁰.

Registrar-se em redes sociais ou *websites* de serviços gratuitos é uma tarefa relativamente fácil, se a pessoa já possuir um endereço de email para contato para controle no site. Para se registrar no Fanfiction.Net como um *ficwriter* é preciso passar por um processo parecido, porque o primeiro item para preencher no cadastro é o *pennname*, além de escolher uma senha e provar que tem mais de treze anos (exigência normal em *websites* americanos), e estar de acordo com os termos de serviço⁷¹ e com a política de privacidade⁷², criando assim uma conta. A respeito

⁶⁸ Segundo a nota apresentada em 25 mar. 2010 -- *For all the cell surfers, mobile poets, and all the creative minds stuck in a terribly exciting lecture/corporate meeting, we are very happy to fill your voids with FanFiction.Net Mobile at <http://m.fanfiction.net>. Please help us spread the word and test the new service.* Email feedback/issues_tosupport@fanfiction.com. [“Para todos os internautas por celular, poetas de meio móvel e todas as mentes criativas presentes nessa leitura/grupo corporativo terrivelmente excitante, estamos todos muito felizes de preencher seus vazios com o Fanfiction.Net Mobile no endereço <http://m.fanfiction.net>. Por favor, ajude-nos a espalhar a notícia e testar o novo serviço. Email com feedback/problemas para o support@fanfiction.com”], tradução nossa.

⁶⁹ Segundo nota expressa do site: FanFiction.Net respects the expressed wishes of the following authors/publishers and will not archive entries based on their work: Anne Rice, Archie comics, Dennis L. McKiernan, Irene Radford, J.R. Ward, Laurell K. Hamilton, Nora Roberts/J.D. Robb, P.N. Elrod, Raymond Feist, Robin Hobb, Robin McKinley, Terry Goodkind. Disponível em: http://login.fanfiction.net/story/story_tab_guide.php

⁷⁰ O Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online publicou a lista dos autores nos Termos de Uso. Disponível em: <<http://www.ffsol.org/porta/termodeuso.php>>.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/tos/>> (em anexo).

⁷² Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/privacy/>> (em anexo).

da idade mínima, uma busca mais minuciosa em todo o *site* pode encontrar usuários com menos de treze escrevendo para *fandoms* mais populares.

Figura 23: Como se cria uma conta no Fanfiction.Net: *penname*, email e senha são itens obrigatórios, além de confirmação de idade e leitura e aceitação dos termos de serviço e políticas de privacidade.

Fonte: <<http://login.fanfiction.net/login.php/>>.

Depois da confirmação de cadastro através de um link enviado pela equipe do Fanfiction.Net por email, o novo membro possui um perfil com diversas orientações para manusear, no qual pode checar os dados, o endereço do perfil, email, senha, pode carregar uma foto que constará no perfil, além de outras propriedades, como permitir receber notificações de comentários e mensagens de leitores por email e o local onde o *ficwriter* mora.

Figura 24: Página inicial do membro cadastrado, na qual constam os dados pessoais do autor.

Fonte: Perfil de <<http://www.fanfiction.net/~doks/>>.

Para publicar uma história, o usuário deve salvar seus documentos de textos em *document manager* [gerenciador de documentos], na parte de *publish* [publicação] com suporte para diversos programas (compatíveis com diversos sistemas operacionais, como Windows, Linux ou Mac OS), e esses arquivos permanecem no banco de dados do *site* por até 60 dias até serem apagados. Na mesma seção, o *ficwriter* pode visualizar e editar a história com ferramentas de edição muito semelhante às existentes em editores de *blogs*.



Figura 25: seção de publicação do Fanfiction.Net. De cima para baixo: *Guide* [guia], *document manager* [gerenciador de documentos], *new story* [nova história], *my stories* [minhas histórias] e *guidelines* [normas].

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível em: </http://www.fanfiction.net/~doks/>.

Publicar a história vai exigir uma confirmação da leitura das normas do *website*⁷³, com uma confirmação obrigatória antes da publicação. Isto exige dos usuários brasileiros conhecimentos prévios da língua inglesa, única versão disponível até o momento. Nas normas constam, além das normas do que é e do que não é permitido (publicar histórias com apenas duas linhas ou em formato de bate-papo, plágios e *fanfictions* de pessoas reais, por exemplo), a “etiqueta” da comunidade (fazer revisão das histórias, respeito aos leitores que fazem críticas negativas e conscientização de que todos são aspirantes a escritor) e as referências à faixa etária em que as histórias devem estar classificadas.

⁷³ Em anexo.

Figura 26: *Publish new story*: ao aceitar as normas, o usuário é direcionado para a parte de “nova história”.

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível </http://www.fanfiction.net/~doks/>.

Depois de aceitar as normas, o leitor-autor pode publicar suas histórias, na qual ele seleciona a categoria (exemplo: categoria livro: *Twilight*), a língua, classificação, personagens principais e os gêneros, além de apresentar o título e um pequeno resumo.

Figura 27: apresentação dos dados de uma história.

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível em: </http://www.fanfiction.net/~doks/>.

O *ficwriter* pode, eventualmente, consultar as estatísticas das histórias publicadas através de uma tabela com informações fornecidas pelo Fanfiction.Net, na qual consta a quantidade de palavras, de capítulos, comentários, acessos e notificações que cada *fanfiction* possui.

The screenshot shows the FanFiction.Net website interface. At the top, there is a navigation menu with links for Account, Publish, Inbox, Traffic, Alerts, Beta Reader, Community, DocX, Favorites, Forums, Polls, and Reviews. Below the menu is a list of links for various traffic and stats reports. The main content area features a table titled 'Stats Breakdown by Story' with columns for Story, Words, Chaps, Reviews, Hits, C2s, FavS, and Alerts.

Story	Words	Chaps	Reviews	Hits	C2s	FavS	Alerts
Change	4,294	1	7	561	0	6	1
Thunderstorms	853	1	1	144	0	1	0
Blind	1,236	1	1	106	0	0	0
Home Cooking	2,209	1	2	63	0	2	0
Regard	625	1	2	30	0	0	1

Figura 28: Estatísticas de histórias publicadas.

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível em: </http://www.fanfiction.net/~doks/>.

Com todos os detalhes “internos” resolvidos, no perfil do autor há ainda outras informações que podem ser esclarecidas. Nelas o autor pode, como qualquer perfil social, preencher com informações sobre quem é, quais histórias lê e escreve, epígrafes e recomenda outras histórias. Na mesma página pode-se encontrar a “biblioteca” com os *fanfictions* e autores favoritos.

The screenshot shows the author's profile page on FanFiction.Net. It includes a header with the name 'Doks', a feed section with links for Send Message, Subscribe, and Favorite, and a bio section. The bio contains a small image of a couple and text in Portuguese. Below the bio, there are social media links for Twitter and Orkut. At the bottom, there is a section for 'My Stories' with a list of two stories: 'Regard reviews' and 'Blind reviews', each with a brief description and metadata.

bio:
 Olá =D
 Meu nome é Dóris e moro no Espírito Santo. Não sou uma verdadeira ficwriter, só escrevo em ocasiões especiais. Parte por causa da falta de imaginação e motivação e parte por causa da preguiça..
 Não quero que esperem muito de mim u.u eu sou uma pessoa leviana.
Contato:
 E-mail: dorinha-lovechaz@hotmail.com
 Eu tenho blogs (lo/)... Se quiserem visitar está aqui: [Shipper Obsession](#), [Michael + Sara = MISA - \(Prison Break\)](#) e [Live for reading](#)

My Stories (5):
 1. [Regard reviews](#)
 Winry se pega pensando nos anos que se passaram...
 Fullmetal Alchemist - Rated: K+ - Portuguese - Romance/Family - Chapters: 1 - Words: 625 - Reviews: 2 - Published: 2-2-11 - Winry R. & Edward E.
 2. [Blind reviews](#)
 Eles sempre seriam cegos, Peter/Susan INCESTO
 Chronicles of Narnia - Rated: M - Portuguese - Romance/Angst - Chapters: 1 - Words: 1,236 - Reviews: 1 - Published: 1-17-11 - Peter Pevensie & Susan Pevensie - Complete

Figura 29: Perfil público do autor no Fanfiction.Net.

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível em: </http://www.fanfiction.net/~doks/>.

Na descrição apresentada por Maria Lúcia Bandeira Vargas em *Fenômeno Fanfiction* (2005), o *ficwriter* se vê como um coautor do texto⁷⁴, pois é capaz de atrair a atenção de outras pessoas dentro do *fandom* para uma discussão por causa de uma história. O envolvimento com a prática realmente atrai outros membros do grupo para novas leituras da obra principal, mas dificilmente pode ser visto – e se vê – como um coautor dela. Para os fãs, o que escrevem nunca será cânone, e que o que o autor é responsável pela obra original. Seria, portanto, necessário que tanto autor original quanto *ficwriter* trabalhassem juntos no desenvolvimento dela, o que não é o caso quando se vive dentro num grupo tão imenso de fãs.

Nos *fandoms* há também pequenas associações que reúnem fãs que se ocupam na criação de *fanzines*, *fanarts* ou *fanfictions*. Esses grupos promovem discussões em torno de outras histórias, ou concursos que duram meses e são divulgados entre si. Os “prêmios” são de reconhecimento público na rede e em formato de *banner*, uma imagem criada pelo grupo para honrar os premiados e divulgá-las. Uma iniciativa promovida ano passado e que tornou os *fanfictions* da saga *Twilight* [*Crepúsculo*] muito populares nos Estados Unidos foi criar um concurso com objetivo de arrecadar fundos para a Fundação Alex Lemonade Stand, um centro de pesquisa para tratamento de câncer em crianças⁷⁵. *Ficwriters* do mundo inteiro podiam participar ao escrever uma história em um capítulo e fazer a doação de cinco dólares diretamente para a fundação, caso participassem.

Como foi visto, o *fandom* é a força que move os *ficwriters*. É dentro dele que o leitor-autor vive e permanece vivo, pois há o incentivo dos membros para que o autor continue com a tarefa da escrita, por meio de comentários deixados em cada capítulo das histórias. É preciso ressaltar que ele permanece na ativa enquanto a febre por determinado produto permanecer atraindo consumidores – o que pode variar de meses até anos. Podem começar em qualquer idade e parar a qualquer momento, mesmo que o *fandom* esteja no ar ainda. É outra condição de existência.

⁷⁴ Para Vargas (2005, p. 18), “o envolvimento com essa prática seria resultante das leituras realizadas pelo sujeito, que percebe a si mesmo como um coautor do texto que o mobiliza, sendo o *fanfiction* a concretização de uma experiência interior”.

⁷⁵ Disponível em: </ <http://thefandomgivesback.blogspot.com/p/about-fandom-gives-back.html/>>.

3.3.2 De quando o *ficwriter* precisa de *beta-readers*

Os *beta-readers* são um caso separado no que diz respeito aos *fanfictions*. Primeiro porque não são considerados *ficwriters* porque não escrevem diretamente a história. Segundo porque antigamente eram designados para corrigir os erros como um revisor comum – eram os “segundos” leitores de uma história (daí vem o nome beta, como a segunda letra do alfabeto grego), enquanto que o primeiro leitor é o *ficwriter*. Atualmente, em nova versão, os *beta-readers* são como uma junção de revisores e editores, pois além de revisarem os textos para corrigir os possíveis erros de gramática e digitação, são responsáveis pelos rumos e pela coerência do *fanfiction*, com uma nova função da crítica literária. Os *websites* como o Fanfiction.Net ou o brasileiro Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online recomendam ter sempre uma pessoa em quem confiar a tarefa.⁷⁶ Este seria, portanto, a pessoa a quem se deve chamar de “coautor” da história, pois age junto ao autor (o *ficwriter*, no caso), para a construção dela, e adota um perfil semelhante para trabalhar.

No caso do Fanfiction.Net e do Nyah! Fanfictions, há um perfil separado do de autor destinado aos que desejam espontaneamente virar *beta-readers*. No caso do Fanfiction.Net, só é possível ter o perfil se anteriormente tiver criado o perfil de autor, e se possuir já pelo menos cinco histórias publicadas ou pelo menos seis mil palavras contadas no que já tiver escrito.⁷⁷ No caso do *site* brasileiro, a opção para ser *beta-reader* está apenas no perfil procurado com as devidas opções de leitura,

⁷⁶ No Fanfiction.Net, um guia orienta o trabalho do beta-reader: *A beta reader (or betareader, or beta) is a person who reads a work of fiction with a critical eye, with the aim of improving grammar, spelling, characterization, and general style of a story prior to its release to the general public* [“Um beta-reader (ou betareader ou beta) é uma pessoa que lê um trabalho de ficção com um olhar crítico, com o objetivo de melhorar a gramática, ortografia, caracterização e estilo geral de uma história primeiramente antes de ser divulgada para o público geral”]. Em português, o blog *Toca Sombria* possui um interessante artigo a respeito do trabalho para quem é escritor (seja de *fanfictions* ou não) iniciante. Disponível em: <http://tocasombria.blogspot.com/2010/07/importancia-dos-beta-readers.html/>.

⁷⁷ No guia para beta-reader consta: *To register with the site as a beta-reader and offer your beta services, you must meet ALL the qualifications: 1) Be a registered member for at least 1 month or more; 2) Must have published at least 5 stories on the site OR have published entries totaling at least 6000 words; 3) Must accurately complete both the Profile and Preferences part of this beta section.* [“Para se registrar neste site como um beta-reader e oferecer seus serviços, você deve ter **TODAS** as qualificações: 1) Ser membro registrado há pelo menos 1 mês ou mais; 2) Ter publicado pelo menos 5 histórias no site OU ter publicações que somem pelo menos 6000 palavras; 3) ter completado corretamente os dois campos de Perfil e Preferências nesta seção de beta”].

mas não há sistema de busca no site da mesma forma que o Fanfiction.Net desenvolveu – na qual pode-se encontrar alguém com quem trabalhar.

Doks 's Beta Reader Profile

action : [Send Message](#) . [Subscribe](#) . [Favorite](#)

profile : [Member Profile](#)

email : [Email](#)

since : 12-15-07, id: 1445321

web : [Homepage](#)

Author has written [5](#) stories for Fullmetal Alchemist, and Chronicles of Narnia.

β : Doks is a registered beta reader and is currently **accepting** beta reading requests.

Beta Description

My Strengths: beta, writing, or reading strengths
 Eu gosto de deixar as histórias fáceis de entender e com suavidade na leitura. Ninguém aqui quer ser um Eça da vida...

My Weaknesses: beta, writing, or reading weaknesses
 Eu sou meio cri-cri com algumas coisas. Às vezes eu apenas "corrijo" uma frase inteira só por causa de uma palavra que eu não gosto. Além de ter problemas com plural de substantivos compostos...

Preferred: types of entries I prefer over others
 Eu prefiro histórias com temas mais maduros, os conflitos são sempre mais interessantes do que as fanfics com temas de adolescentes/crianças.

Would Rather Not: types of entries I do not want to beta for
 Não me chamem para betar uma fanfic de romance com casal Sesshoumaru/Kagura nem nenhum yaoi de Fullmetal Alchemist.

Beta Preferences

Figura 30: Perfil de uma beta-reader, com a descrição do trabalho que faz, com os pontos mais fortes, as fraquezas, preferências de histórias e o que não gosta de revisar (perfil completo em anexo).

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível em: <http://www.fanfiction.net/~doks/>.

[ID #34418] Doks



Minhas preferências de leitura

Eu leio histórias sobre Fullmetal alchemist, Inuyasha, Dragon Ball, CCS, Crônicas de Nárnia (apenas se for Susan/Peter) e mais algumas outras. Gosto mais de histórias de conteúdo adulto, já que eu acho os conflitos mais sérios.

Categorias: As Crônicas de Nárnia, Fullmetal Alchemist, Dragon Ball Z

Gneros: Drama

Disponvel para betar histrias: Sim

Gosta do site? Divulgue!

826 1K

[Tweet](#) [Curtir](#)

Opções

[Enviar Mensagem Privada](#)

Onde me encontrar

Site:
<http://shipperobsession.tumblr.com/>

MSN IM: dorinha-
lovechaz@hotmail.com

Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=10829653831415266>

Figura 31: perfil de *ficwriter/beta-reader* no site brasileiro Nyah! Fanfiction (perfil completo em anexo).

Fonte: Página pessoal de Doks. Disponível em: <http://www.fanfiction.com.br/doks/>.

Home » Beta Readers » All Books

10,241 found: Page 1 2 3 4 11 .. 201 Next »

Narrow Results		
--- Language: ---		
English (9,908)		
Spanish (558)		
French (452)		
German (124)		
Filipino (82)		
Portuguese (74)		
Latin (53)		
Japanese (53)		
Chinese (50)		
--- Genre: ---		
Romance (9,502)		
Humor (9,019)		
General (8,687)		
Drama (8,608)		
Friendship (8,498)		
Adventure (8,316)		
Hurt/Comfort (8,260)		
Fantasy (8,234)		
Family (7,386)		
--- Rating: ---		
Fiction K » M (8,282)		
Fiction K » T (1,877)		
Fiction K » K+ (74)		
Fiction K (5)		

Figura 32: Sistema de busca de *beta-readers* na seção geral de livros do Fanfiction.Net. Pode-se redefinir as buscas ao selecionar a língua, gênero e classificação da história que pretende escrever.

Fonte: </http://www.fanfiction.net/>.

Como essa tarefa, assim como a de escrever *fanfictions*, é totalmente voluntária, a “betagem”⁷⁸ de uma história exige do *beta-reader* uma capacidade crítica acima dos leitores comuns, apontando os erros da evolução do enredo e/ou possíveis falhas que o autor não enxergou antes. No caso específico de *fanfictions*, o *beta-reader* também deve conhecer a obra original e trabalhar para evitar possíveis incoerências entre a “imitação” e a “verdadeira”.

3.4 De quando se percebe a importância de os leitores quererem escrever

A pergunta feita no título do trabalho de Iffland sobre Avellaneda é retomada, porém mais contextualizada: Por que precisamos respeitar o *fanfiction*, quem o escreve e quem o lê, apesar de não ser uma obra “original”?

Escrever *fanfictions* sempre foi uma atividade levada sem muita seriedade por educadores e familiares e por críticos literários do *fanwriter*, por inúmeros motivos.

⁷⁸ O termo é criação brasileira e não existe nos *fandoms* de Portugal. Significa fazer revisão/edição de uma história (“betar”)

Numa pesquisa para o artigo *O perfil dos leitores-autores de fanfictions*, publicado nos anais da revista *Hipertextus*⁷⁹ do 3º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias da Informação, afirmo (REIS, 2010), também com base em Vargas (2005), que a família e os mais próximos do *ficwriter* não têm conhecimento da atividade praticada na *web*. Quando tomam conhecimento, também não se interessam em ler e/ou fazer críticas a respeito. Alguns *ficwriters* declaram que é difícil contar aos familiares ou aos professores que escrevem histórias como *fanfictions* ou poesias ou contos originais e as publicam na Internet. Muitos pensam que receberão críticas negativas, por considerarem a atividade como perda de um tempo que poderia ser aproveitado de forma mais produtiva, ou que simplesmente pode ser encarada com indiferença, pois acreditam que ninguém se interessará em saber o que são *fanfictions* ou em ler e opinar a respeito.

Entretanto, apesar da indiferença e das críticas recebidas, a maior parte dos escritores de *fanfictions* aponta uma significativa melhora nas habilidades com a escrita na própria escola e/ou academia: quase todos afirmam que escrever *fanfictions* ajuda a organizar as ideias, e as críticas que recebem melhoram o desempenho, o que pode motivá-los até a escrever livros. Essa parece ser, atualmente, a tendência.

No *fandom* da saga *Crepúsculo*, os *ficwriters* estão retirando as histórias do *site* para poder publicá-las em livro com o apoio de editoras menores. Um delas, a *ficwriter* que atua sob o *pennname* Snowqueens Icedragon, retirou de seu *site* pessoal⁸⁰, em fevereiro de 2011, o *fanfiction* com maior número de comentários do Fanfiction.Net⁸¹, que tinha Isabella Swan e Edward Cullen como personagens principais, e anunciou a sua publicação pela editora The Writers Coffee Shop (TWCS Publishing House)⁸², dos Estados Unidos. Seu *fanfiction*, com cerca de 120 capítulos, intitulada *Master of The Universe*, tinha mais de 55 mil comentários, somente na versão em língua inglesa, e mais de 20 mil na tradução alemã. Agora, a história possui um novo título (*Fifty Shades of Grey*) e foi lançado no mercado em abril de 2011. A editora TWCS disponibilizou o envio de encomendas a qualquer parte do mundo, sob o pagamento do frete depois que os leitores de *Master of The*

⁷⁹ Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/simposio2010.html/>>.

⁸⁰ Disponível em: <<http://50shades.com/>>.

⁸¹ Antes de criar um *site* pessoal, Snowqueens Icedragon publicou a primeira parte da história no Fanfiction.Net, cujo número de comentários ultrapassava a marca de 1000 por capítulo. Perfil ainda disponível em: <http://www.fanfiction.net/u/2052623/Snowqueens_Icedragon/>.

⁸² Disponível em: <<http://www.thewriterscoffeeshop.com/publishinghouse/>>.

Universe foram em busca de informações acerca do livro. Entretanto, a autora precisou mudar os nomes das personagens⁸³ para que sua obra não pertencesse à franquia da saga criada por Stephenie Meyer e, com isso, violasse a lei dos direitos autorais.



Figura 33: Capa de *Fifty Shades of Grey*, de E. L. James, conhecido no fandom de *Twilight: Crepúsculo* como *Master of the Universe*, da ficwriter Snowqueens Icedragon.

Fonte: <<http://www.thewriterscoffeeshop.com/publishinghouse/books/detail/23/>>

Além das habilidades com a escrita, Vargas (2005) acrescenta ainda que a prática de letramento envolvendo *fanfictions* aprofunda as leituras de mundo dos praticantes, um processo que demonstra que a atividade não é apenas ligada à escrita. Há uma melhora significativa nas habilidades linguísticas de leitura e compreensão de textos. Outro aspecto, mais particular, é com relação à recepção desses textos por comentários recebidos a cada capítulo publicado, através da qual a maioria dos autores procura aprimorar sua produção escrita com cuidado e atenção.

O *ficwriter* se apresenta, enquanto escritor que mantém um perfil constantemente atualizado, como o Frankenstein formado de vários pedaços como

⁸³ Em lugar de *Isabella “Bella” Swan* e *Edward Cullen*, os nomes foram mudados para *Anastasia “Ana” Steele* e *Christian Grey*. Demais informações sobre o livro estão disponíveis em: <<http://www.thewriterscoffeeshop.com/publishinghouse/books/detail/23/>>.

uma colcha de retalhos, conforme apresentado no primeiro capítulo (em relação à sua formação, e não ao texto híbrido que compõe): é um transgressor que sempre quer estar além dos limites designados a ele: não se conforma em ser apenas um leitor, e, quando se torna autor, apropria-se de personagens de outros para criar as próprias histórias, sem nunca deixar de fazer referência à história original. Quando não está escrevendo, como leitor, quer ser crítico das histórias de outros fãs, organizar a biblioteca com os *fanfictions* favoritos, comentar até chegar o capítulo final. Com autor, quer ser lido e receber opiniões, é cobrado para fazer atualizações dos novos capítulos e é crítico do texto original ao justificar, muitas vezes em notas, as ações das personagens. É leitor, autor e crítico ao mesmo tempo. Talvez uma das mais jovens, produtivas e transgressoras atuações críticas da era da internet.

Fandoms atraem centenas de pessoas de qualquer idade todos os dias. Enquanto houver divulgação por parte das produtoras e do público, e motivos que levem os leitores a passarem para o papel as aventuras que se encaixem nas lacunas deixadas pelos autores originais, os *ficwriters* produzirão seus textos, confessando que não são os autores originais, e dando os créditos da criação em um *disclaimer*. Esta é, provavelmente, a maior diferença entre um autor de *blog* literário ou de textos postados no Twitter e o autor de *fanfiction*: não há criação nas histórias de fãs de outras personagens além das originais (a não ser que seja introduzida uma personagem original com um aviso prévio do *ficwriter*), e a discussão dentro dos *fandoms* e dos comentários enviado por outros leitores. A condição de existência deles reside nisso, mesmo que tenham a descrição de João Guimarães Rosa (epígrafe deste capítulo): é falso e ao mesmo tempo verdadeiro e inventado, e mesmo mudando a ordem das palavras, o sentido para a criação dos *fanfictions* permanece o mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho viu-se de que forma linguística e literatura se unem de forma intrínseca quanto à descrição, ao estudo da criação e manuseio dos gêneros digitais. A partir da referência a uma série de mitos híbridos, desde os relatos do Minotauro até as origens do transgressor Édipo, procurou-se sugerir que de certa maneira o hibridismo pode ser considerado como uma das características do mundo virtual (da mesma forma que o é em diversas manifestações artísticas contemporâneas): a mistura de recursos sensoriais, antes apenas sugerida nos textos; a transgressão dos limites genéricos; a possibilidade (como em um grande teatro paralelo à vida) da criação de múltiplas identidades; a transfiguração do leitor em um novo autor, e, o que pode ser considerado como algo ainda mais novo, a participação desse leitor em uma nova forma de crítica textual. O monstro híbrido que é o Minotauro pode, hoje, representar não apenas a terrível sorte de quem se perde nas sempre novas sendas de um espaço sem saída, como também pode personificar a união da inteligência do homem e da força do touro; pode, ainda, metaforicamente, representar a figura híbrida que se tornou o leitor nestes novos tempos (segunda metade do século XX, início do XXI) em que a escrita publicada *on-line* atinge pessoas de todo o mundo – pessoas que são, por sua vez, autores, leitores, personagens e críticos.

A rede de textos da *web*, por meio dos hipertextos, conduz o leitor pelos corredores de um labirinto, o que muitas vezes é familiar e diferente ao mesmo tempo para ele. Os hipertextos redefinem caminhos a serem percorridos, embora não sejam propriamente um desafio aos leitores, pela própria liberdade de cada um na escolha da leitura (inclusive a liberdade de se perder nessa escolha). Esse labirinto de leituras na *web*, em diversos formatos de arquivo, está ao alcance de um *clique* do mouse.

Um dos novos gêneros disponíveis na rede, o *fanfiction digital*, principal objeto deste estudo, seria a representação da fábrica de sonhos de muitos leitores que não conseguem se despedir de suas histórias favoritas. Conforme foi visto nos capítulos anteriores, muitos leitores, ao se aproveitarem das personagens principais e do enredo de uma história já escrita e bastante divulgada pelos meios de comunicação,

criam uma história à parte, um perfil e uma nova identidade, transformando-se autores-leitores (ou *ficwriters*, como eles ficaram conhecidos). Deixa de ser um leitor comum e passa a ser um leitor interpretativo. E ao escrever uma nova história baseada em outra já consagrada tanto em livros impressos quanto virtuais, o leitor está, por meio de uma escrita de ficção, criticando outras obras desde os tempos de *Dom Quixote* de Cervantes.

O futuro desses escritores na rede está estritamente vinculado ao *fandom* do qual faz parte – um grupo formado por fãs para discussão e criação de trabalhos em torno de um produto (um livro, um filme etc.). Muitos se aventuram a encerrar a carreira virtual ao publicarem seus livros em papel – o que desmorona totalmente a famosa profecia de que o mundo virtual acabaria com as tão antigas impressões de Guttemberg. Ao se tornam escritores de obras impressas, os *ficwriters* vendem seus livros e esperam, muitas vezes, que os livros façam o mesmo sucesso (que antes fizeram entre os leitores de *fanfictions* postados on-line), e que sejam discutidos nos *fandoms* e que outros *fanfictions* sejam criados a partir da nova obra.

Avellaneda, Calvino, Menard, Frank Beddor, Gregory Maguire foram alguns autores citados que escreveram obras derivadas de outras originais, gerando diferentes discussões, dependendo da época. Menard é a caricatura criada por Borges de Avellaneda, escritor espanhol do século XVI que escreveu a continuação das *Aventuras de Dom Quixote de La Mancha*, corrigindo diversos erros da primeira parte da obra. Os demais seguiram em outra direção, apropriando-se das personagens para criar outra história, muitas vezes em épocas diferentes ou universos diferentes. *Wicked*, de Gregory Maguire, passa-se numa época anterior às aventuras contadas em *O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum. Frank Beddor apresenta *Alice no País das Maravilhas* num universo diferente do que foi apresentado por Lewis Carroll, como se fosse uma continuação, na qual Alice se revolta com os rumos da obra original apresentada pelo reverendo pelo Reverendo Dodgson, nome verdadeiro de seu amigo Lewis Carroll.

No mesmo caminho dos autores citados, os *ficwriters* (também qualquer outro fanartista, fanzineiro) se sobressaem ao assumirem uma identidade e quando praticam a escrita de histórias, criando novas obras. Procuram *sites* especializados na hospedagem dessas histórias, esperam por comentários a respeito, arrumam tempo para terminar o capítulo (será tempo o grande vilão de todas as histórias?), enviam-no a um *beta-reader* (outra nova espécie de crítico literário) para a revisão

dos erros (ortográficos, de continuidade etc.), atualizam e planejam os próximos capítulos até, como é de praxe, chegar a um final.

Enquanto alguns decidem continuar a escrever fora do *fandom*, outros param de escrever por diversos motivos: tempo, escola (para os que ainda são estudantes, visto que esse fenômeno de escrita feita pelos fãs parece atingir leitores-autores jovens), falta de motivação, falta de comentários sobre o trabalho publicado em *websites* (uma nova versão dos mesmos percalços experimentados pelos escritores ao longo dos séculos). O tempo de vida para um *ficwriter* ainda é algo discutível, mas o que se percebe é que enquanto o *fandom* vive, o autor continua nas suas atividades – o tempo de vida dele pode estar relacionado com o sucesso dos produtos relacionados ao filme, do número de comentários que recebe, do tempo que dispõe para escrever um capítulo.

O *ficwriter* apresenta-se, portanto, como o ser híbrido apresentado no primeiro capítulo, um ser transgressor que sempre quer estar além dos limites designados a ele: não é apenas um leitor, não deixa de ser autor e se apropria de personagens de outros para criar suas próprias histórias. Quer ser lido e ler opiniões, quer ser crítico quando escreve sua própria ficção e também ao comentar outras histórias. É leitor-autor e crítico ao mesmo tempo. É certo que o hipertexto traz a dúvida quanto à noção de autoria na modernidade. O “novo autor” ao estruturar seu documento, lê, avalia e estabelece ligação com outros documentos que possam contribuir para o entendimento de seu ponto de vista.

E, por isso, alguma reação é esperada do público.

Ao fazer considerações sobre esse leitor *incomum*, que encontra o caminho facilmente nos labirintos com a ajuda dos fios de cabelo de Ariadne, é possível notar a semelhança entre o leitor-autor da época de Cervantes com o leitor-autor moderno, escritor, nas horas vagas, de *fanfictions*. Enquanto o leitor de Cervantes é o tipo de leitor aficionado por leitura como o próprio Quixote (que recolhe papéis no meio da rua), assim também é o leitor moderno (que lê seus livros tanto impressos quanto na Internet, na tela do computador) que vive rodeado de *hiperlinks* em todos os seus perfis em redes sociais e comunidades, mas não recolhem mais papéis do chão como o honorável cavaleiro. Agora eles salvam os endereços dos *fanfictions* que leem no momento (ou que já leram) nos favoritos do navegador e organizam seus *fanfictions* favoritos nas abas no Fanfiction.Net ou Mediaminer.Org – o que lembra bastante nosso costume de organizar nossas bibliotecas na realidade não-

virtual. Segundo Ricardo Piglia, em *O último leitor* (2006), essas pessoas são leitores viciados que não conseguem deixar para trás uma só linha sem explicação, e procuram interpretá-la ou preencher as lacunas deixadas pelo autor original, escrevendo suas ideias e divulgando-as em diversos meios – a *web* é apenas um dos meios encontrados para tal. E não só interpretam e preenchem os vazios, mas também tomam as personagens emprestadas e revivem-nas como em um sonho, transformando-se num visionário de como as coisas poderiam ser: “não se trata de interpretar (porque já se sabe de tudo), mas de reviver” (PIGLIA, 2006, p. 22). Nos *fandoms*, os leitores não são mais passivos, invisíveis e anônimos. Nos tempos atuais, assumem geralmente uma identidade com foto – criam perfis em *sites* e fóruns de discussão sobre leituras de livros e *fanfictions*. É uma condição de existência estar dentro dos grupos para comentar, ser respondido e existir pelo nome escolhido. É como afirma Piglia (2006, p. 21): “para [esses leitores] a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A Arte Poética*. 1.ed. São Paulo: Martin Claret, 2003. 150 p.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: L&PM, 1997. 246 p.

AVELLANEDA, Alonso Fernandez. *The History of the Life and Adventures of the Famous Knight Don Quixote, de La Mancha*. Londres: Paul Vaillant (Impressão), 1745. 322 p. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=iMMNAAAQAAJ&dq=the%20history%20of%20ife%20and%20adventures%20of%20the%20famous%20knight&hl=de&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

AYLWARD, E. T. *El Ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*. 2003. In: Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America, 2003. p. 262-264. Disponível em: <<http://www.h-net.org/~cervantes/csa/bcsas03.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2011.

_____. *The Crucible Concept: Thematic and narrative patterns in Cervantes' Novel*. In: Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America, 1999. Disponível em: <<http://www.h-net.org/~cervantes/csa/artics00/davis.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2011.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance*. 3.ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993, 439 p.

BARBOSA, Pedro. *Ciberliteratura, Inteligência Artificial e Criação de Sentido*, 2001. Disponível em: <http://www.pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/artigo-icnc.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2011.

_____. *Teoria do homem sentado*: 1996. Disponível em: <<http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>>. Acesso em: jan. 2011.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987, 86 p.

_____. *S/Z*. Paris: Gallimard/Points (Éditions du Seuil), 1984, p. 9-23.

_____. *A morte do autor*. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes: 2004, p. 38-43.

BAUM L. Frank Baum. *The Wizard of Oz*. Collectors Library (Coleção). Nova York: CRW Publishing, 2009. 232 p.

BEDDOR, Frank. *The Looking Glass Wars*. Londres: Speak/Penguin Group, 2004, 358 p.

_____. *The Looking Glass Wars*: 2005. Disponível em: <<http://www.thelookingglasswars.com/>>. Acesso em: 14 set. 2010.

BORGES, Jorge L. *Pierre Menard, autor de Quixote*. In: _____. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1999, p. 18-23.

BRANDÃO, Junito de S. *Mitologia Grega*. Volume I. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, 404 p.

_____. *Mitologia Grega*. Volume II. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992, 335 p.

CALVINO, Italo. *Se um Viajante numa Noite de Inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 275 p.

CARROL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 9. ed. São Paulo: Summus, 1980, 279 p.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote – Segunda parte do engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&PM, 2006, 518 p.

CHA, Ariana Eunjung. *Harry Potter and the Copyright Lawyer Use of Popular Characters Puts 'Fan Fiction' Writers in Gray Area*: 18 jun. 2003. Washington Post. Disponível em: <http://msl1.mit.edu/furdlog/docs/2003-06-18_washpost_potter.pdf/>. Acesso em: 11 dez. 2010.

CHARTIER, Roger. *A prensa e suas fontes – Dom Quixote na oficina de impressão*. In: *Inscrever e Apagar*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 85-128.

_____. *Os Desafios da Escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002, 144 p.

CHAVES, L. S. A Escrita na Internet. In: TUPIASSÚ, Amarílis. *Escrita Literária e Outras Estéticas*. Belém: Editora Unama, 2002, p. 128-150

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, 297 p.

DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. Palestra de 1987. Trad. José Marcos Macedo. Publicado em Folha de São Paulo: 27 de junho de 1999.

DERRIDA, Jacques. The Law of Genre. In: *Critical Inquiry*. Vol. 7, Outono 1980. p. 55-81.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. 7. ed. Lisboa: Vega/Passagens, 2009. 160 p.

FRYE, Northrop. *Anatomy of Criticism – Four essays*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1973. 385 p.

HUGO, Victor. Cromwell – Prefácio. In: *Do Grotesco e do Sublime*. São Paulo: Perspectiva, 2007, 101 p.

IFFLAND. *Do we really need to read Avellaneda?* In: Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America, 2001, p. 67-83. Disponível em: <<http://www.h-net.org/~cervantes/csa/bcsas01.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2011.

JAMES, Henry. *A volta do parafuso*. São Paulo: L&PM, 2008. 224 p.

JAMES, E. L. *Fifty Shades of Grey* (livro a ser lançado): 2011. Disponível em: <<http://www.thewriterscoffeeshop.com/publishinghouse/books/detail/23/>>. Acesso em março 2011.

JAUB, Hans Robert. *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 63-82

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009, 428 p.

_____. *Textual Poachers*. Nova York: Routledge, 1992. 354 p.

KAFKA, Franz. *Briefe 1902-1924*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1998. 527 p.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 110-119.

LANG, Jean. Prometeu e Pandora. In: *Mitos Universais – Mitos e lendas dos povos europeus*. São Paulo: Landy, 2003, p. 15-20.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2009, 159 p.
LYOTARD, Jean François. *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, 123 p.

LIMA, Luis Costa. *Prefácio à primeira edição – O leitor demanda (d)a Literatura*. In: _____ (Org.). *A Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 37-66.

MACHADO, Irene. *Gêneros digitais e suas fronteiras na cultura tecnológica*. 1999. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Disponível em: <<http://www.ppgte.cefetpr.br/revista/vol6/artigos/art08vol06.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MAGUIRE, Gregory. *Wicked. The Life and Times of the Wicked Witch of the West*. Vol. 1. Nova York: Harper USA, 2007. 544 p.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da Leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 405 p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MENDEL, Gregor. Versuche über Pflanzen-Hybriden. In: *Experiments in Plant Hybridization*. Cambridge – MA: Harvard University Press: 1967, p. 1-32.

MIRANDA, Fabiana Mões. *Fandom: um novo sistema literário digital*. *Hipertextus* revista digital, n.3, Jun .2009. Disponível em: <www.hipertextus.net>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. *Harry Potter: repaginando o sistema literário*. Monografia (Especialização em Literatura Infanto-Juvenil). FAFIRE, Recife, 2008.

MUCCI, Latuf Isaias. *Para uma retórica do hipertexto*. In: _____. *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*. V. 14. Juiz de Fora – MG: Editora UFJF, 2010, p. 11-20.

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007, 184 p.

PICON, Gaëtan. *O escritor e sua Sombra*. Trad. Carla Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970, 245 p.

PLATÃO. *A República*. Tradução J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Garnier, 1965. 283 p.

FRIRTH, Rose. Livejournal pessoal. Disponível em: <<http://rozefire.livejournal.com/71344.html#cutid1/>>. Acesso em: dez. 2010.

REIS, Fabíola S. F. O perfil dos autores-leitores de *fanfictions* – histórias criadas por fãs. In: Anais eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Recife, 2010. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Fabiola-do-Socorro-Reis&Lilia-Silvestre-Chaves.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

SARTRE, Jean-Paul. Por que escrever? In: *Que é Literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989, p. 32-53.

SCHÜLER, Donaldo. Do Homem Dicotômico ao Homem Híbrido. In: BERND, Zilá & GRANDIS, Rita de (Org). *Imprevisíveis Américas* – Questões de hibridização cultural nas Américas. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzato/ABECON, 1995.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein: ou Moderno Prometeu*. São Paulo: Martin Claret, 2005, 220 p.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Donaldo Schüler. São Paulo: Lamparina, 2004, 183 p.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. São Paulo: São Paulo: Ática, 1992.

VARGAS, M. L. Bandeira. *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, 127 p.

VIALA, Alaina. *Naissance de L'écrivain*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985, p. 85-150.

XAVIER, Antonio Carlos. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais na Internet*. Investigações (Recife), v. 18, p. 104-116, 2006.

_____. *A Era do Hipertexto*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. 227 p.

SITES CONSULTADOS

Adultfanfiction. Acesso em 2011. Disponível em: <<http://www.adultfanfiction.net/>>.

ANALOGUEC. Eternidade (fanfiction/tradução): 2011. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/6653478/1/Eternidade/>>. Acesso em jan. 2011.

Big Finish. Acesso em 2011. Disponível em: <<http://www.bigfinish.com/>>.

Blogs - Folha de São Paulo. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/blogs>>.

Blogspot. Acesso em 2010. Disponível em: <<http://www.blogspot.com>>.

BOSIE. *Citron*: 2005. Disponível em:

<<http://www.fanfiction.net/s/2334848/1/Citron/>>. Acesso em: 22 set. 2010.

CETIC. Acesso em 2011. Disponível em: <<http://cetic.ufp.pt/>>.

Classificação etária – Portal do Ministério da Justiça. Acesso em: 2011. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/classificacao/>>.

DOKS. Perfil público no Fanfiction.Net (beta-reader). Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/~doks/>>. Acesso em jan. 2011.

_____. Perfil público no Fanfiction.Net (ficwriter). Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/~doks>>. Acesso em jan. 2011.

_____. Perfil público no Nyah! Fanfiction (ficwriter e beta-reader). Disponível em: <<http://www.fanfiction.com.br/doks/>>. Acesso em jan. 2011.

DRUCKGEISTER. *Fitzwilliam Darcy & Elizabeth Bennet: Beijo!: 2007*. Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/3590712/1/Fitzwilliam_Darcy_Elizabeth_Bennet_Beijo>. Acesso em 12. jul. 2010.

Facebook. Acesso em 2010. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>.

Fanfiction.Net. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net>>.

Fanlore.Org. Acesso em 2011. Disponível em: <<http://fanlore.org/wiki/FanFiction.Net>>.

Fiction Alley. Acesso em 2010. Disponível em: <<http://www.fictionalley.org/>>.

FictionPress. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www.fictionpress.com>>.

Ficwriters e Fanartistas Sociedade Online. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www.ffsol.org/>>.

Floreios e Borrões. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://floreioseborroes.net/>>. FRIRTH, Rose. Livejournal pessoal. Disponível em: <<http://rozefire.livejournal.com/71344.html#cutid1/>>. Acesso em: dez. 2010.

Google. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www.google.com.br/>>.

Livejournal. Acesso em 2010. Disponível em: <<http://www.livejournal.com/>>.

MadHatter1. Perfil público no Fanfiction.Net. ¹ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/u/56885/MadHatter1>>. Acesso em 2011.

_____. The Modern Adventures of Don Quixote: 2001. Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/251968/1/The_Modern_Adventures_of_Don_Quixote>. Acesso em fev. 2011.

Mediaminer. Org. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www.mediaminer.org/>>.

NATHY D. Dom Casmurro: 2008. Disponível em: <http://fanfiction.nyah.com.br/historia/13871/Dom_Casmurro/capitulo/1/>. Acesso em: 12 jul. 2010.

Normas (Guidelines) Fanfiction.Net (acesso apenas em conta pessoal). Disponível em: <http://login.fanfiction.net/story/story_tab_guide.php>. Acesso em: dez. 2011.

Nyah! Fanfiction. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://fanfiction.nyah.com.br>>.

Orkut. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>.

Política de privacidade (*Privacy Policy*) Fanfiction.Net. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/privacy/>>. Acesso em: dez. 2011.

Restricted Section. Acesso em 2009. Disponível em: <<http://restrictedsection.org/>>.

SG1SamFan. Perfil público no Fanfiction.Net. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/u/606988/SG1SamFan>>. Acesso em 2011.

_____. Capitán Quixote and the Pulp Sci-Fi Novels: 2007. Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/3598218/1/Capitan_Quixote_and_the_Pulp_SciFi_Novels>. Acesso em 2011.

SNOWQUEENS ICEDRAGON. *Master of the Universe*: 2009. Disponível em: <<http://50shades.com/>>.

_____. Perfil público no Fanfiction.Net (ficwriter). Disponível em: <http://www.fanfiction.net/u/2052623/Snowqueens_Icedragon/>. Acesso em fev. 2011.

Termos de Serviço (*Terms of service*) Fanfiction.Net. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/tos/>>. Acesso em dez. 2011.

Twitter. Acesso em 2011. Disponível em: <<http://www.twitter.com>>.

VENÂNCIO, Carol. A seita (fanfiction): 2009. Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/5516146/1/A_SEITA/>. Acesso em jan. 2011.

WIKIPEDIA. *Wicked* (Imagem da capa do livro). Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Wicked:_The_Life_and_Times_of_the/>. Acesso em fev. 2011.

_____. *O mágico de Oz* (Imagem da capa do livro). Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Wonderful_Wizard_of_Oz/>. Acesso em fev. 2011.

Wordpress. Acesso em 2010. Disponível em: <<http://wordpress.com/>>.

FILMES:

NIGHTCOMERS (*Os que chegam com a noite*). Produção de Michael Winner e Elliot Kastner. Inglaterra. 1 DVD (96 min.), NTSC, mono. Color. Sem legendas. Inglês.

OS INOCENTES. Produção de Jack Clayton. São Paulo: Paris Filmes distribuidora, 2006. 1 DVD (140 min.): DVD, NTSC, dolby, P&B. Legendado. Port.

ROMEU + Julieta. Produção de Baz Luhrmann. São Paulo: Fox Filme Brasil, 2008. 1 DVD (120 min.): DVD, NTSC, dolby, color. Legendado. Port.

ANEXOS

Anexo A – Dom Casmurro, de Nathy⁸⁴

Notas iniciais do capítulo

Bem essa historia tem originalmente a autoria de Machado de Assis. Todavia nesta versão o ponto de vista é de Capitu. Ela foi feita para um trabalho meu e de meus colegas para a aula de Português.

Espero que gostem, postarei vários capítulos de uma vez, pois eles são bem curtos!
Boa Leitura!

Dom Casmurro
Machado de Assis

Ponto de vista Capitu.

Capitulo 1

Prólogo

Caro leitor, escrevo este livro de uma pequena cidade na Suíça chamada Zurique. Hoje sinto um frio mortal que me arpeia os pelos da nuca. Todavia este não vem do clima desta cidade cinzenta, onde todos me parecem estranhos. Ele vem de minha alma. De meu passado que não tive coragem de esquecer, então por meio deste livro, decidi descrever minha vida, meus saudosos momentos ao lado de meu filho e amado marido Bento, ternamente por mim chamado de Bentinho, do qual espero uma resposta do por quê de tamanha desconfiança. Já faz três meses que não recebo se quer uma resposta das inúmeras cartas que mandei a ele, e temo o pior. Não, o pior de que falo não é morte, antes fosse essa, que é rápida e letal, e não aquilo que é centenas de vezes pior do que a própria morte, o abandono. Acredito que escrevendo esse livro com minhas memórias, possa finalmente desabafar um pouco e compartilhar meu sofrimento, e quem sabe assim, diminuir a dor, afinal, como diriam os poetas, quando uma dor é dividida entre várias pessoas ela se torna menor. Mas nem tudo é sofrimento em minha vida e gostaria de trazer minhas felicidades para essas páginas também, entre elas a maior de todas, meu filho Ezequiel.

Capitulo 2

Começando do começo

Meu marido Bentinho, como bons leitores já sabem, ganhou um apelido ainda moço de um amigo. Chamavam-no de Dom Casmurro. Nunca entendi muito bem o por quê, mas tenho com meus pensamentos que era porque ele não dava muito valor ao que os outros faziam. Bem isso não vem ao caso. O importante é que eu, começando tudo pelo começo, ainda não era a senhora Capitolina, era apenas a cigana, oblíqua Capitu. José Dias, que Deus o tenha, pensava que eu não sabia que ele era contra o meu casamento com Bentinho. Tentou dissuadi-lo de todas as formas existentes. Nunca fiquei totalmente inteirada de toda essa desaprovação, mas sei com certeza que tem algo haver com a minha determinação, erroneamente confundida por interesse e cobiça.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.fanfiction.com.br/historia/13871/Dom_Casmurro/capitulo/1>. Data original de postagem: Primeira parte: 04/10/2008. Segunda parte: 07/02/2009

Morava na antiga rua de Matacavalos, morava na casa ao lado de Bentinho, sendo assim sua vizinha. Minha verdadeira historia começa aos 14 anos, onde na flor da idade e hormônios a flor da pele minha visão de futuro e de Bentinho mudaram. Não queria morar ali para sempre e bem, Bentinho teria de ser meu marido. Amava-o desde quando ele salvava minhas bonecas dando-lhes vomitório com tal zelo que já sabia que ele seria um bom pai... Doce ilusão infantil que o destino fez questão de desmistificar.

- Filha! – Chamava meu pai de dentro da nossa casa.

- Sim papai – Disse correndo quando cheguei na cozinha esbaforia pela corrida – Chamou?

- Sim querida, hoje eu tenho que trabalhar e, provavelmente não voltarei para casa , então terás de cuidar de sua mãe.

- Sim papai. – Disse eu submissa ás ordens.

- E mais uma cousa. – Falou num tom que me arrepiou a espinha, e me fez virar para olhá-lo. – Não a quero metida na casa de D. Glória. Sabes que não gosto quando está acompanhada de moço Bento. Não rezingo para não fazer desfeita a família que nos acolheu.

Eu olhei para papai e acenei com a cabeça e fui brincar.

Capitulo 3

A casa ao lado

D. Glória era a mãe de Bentinho. Ela parecia que nunca envelhecia. O tempo parou para aquela senhora que nem grisalho seu cabelo era. Era a viúva mais bonita que conhecia. Todavia D. Glória era carola apesar de não explicitamente soltar essas palavras por soarem mais forte do que deveriam. Que fique claro que sempre gostei dela, era santíssima, belíssima, digníssima, e todos o mais belos “íssimas” que José Dias conseguisse superlativar.

A meu queridíssimo José Dias. Ajudou-me nos momento em que mais precisei, mas apenas ajudou após muita luta contra seu preconceito para comigo. Demorei a conquistar a sua confiança. Era o agregado da família e que se instalou na casa por base de uma mentira, dissera que era médio mas não passava de um conto do vigário que logo foi descoberto. Andava de modo engraçado meio emproado, contudo era fora de moda com aquelas roupas extremamente engomadas que o faziam parecer mais rígido do que realmente era.

Havia também tio Cosme que foi totalmente contra mim. Exalava veneno e enchia a boca para soltar impropérios que nublavam a mente de D. Glória. Só quando a mãe de Bentinho ficou doente e pude provar o meu valor que ele me aceitou. Trabalhava na rua das Violas, e como sempre lembrava “Sou formado para as serenas funções do capitalismo” – Dizia com orgulho. Lembro-me de uma vez que ele cismou a ensinar Bentinho a andar de mula. Só de me lembrar sinto dor no ventre. Debulhava-me em lagrimas pela quantidade de risos que eu não conseguia conter. Bentinho corria apavorado da mula e D.Glória tentava desaconselhar tio Cosme de impor tal martírio a Bentinho

Capítulo 4

Verdade e mentira

Queridos leitores venho brevemente interromper vossa leitura para uma pequena reflexão. Meu esposo costumava comparar a nossa vida com uma ópera, e hoje vejo que ele tinha uma demasiada razão. Mas ousou modificar um pouco. Nossa vida não era uma rica ópera como *Otelo* e sim uma simples peça de teatro sem um grande nome ou muitos efeitos, onde os atores usam, sua voz e emoção, e doam seus corpos e mentes para melhor interpretar seus personagens sofredores sedentos por esperança. Uma peça realista sem final feliz e sem meu príncipe encantado em um belo alazão branco me resgatando de um mundo de sombras e escuridão.

Quando fui ao teatro com Bentinho pela primeira vez, não me lembro ao exato qual a ópera, recordo-me que minha impressão sobre o que era verdade e mentira me fugiu a realidade.

- Bentinho. - Chamei-o sussurrando e puxando-o pela manga de seu paletó.
- Sim, Capitu – Respondeu-me no mesmo tom baixo.
- Essa ópera é mesmo de mentira, eles realmente não estão sofrendo? - Perguntei um pouco aflita. Senti a mão dele segurar na minha me passando segurança.
- Não, eles estão apenas representando seus papéis. - Falou-me com um tom de encerramento de conversa não dando-me brecha para mais perguntas.

Ele me olhou com o canto dos olhos, pude ver que estava preocupado, mas me fiz de sonsa e me recompus do melhor jeito que tinha. Dando-lhe o melhor sorriso que tinha.

Capítulo 5

Adeus Bentinho

Lembro-me de certa vez em que escrevi o nome de meu amor e o meu nome no muro de minha casa, afinal bastava ter um doce para transformá-lo em hóstia para o nosso casamento.

Neste dia recebi a triste notícia de que a mãe de meu grande amor iria mandá-lo ao seminário devido a uma promessa feita antes de ele nascer. Nesta ela prometera que, devido a perda de seu primeiro filho, se o segundo vingasse ela iria encaminhá-lo a vida religiosa, ela provavelmente acreditava que estava por vir uma menina, porém, nasceu meu querido marido, Bentinho. Dona Glória foi adiando esta fatídica promessa mas uma hora aquele dia chegaria. Para ser mais sincera ainda, a promessa feita não foi de boa fé, pois esperava nunca ser cumprida... Só mais tarde entendi que o caráter das pessoas é facilmente julgado por sua origem.

Vou lhes contar agora, caro leitor(a), como Bentinho me falou que teria de seguir os desejos de sua mãe e se tornar padre.

Como já lhes falei lá estava eu, escrevendo nossos nomes no muro quando vejo Bentinho vindo em minha direção entristecido.

- Capitu tenho uma terrível notícia...- falou ele aflito enrugando a testa.
- O que aconteceu Bentinho? Fale logo... - Perguntei sentindo meu coração apertar.
- Estava em minha casa quando escutei José Dias dizendo a minha mãe que já chegava a hora de ser encaminhado para o seminário. - Disse abatida
- Mas qual o interesse dele em lembrar a sua mãe sobre essa esdrúxula promessa?
- Eu não tenho idéia... - Falou desnordeado – Meu Deus eu não quero deixá-la.
- Sua mãe...aquela...carola! - Enchi a boca para falar o que realmente pensava sobre ela mas, logo, me arrependi de ter falado. - Eu
- Capitu... - Naquele momento vi a desilusão em seus olhos – Por que falas desse modo de minha santa mãe? Ela só que o melhor para mim.

Fiquei sem palavras por perceber que o tinha magoado.

- O que... Você pretende fazer? - Perguntei ainda sem graça. - Também não quero deixá-lo
- Acho que não tem solução para o meu problema...

Naquele momento não consegui conter minhas lágrimas e chorei copiosamente. Segurei em suas mãos procurando a habitual segurança e vi que elas tremiam pelo mesmo medo que o meu.

- Bentinho, não é só o seu problema, é *nosso*. - Afirmei segura olhando em seus olhos, e percebi que ele me olhava estranho. Reparando em meus olhos. Eu tenho quase certeza que o “dissimulada” nasceu aí. Seu primeiro lampejo de desconfiança, talvez achasse que eu apenas não queria morar ali para sempre, quando o meu único pensamento era estar junto dele para sempre. - Não quero lhe dizer adeus.
- Capitu? - Chamou meu pai olhando a cena desconfiado. - Estão jogando Siso?
- Sim papai! - Disse ainda um pouco assustada pela repentina aparição de papai. Não sabia que conseguia disfarçar tão bem. Passei a mão em meus olhos para secar uma lágrima.

Senti-me insegura. Todavia quando olhei para Bentinho e vi sua face branca entendi que havia saído naturalmente. Fui ao encontro de papai riscando bem riscado o muro para que ele não visse o que eu havia escrito.

- Só não me estragues o reboco do muro.
- Sim mas Bentinho é péssimo neste jogo. - Disse rindo falsa tentando levar Bentinho a fazê-lo também.
- Mas não o vi rir. - Replicou ainda desconfiado.
- Ele já rira antes... - Falei me ausentando ainda escutando uma leve conversa sobre a mãe de Bentinho.

Capítulo 6

Santíssima D.Glória

Papai era empregado em repartição dependente do ministério da guerra. Ele não ganhava muito, mas éramos felizes, em eterna economia é claro. Minha mãe gastava pouco e nosso vida era barata. Comprou a casa por dez contos de réis, que lhe saiu de um bilhete premiado. Graças á mamãe nos fomos pelo caminho certo, não gastamos com passarinhos estrangeiros nem com sepulturas (essas foram as idéias de papai...). Lembro-me de uma boa época quando o administrador da repartição de papai viajou, e meu pai ficou encarregado de tudo. Com isso vieram roupas novas e reformas na casa. Infelizmente quando o verdadeiro administrador voltou nossos sonhos viajaram para bem longe. Papai ficou em profunda depressão, e Deus que me livre, pensou em se suicidar. Graças ao bom Deus e ao senhor Jesus Cristo, D. Glória como um anjo dos céus, veio recolocá-lo no caminho certo.

Capítulo 7

Uma idéia brilhante

Por alguns dias não consegui dormir, até que tive uma idéia brilhante. Foi assim que bentinho a classificou quando contei a ele.

- Mas iss é realmente brilhante! - Falou exalando felicidade e pela primeira vez esperança. - você acha que pode realmente dar certo?
- Porque não tentar? - Falei também esperançosa acompanhando-o com o olhar quando ele se deitou no gramado. - Então Bentinho? Vai falar com José Dias? - Falei também deitando no gramado de lado para vê-lo melhor.
- - Sim o que eu não faço para ver seu sorriso? - Disse também deitando de lado para me ver. E mais uma vez senti-o analisando meus olhos.
- Ele há de convencer D.Glória! - Falei ainda risonha encostando as costas na relva macia esticando as minhas mãos até encostar-se às dele.

Capítulo 8

Nossa salvação

Em uma tarde meio nublada, a qual o sol parecia envergonhado, prima Justina apareceu.

Ela que em um primeiro momento foi contra a ida de Bentinho para o seminário dizendo que ele talvez não tivesse vocação, quase foi a minha algoz. Desde o momento em que eu pisei na casa ela foi contra mim. Sentia a sua posição ameaçada, e eu nada havia feito para tal ressentimento. Contudo ela foi contra a falar com D.Glória derrubando novamente com toda a esperança alimentada por nós. Esta também ofendeu José Dias o nosso salvador, mas ao ela falar que ele apenas falava bem do Seminário, indo contra os nossos ideais, abriu-me os olhos. Então foi só Bentinho praticamente intimar José Dias para um delicioso

passeio no Passeio Público. A importância de José Dias em nosso plano era suma. Ele era o fiel escudeiro Sancho Pança, o atento confidente de D. Gloria. Era a pessoa ideal para inspirá-la contra o seminário. Neste dia, minhas atenções estavam todas voltadas para o retorno de Bentinho, e quando o vi chegar pela janela da sala, meu estomago revirou. Nossos olhos se encontraram e ele me acenou positivo com a cabeça não esquecendo de sorrir abertamente, nesse momento meu coração disparou e eu perdi o ar por um momento, e só realmente entendi que havíamos conseguido quando meu coração se acalmou. Apenas ele me fazia entrar neste estado. Apenas ele me fazia sentir essa mistura de enjôo com uma vontade de gritar de alegria toda vez que me sorria daquela forma.

Capítulo 9

Imaginação fértil

Fiquei tão feliz com a notícia de que ele não iria para o seminário, que quando ele me contou que a condição de não ir, era passar uma longa temporada na Europa e estudar leis, não me importei, pois para mim *tudo* era melhor do que o seminário. Um episódio muito engraçado neste dia, foi quando me disse que ao voltar para sua casa com José Dias encontrou o imperador, e por um instante imaginou que poderia pedir a ele para convencer Dona Glória a não enviá-lo ao seminário. Foi nesse momento que, pela primeira vez, comecei a perceber o quão infantil era Bentinho.

Capítulo 10

Nosso primeiro beijo.

Estava eu, sentada em minha penteadeira, quando vi o reflexo de Bentinho em meu pequeno espelho, tentando pregar algum tipo de susto em mim. Isto me fez sentir uma grande alegria por revê-lo, e ao mesmo tempo sentia uma imensa ansiedade em saber se José Dias já havia falado com Dona Glória sobre o seminário e as leis.

- Conte-me Bentinho, José Dias já falou com sua mãe? - Perguntei manhosa e faceira vendo a face surpresa dela ao ver que descobri.
- Acho que não, porém disse-me que hoje, ao mais tardar amanhã, tocará no assunto com mamãe! - Falou contente se aproximando de minhas costas.
- Estou desconfiada de que ele adiará isto ao máximo. Creio que ele já não possui tanta influência em Dona Glória... - falei descrente provocando-o. - Talvez ele nem fale...
- Não se preocupe, lhe juro que hoje mesmo ele falará com ela. - Ele me interrompeu ficando atrás de mim me mirando pelo meu espelho.
- Você jura mesmo? - Perguntei não conseguindo conter o riso.

- Sim, juro. - falou-me seguro não me dando espaço para dúvidas.
- Há alguma coisa? - Perguntei olhando sua face curiosa. - Você não tinha aula com o padre Cabral ? - Perguntei suave mostrando o meu pescoço ao pentear os meus cabelos.

Então olhei em seus olhos e observei que eles analisavam os meus, pareciam hipnotizados como um cobra à cercar sua preza, acredito que foi naquele momento, que ele me disse mais tarde que tinha olhos de mar revolto, que tragam tudo sem pedir permissão, olhos de ressaca. Deixei-o examinar-me, fitar-me.

Fez-se então um momento de silêncio na sala, que só foi quebrado com um pedido de Bentinho para pentear meus cabelos. Confesso que ele me parecia meio desajeitado ao penteá-lo,mas só por sentir suas mãos em meus cabelos, fizeram-me contente, e não me contive. Baixei minha cabeça para trás sob os protestos de Bentinho por achar que era minha implicância. Mas quando nossos olhos se encontraram, ele entendeu o que meus olhos insinuavam com toda ternura. Seus olhos castanhos não hesitaram em corresponde com todo amor e carinho. Ele foi ao encontro de meus lábios. Senti meu corpo inteiro formigar e se aquecer. Minhas maçãs do rosto, com certeza enrubesceram naquele instante. Bentinho não ousou não corresponder, senti suas pernas bambearem um instante.

Aquele foi o nosso primeiro beijo, que fora repreendido, porém, não descoberto por minha mãe ao entrar na sala. Mas uma vez descobri o meu dom para mentiras, empurrei-o e disfarcei bem, e ainda me lembro da cara atordoada que Bentinho fizera.

Notas finais do capítulo

Obrigada por lerem!
Espero Reviews!
Beijos

ANEXO B – Final de *Alice no País das Maravilhas*⁸⁵ (Traduzido por Sebastião Uchoa Leite) – p. 130.

[...]

[...] Viu-se então deitada no barranco com a cabeça no colo da sua irmã, que delicadamente afastava do seu rosto algumas folhas mortas que haviam tombado da árvore.

– Acorde, querida Alice! – dizia sua irmã – Mas que sono pesado você teve!

– Ah, eu tive um sonho tão esquisito! – disse Alice. E pôs-se a contar à irmã, até quanto se podia lembrar, todas essas estranhas Aventuras que vocês acabaram de ler. E quando terminou, sua irmã beijou-a, dizendo: – Foi um sonho bem curioso, sem dúvida, minha querida; mas agora corra, é hora do chá, e já está ficando tarde. – Alice levantou-se e saiu correndo, pensando, enquanto corria, que sonho maravilhoso tinha sido aquele.

Mas sua irmã ficou onde estava, com a cabeça apoiada na mão, contemplando o pôr-do-sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas Aventuras. Até que ela mesma pôs-se a sonhar, a seu modo.

[...]

⁸⁵ Em CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. 3.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1980, p. 39.

Anexo C – Prólogo de *The Looking Glass Wars*⁸⁶, p. 1-4 – (em português).

Prólogo

Oxford, Inglaterra. Julho de 1865.

Todos pensavam que ela havia inventado tudo, e que tolerou mais zombarias provocações de outras crianças, mais que qualquer menina de onze anos poderia suportar. Mas agora, depois de quatro anos, aconteceu: a última e melhor chance dela de provar a todos que ela estava falando a verdade. Um colega erudito pensou bastante na história dela a ponto de escrever um livro.

Estava ela sentada em cima de uma manta nos bancos perto do rio Cherwell, os restos de um piquenique na cesta engatada no cotovelo do reverendo Charles Dodgson. Ela segurava um livro nas mãos. Ele mesmo havia escrito e ilustrado, dissera ele. Tinha um bom peso e encadernação, parecia substancial. Estava encapado num papel marrom e amarrado num laço preto. Dodgson a observava, ansioso. As irmãs dela, Edith e Lorina, estavam pegando peixinhos na beira do rio. Ela desfez o laço, cuidadosamente tirando o papel-embrulho.

“Oh!” As aventuras sombrias de Alice? Que tipo de título era aquele? E por que o nome dela estava escrito de forma errada? Havia falado corretamente a Dodgson, havia até escrito num papel para ele. “Por Lewis Carroll?” ela leu com evidente preocupação.

“Achei que soaria mais festivo que dizer que foi escrito por um reverendo”

Festivo? Não havia falado a ele que era festivo. A preocupação virou rapidamente pavor, mas ela engoliu em seco e aguentou. O que importava era que lembrava fielmente a história dela no País das Maravilhas.

Abriu o livro e admirou as páginas as páginas editadas, a limpeza da escrita. Mas a dedicatória tinha a forma de um poema, no qual o nome dela estava escrito errado de novo, e ela não achou o esquema de rimas apropriado. O olhar dela capturou um das estrofes:

A viagem-sonho da heroína

⁸⁶ Tradução nossa. Trecho apenas para fins acadêmicos.

*No país de assombro e magia
Em alegre charla com os bichos.
E creem um pouco na utopia⁸⁷.*

Viagem-sonho? E o que ele quis dizer com creem um pouco na utopia?

Virou a página do primeiro capítulo e imediatamente sentiu como se por dentro estivesse sendo descascada, como o meio pedaço de laranja que Dean Liddell comia na hora do café todas as manhãs, restando apenas os bagos depois. Entrando na toca do coelho? De onde esse Coelho Branco surgiu?

“Alice, algo errado?”

Balançando a cabeça, ela virou a próxima página. A lagoa de lágrimas, a lagarta azul, a tia dela Redd: todos faziam parte daquele nonsense.

“Admito que tomei algumas liberdades com sua história,” Dodgson explicou, “para transformá-la em nossa, como disse que poderia fazer. Você reconhece o tutor que me descreveu? Ele é o Coelho Branco. Tive a ideia depois que descobri que as letras do nome do tutor poderiam formar a palavra ‘coelho branco’. Vou mostrar a você.”

Dodgson pegou uma caneta e um pequeno caderno de dentro do bolso do casaco, mas ela não quis olhar. Ele havia dito que seria livro deles, dele e dela, e ela encontrou força naquilo – força para sofrer as indignações que vinham nas insistentes verdades que ninguém acreditava. Mas o que segurava em mãos nada tinha a ver com ela.

“Você fez isso de propósito?”, ela perguntou.

O sorridente Gato de Cheshire. O chá bastante louco. Ele transformou as lembranças dela em um mundo vívido de esperança, possibilidade e perigo dentro do fazer de conta das brincadeiras de crianças. Ele era mais um na longa fila dos incrédulos e aquele livro – estúpido e sem sentido – era como ele se divertia às custas dela.

“Ninguém nunca vai acreditar em mim agora!”, ela gritou. “Você arruinou tudo! Você é o homem mais cruel que já conheci, senhor Dodgson, e se acreditou em uma única palavra que contei, deve saber quão cruel tudo isso é! Eu nunca mais quero vê-lo de novo! Nunca, nunca, nunca!”

Ela correu, deixando Edith e Lorina voltarem sozinhas para casa, deixando o Reverendo Dodgson – que considerava as crianças como espíritos libertos das mãos de

⁸⁷ Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Em CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. 3.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1980, p. 39.

Deus, o sorriso delas divino, e que pensava que não poderia haver maior empenho que devotar todos os poderes dele numa tarefa apenas para receber um agradecimento sussurrado e um ténue toque daqueles lábios puros - tremendo, incerto sobre o que havia acabado de acontecer.

Pegou o livro do chão, ainda aquecido pelo toque de Alice Liddell, não imaginando que aquilo estava mais próximo a ela do que ele jamais havia estado.

ANEXO D: Pierre Menard, autor de Quixote, por Jorge Luís Borges.

PIERRE MENARD, AUTOR DO QUIXOTE

A Silvina Ocampo

A obra visível que deixou este romancista é de fácil e breve enumeração. São, portanto, imperdoáveis as omissões e adições perpetradas por Madame Henri Bachelier num catálogo falaz que certo jornal, cuja tendência protestante não é segredo, teve a desconsideração de infligir a seus deploráveis leitores – embora estes sejam poucos e calvinistas, quando não maçons e circuncisos. Os amigos autênticos de Menard viram com alarme esse catálogo e ainda com certa tristeza. Dir-se-ia que ontem nos reunimos diante do mármore final e entre os ciprestes infaustos e já o Erro trata de empanar sua Memória... Decididamente, uma breve retificação é inevitável.

Consta-me que é muito fácil refutar minha pobre autoridade. Espero, no entanto, que não me proibam de mencionar dois valiosos testemunhos. A baronesa de Bacourt (em cujos *vendredis* inesquecíveis tive a honra de conhecer o pranteado poeta) houve por bem aprovar as linhas que seguem. A condessa de Bagnoregio, um dos espíritos mais finos do principado de Mônaco (e agora de Pittsburg, Pensilvânia, depois de suas recentes bodas com o filantropo internacional Simón Kautzsch, tão caluniado – ai! – pelas vítimas de suas desinteressadas manobras), sacrificou "à veracidade e à morte" (tais são suas palavras) a senhoril reserva que a distingue e, numa carta aberta publicada na revista *Luxe*, concede-me também seu beneplácito. Esses títulos, creio, não são insuficientes.

Disse que a obra visível de Menard é facilmente enumerável. Examinando com esmero seu arquivo particular, verifiquei que se constitui dos seguintes trabalhos:

a) Um soneto simbolista que apareceu duas vezes (com variantes) na revista *La Conque* (números de março e outubro de 1899).

b) Uma monografia sobre a possibilidade de construir um vocabulário poético de conceitos que não fossem sinônimos ou perífrases dos que formam a linguagem

comum, "mas objetos ideais criados por uma convenção e essencialmente destinados às necessidades poéticas" (Nimes, 1901).

c) Uma monografia sobre "certas conexões ou afinidades" do pensamento de Descartes, de Leibniz e de John Wilkins (Nimes, 1903).

d) Uma monografia sobre a *Characteristica Universalis* de Leibniz (Nimes, 1904).

e) Um artigo técnico sobre a possibilidade de enriquecer o xadrez eliminando um dos peões de torre. Menard propõe, recomenda, polemiza e acaba por rejeitar essa inovação.

f) Uma monografia sobre a *Ars Magna Generalis* de Ramón Llull (Nimes, 1906).

g) Uma tradução com prólogo e notas do *Livro da Invenção Liberal e Arte do Jogo de Xadrez* de Ruy López de Segura (Paris, 1907.)

h) Os rascunhos de uma monografia sobre a lógica simbólica de George Boole.

i) Um exame das leis métricas essenciais da prosa francesa, ilustrado com exemplos de Saint-Simon (*Revue des Langues Romanes*, Montpellier, outubro de 1909).

j) Uma réplica a Luc Durtain (que negara a existência de tais leis) ilustrada com exemplos de Luc Durtain (*Revue des Langues Romanes*, Montpellier, dezembro de 1909).

k) Uma tradução manuscrita da *Aguja de Navegar Cultos*, de Quevedo, intitulada *La Boussole des Précieux*.

l) Um prefácio ao catálogo da exposição de litografias de Carolus Hourcade (Nimes, 1914).

m) A obra *Les Problèmes d'un Problème* (Paris, 1917) que discute em ordem cronológica as soluções do ilustre problema de Aquiles e a tartaruga. Duas edições desse livro apareceram até agora; a segunda traz como epígrafe o conselho de Leibniz "*Ne craignez point, monsieur, la tortue*", e renova os capítulos dedicados a Russell e a Descartes.

n) Uma obstinada análise dos "usos sintáticos" de Toulet (*N. R. F.*, março de 1921). Menard – lembro-me – declarava que censurar e louvar são operações sentimentais que nada têm a ver com a crítica.

o) Uma transposição em alexandrinos do *Cimetière marin* de Paul Valéry (*N. R. F.*, Janeiro de 1928).

p) Uma invectiva contra Paul Valéry, nas *Folhas para a supressão da realidade* de Jacques Reboul. (Esta invectiva, diga-se entre parêntesis, é o reverso exato da sua verdadeira opinião sobre Valéry. Este assim o entendeu e a amizade antiga entre os dois não correu perigo.)

q) Uma definição" da condessa de Bagnoregio, no "vitorioso volume" – a locução é de outro colaborador, Gabriele d'Annunzio – que anualmente publica esta dama para retificar os inevitáveis falseamentos do jornalismo e apresentar ao mundo e à Itália" uma autêntica imagem da sua pessoa, tão exposta (pela própria razão da sua beleza e da sua atuação) a interpretações errôneas ou apressadas.

r) Um ciclo de admiráveis sonetos para a baronesa de Bacourt (1934).

s) Uma lista manuscrita de versos que devem sua eficácia à pontuação. [1]

Até aqui (sem outra omissão que alguns vagos sonetos circunstanciais para o hospitaleiro, ou ávido, álbum de Madame Henri Bachelier) a obra visível de Menard, em sua ordem cronológica. Passo agora à outra: a subterrânea, a interminavelmente heróica, a ímpar. Também – ai das possibilidades do homem! – a inconclusa. Essa obra, talvez a mais significativa de nosso tempo, compõe-se dos capítulos nono e trigésimo oitavo da primeira parte do *Dom Quixote* e de um fragmento do capítulo vinte e dois. Sei que tal afirmação parece disparate; justificar esse "disparate" é o objeto primordial desta nota. [2]

Dois textos de valor desigual inspiraram a idéia. Um é aquele fragmento filológico de Novalis – o que leva o número 2005 na edição de Dresden – que esboça o tema *da total identificação* com um autor determinado. Outro é um desses livros parasitários que situam Cristo num bulevar, Hamlet na Cannebière ou *Dom Quixote* em Wall Street. Como todo homem de bom gosto, Menard abominava esses carnavais inúteis, somente aptos – dizia – para produzir o plebeu prazer do anacronismo ou (o que é pior) para atrair-nos com a idéia primária de que todas as épocas são iguais ou de que são diferentes. Mais interessante, embora de execução contraditória e superficial, parecia-lhe o famoso propósito de Daudet: conjugar em *uma* figura, que é Tartarim, o Engenhoso Fidalgo e seu escudeiro... Aqueles que insinuaram que Menard dedicou sua vida a escrever um *Quixote* contemporâneo caluniam sua límpida memória.

Não queria compor outro *Quixote* – o que é fácil – mas o *Quixote*. Inútil acrescentar que nunca enfrentou uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes.

"Meu propósito é simplesmente assombroso", escreveu-me em 30 de setembro de 1934, de Bayonne. "O termo final de uma demonstração teológica ou metafísica – o mundo externo, Deus, a causalidade, as formas universais – não é menos anterior e comum que meu divulgado romance. A única diferença é que os filósofos publicam em agradáveis volumes as etapas intermediárias de seu trabalho e eu resolvi perdê-las." De fato, não resta um único rascunho que ateste esse trabalho de anos.

O método inicial que imaginou era relativamente simples. Conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os mouros ou contra o turco, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918, ser Miguel de Cervantes. Pierre Menard estudou esse procedimento (sei que conseguiu um manejo bastante fiel do espanhol do século XVII), mas o afastou por considerá-lo fácil. Na realidade, impossível! – dirá o leitor. De acordo, porém o projeto era de antemão impossível e de todos os meios impossíveis para levá-la a cabo, este era o menos interessante. Ser no século XX um romancista popular do século XVII pareceu-lhe uma diminuição. Ser, de alguma maneira, Cervantes e chegar ao *Quixote* pareceu-lhe menos árduo – por conseguinte, menos interessante – que continuar sendo Pierre Menard e chegar ao *Quixote* mediante as experiências de Pierre Menard. (Essa convicção, diga-se de passagem, o fez excluir o prólogo autobiográfico da segunda parte do *Dom Quixote*. Incluir esse prólogo teria sido criar outro personagem – Cervantes – mas também teria significado apresentar o *Quixote* em função desse personagem e não de Menard. Este, naturalmente, negou-se a essa concessão.) "Meu projeto não é essencialmente difícil", leio em outro lugar da carta. "Bastar-me-ia ser imortal para realizá-la." Confessarei que costumo imaginar que a concluiu e que leio o *Quixote* – todo o *Quixote* – como se o tivesse pensado Menard? Noites atrás, ao folhear o capítulo XXVI – nunca por ele esboçado – reconheci o estilo de nosso amigo e como que sua voz nesta frase excepcional: "as ninfas dos rios, a dolorosa e úmida Eco". Essa conjunção eficaz de um adjetivo

moral e outro físico trouxe-me à lembrança um verso de Shakespeare, que discutimos uma tarde:

Where a malignant and a turbaned Turk...

Por que precisamente o *Quixote*? – dirá nosso leitor. Essa preferência, num espanhol, não seria inexplicável; mas o é, sem dúvida, num simbolista de Nimes, essencialmente devoto de Poe, que gerou Baudelaire, que gerou Mallarmé, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste. A carta acima mencionada elucida a questão. "O *Quixote*", esclarece Menard, "interessa-me profundamente, mas não me parece – como direi? – inevitável. Não posso imaginar o universo sem a interjeição de Poe:

Ah, bear in mind this garden was enchanted!

ou sem o *Bateau Ivre* ou o *Ancient Mariner*, sei-me contudo capaz de imaginá-lo sem o *Quixote*. (Falo, naturalmente, de minha capacidade pessoal, não da ressonância histórica das obras.) O *Quixote* é um livro contingente, o *Quixote* é desnecessário. Posso premeditar sua escrita, posso escrevê-lo, sem incorrer numa tautologia. Aos doze ou treze anos o li, talvez integralmente. Depois reli com atenção alguns capítulos, aqueles que não tentarei por ora. Freqüentei também os entremezes, as comédias, a *Galatéia*, os *romances exemplares*, os trabalhos sem dúvida laboriosos de *Pergiles e Sigismunda* – a *Viagem do Parnaso...* Minha lembrança geral do *Quixote*, simplificada pelo esquecimento e pela indiferença, pode muito bem equivar à imprecisa imagem anterior de um livro não escrito. Postulada essa imagem (que ninguém por direito me pode negar) é indiscutível que meu problema é bastante mais difícil que o de Cervantes. Meu complacente precursor não recusou a colaboração do acaso: ia compondo a obra imortal um pouco *à la diable*, levado por inércias da linguagem – da invenção. Contraí o misterioso dever de reconstruir literalmente sua obra espontânea. Meu solitário jogo está governado por duas leis polares. A primeira permite-me ensaiar variantes de tipo formal ou psicológico; a segunda obriga-me a sacrificá-las ao texto "original" e a raciocinar de modo irrefutável sobre essa aniquilação... A esses obstáculos artificiais convém somar outro, congênito. Compor o *Quixote* em princípios do século XVII era um empreendimento razoável, necessário, quem sabe fatal; em princípios do XX, é quase impossível. Não transcorreram em vão trezentos anos, carregados de complexíssimos fatos. Entre eles, para mencionar um apenas: o próprio *Quixote*."

Apesar desses três obstáculos, o fragmentário *Quixote* de Menard é mais sutil que o de Cervantes. Este, de modo grosseiro, opõe às ficções cavaleirescas a pobre realidade provinciana de seu país; Menard elege como "realidade" a terra de Carmen durante o século de Lepanto e de Lope. Que espanholadas não teria sugerido essa escolha a Maurice Barrès ou ao doutor Rodríguez Larreta! Menard, com toda naturalidade, evita-as. Em sua obra não há ciganices, nem conquistadores, nem místicos, nem Filipe Segundo, nem autos-de-fé. Desatende ou proscree a cor local. Esse desdém revela um sentido novo do romance histórico. Esse desdém condena *Salammbô* inapelavelmente.

Não menos assombroso é considerar capítulos isolados. Por exemplo, examinemos o XXXVIII da primeira parte, "que trata do curioso discurso que fez *Dom Quixote* sobre as armas e as letras". É sabido que *Dom Quixote* (como Quevedo na passagem análoga, e posterior, de *A Hora de Todos*) julga o pleito contra as letras e a favor das armas. Cervantes era um velho militar: sua decisão se explica. Mas que o *Dom Quixote* de Pierre Menard – homem contemporâneo de *La Trahison des Clercs* e de Bertrand Russell – reincida nessas nebulosas sofistarias! Madame Bachelier viu nelas admirável e típica subordinação do autor à psicologia do herói; outros (nada perspicazmente) uma *transcrição* do *Quixote*; a baronesa de Bacourt, a influência de Nietzsche. A essa terceira interpretação (que acho irrefutável) não sei se me atreverei a adicionar uma quarta, que condiz muito bem com a quase divina modéstia de Pierre Menard: seu hábito resignado ou irônico de propagar idéias que eram o estrito reverso das preferidas por ele. (Rememoremos outra vez sua diatribe contra Paul Valéry na efêmera página surrealista de Jacques Reboul.) O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico. (Mais ambíguo, dirão seus detratores; mas a ambigüidade é uma riqueza.)

Constitui uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, nono capítulo):

...a verdade, cuja mãe é a história, émula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

Redigida no século XVII, redigida pelo "engenho leigo" Cervantes, essa enumeração é mero elogio retórico da história. Menard, em compensação, escreve:

...a verdade, cuja mãe é a história, émula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

A história, mãe da verdade; a idéia é assombrosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como indagação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. As cláusulas finais – exemplo e aviso do presente, advertência do futuro – são descaradamente pragmáticas.

Também é vívido o contraste dos estilos. O estilo arcaizante de Menard – no fundo estrangeiro – padece de alguma afetação. Não assim o do precursor, que emprega com desenvoltura o espanhol corrente de sua época.

Não há exercício intelectual que não resulte ao fim inútil. Uma doutrina filosófica é no início uma descrição verossímil do universo; passam os anos e é um simples capítulo – quando não um parágrafo ou um nome – da história da filosofia. Na literatura, essa caducidade final é ainda mais evidente. O *Quixote* – disse-me Menard – foi antes de tudo um livro agradável; agora é uma ocasião de brindes patrióticos, de soberba gramatical, de obscenas edições de luxo. A glória é uma incompreensão e talvez a pior.

Nada têm de novo essas comprovações niilistas; o singular é a decisão que delas derivou Pierre Menard. Resolveu adiantar-se à vaidade que aguarda todas as fadigas do homem; empreendeu uma tarefa complexíssima e de antemão fútil. Dedicou seus escrúpulos e vigílias a repetir num idioma alheio um livro preexistente. Multiplicou os rascunhos; corrigiu tenazmente e rasgou milhares de páginas manuscritas [3]. Não permitiu que fossem examinadas por ninguém e cuidou que não lhe sobrevivessem. Em vão, procurei reconstruí-las.

Refleti que é lícito ver no *Quixote* "final" uma espécie de palimpsesto, no qual devem transluzir-se os rastros – tênues, mas não indecifráveis – da "prévia" escrita de nosso amigo. Infelizmente, apenas um segundo Pierre Menard, invertendo o trabalho do anterior, poderia exumar e ressuscitar essas Tróias...

"Pensar, analisar, inventar" (escreveu-me também) "não são atos anômalos, são a normal respiração da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com incrédulo estupor o que o *doctor universalis* pensou, é confessar nossa languidez ou nossa barbárie. Todo homem deve ser capaz de todas as idéias e suponho que no futuro o será."

Menard (talvez sem querê-lo) enriqueceu, mediante uma técnica nova, a arte fixa e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. Essa técnica de aplicação infinita nos leva a percorrer a *Odisséia* como se fosse posterior à *Eneida* e o livro *Le Jardin du Centaure* de Madame Henri Bachelier como se fosse de Madame Henri Bachelier. Essa técnica povoa de aventura os livros mais pacíficos. Atribuir a Louis Ferdinand Céline ou a James Joyce a *Imitação de Cristo* não é suficiente renovação dessas tênues advertências espirituais?

NOTAS:

[1] Madame Henri Bachelier enumera também uma versão literal da versão literal que fez Quevedo da *Introduction à la Vie Dévote* de São Francisco de Sales. Na biblioteca de Pierre Menard não há vestígios de tal obra. Deve tratar-se de uma brincadeira de nosso amigo, mal-ouvida.

[2] Tive também o propósito secundário de esboçar a imagem de Pierre Menard. Mas, como atrever-me a competir com as páginas áureas que, dizem-me, prepara a baronesa de Bacourt ou com o lápis delicado e pontual de Carolus Hourcade?

[3] Recordo seus cadernos quadriculados; suas negras rasuras, seus peculiares símbolos tipográficos e sua letra de inseto. Nos entardeceres gostava de caminhar pelos arrabaldes de Nimes; costumava levar consigo um caderno e fazer uma alegre fogueira. Nimes, 1939.

ANEXO E – Termos de serviço do *site* Fanfiction.net

Terms of Service

1. Acceptance of Terms

A. By using and/or visiting this website (collectively, including all content available through the FanFiction.Net domain name and any country-specific domains or subdomains thereof, the "FanFiction.Net Website", or "Website"), you signify your agreement to (1) these terms and conditions (the "Terms of Service"), (2) FanFiction.Net's privacy notice, found at <http://www.fanfiction.net/privacy/> and incorporated here by reference, and (3) FanFiction.Net's Community Guidelines, found at <http://www.fanfiction.net/guidelines/> and also incorporated here by reference ("Agreement"). If you do not agree to any of these terms, the FanFiction.Net privacy notice, or the Community Guidelines, please do not use the FanFiction.Net Website.

B. Although we may attempt to notify you when major changes are made to these Terms of Service, you should periodically review the most up-to-date version (<http://www.fanfiction.net/tos/>). FanFiction.Net may, in its sole discretion, modify or revise these Terms of Service and policies at any time, and you agree to be bound by such modifications or revisions. Nothing in this Agreement shall be deemed to confer any third-party rights or benefits.

2. Website

A. These Terms of Service apply to all users of the FanFiction.Net Website, including users who are also contributors of text content, information, and other materials or services on the Website.

B. The FanFiction.Net Website may contain links to third party websites that are not owned or controlled by FanFiction.Net. FanFiction.Net has no control over, and assumes no responsibility for, the content, privacy policies, or practices of any third party websites. In addition, FanFiction.Net will not and cannot censor or edit the content of any third-party site. By using the Website, you expressly relieve FanFiction.Net from any and all liability arising from your use of any third-party website.

3. Accounts

A. In order to access some features of the Website, you will have to create a FanFiction.Net account. You may never use another's account without permission. When creating your account, you must provide accurate and complete information. You are solely responsible for the activity that occurs on your account, and you must keep your account password secure. You must notify FanFiction.Net immediately of any breach of security or unauthorized use of your account.

B. Although FanFiction.Net will not be liable for your losses caused by any unauthorized use of your account, you may be liable for the losses of FanFiction.Net or others due to such unauthorized use.

4. General Use of the Website

FanFiction.Net hereby grants you permission to access and use the Website as set forth in these Terms of Service, provided that:

A. You agree not to distribute in any medium any part of the Website, including but not limited to User Submissions (defined below), without FanFiction.Net's prior written authorization.

B. You agree not to alter or modify any part of the Website.

C. You agree not to access User Submissions (defined below) or FanFiction.Net Content through any technology or means other than the Website itself.

D. You agree not to use the Website for any commercial use, without the prior written authorization of FanFiction.Net. Prohibited commercial uses include any of the following actions taken without FanFiction.Net's express approval:

- sale of access to the Website or its related services on another website;
- use of the Website or its related services for the primary purpose of gaining advertising or subscription revenue;
- the sale of advertising, on the FanFiction.Net website or any third-party website, targeted to the content of specific User Submissions or FanFiction.Net content;
- and any use of the Website or its related services that FanFiction.Net finds, in its sole discretion, to use FanFiction.Net's resources or User Submissions with the effect of competing with or displacing the market for FanFiction.Net, FanFiction.Net content, or its User Submissions.

E. You agree not to use or launch any automated system, including without limitation, "robots," "spiders," or "offline readers," that accesses the Website in a manner that sends more request messages to the FanFiction.Net servers in a given period of time than a human can reasonably produce in the same period by using a conventional on-line web browser. Notwithstanding the foregoing, FanFiction.Net grants the operators of public search engines permission to use spiders to copy materials from the site for the sole purpose of and solely to the extent necessary for creating publicly available searchable indices of the materials, but not caches or archives of such materials. FanFiction.Net reserves the right to revoke these exceptions either generally or in specific cases. You agree not to collect or harvest any personally identifiable information, including account names, from the Website, nor to use the communication systems provided by the Website (e.g. comments, email) for any commercial solicitation purposes. You agree not to solicit, for commercial purposes, any users of the Website with respect to their User Submissions.

F. In your use of the Website, you will otherwise comply with the terms and conditions of these Terms of Service, FanFiction.Net Community Guidelines, and all applicable local, national, and international laws and regulations.

G. FanFiction.Net reserves the right to discontinue any aspect of the FanFiction.Net Website at any time.

5. Use of Content on the Site

In addition to the general restrictions above, the following restrictions and conditions apply specifically to your use of content on the FanFiction.Net Website.

A. The content on the FanFiction.Net Website, except all User Submissions (as defined below), including without limitation, the text, software, scripts, graphics, photos, sounds, music, videos, interactive features and the like ("Content") and the trademarks, service marks and logos contained therein ("Marks"), are owned by or licensed to FanFiction.Net, subject to copyright and other intellectual property rights under the law. Content on the Website is provided to you AS IS for your information and personal use only and may not be downloaded, copied, modified, produced, reproduced, distributed, transmitted, broadcast, displayed, sold, licensed, translated, published, performed or otherwise exploited for any other purposes whatsoever without the prior written consent of the respective owners. FanFiction.Net reserves all rights not expressly granted in and to the Website and the Content.

B. You may access User Submissions solely:

- for your information and personal use;
- as intended through the normal functionality of the FanFiction.Net Service;

C. You may access FanFiction.Net Content, User Submissions and other content only as permitted under this Agreement. FanFiction.Net reserves all rights not expressly granted in and to the FanFiction.Net Content and the FanFiction.Net Service.

D. You agree to not engage in the use, copying, or distribution of any of the Content other than expressly permitted herein, including any use, copying, or distribution of User Submissions of third parties obtained through the Website for any commercial purposes.

E. You agree not to circumvent, disable or otherwise interfere with security-related features of the FanFiction.Net Website or features that prevent or restrict use or copying of any Content or enforce limitations on use of the FanFiction.Net Website or the Content therein.

F. You understand that when using the FanFiction.Net Website, you will be exposed to User Submissions from a variety of sources, and that FanFiction.Net is not responsible for the accuracy, usefulness, safety, or intellectual property rights of or relating to such User Submissions. You further understand and acknowledge that you may be exposed to User Submissions that are inaccurate, offensive, indecent, or objectionable, and you agree to waive, and hereby do waive, any legal or equitable

rights or remedies you have or may have against FanFiction.Net with respect thereto, and agree to indemnify and hold FanFiction.Net, its Owners/Operators, affiliates, and/or licensors, harmless to the fullest extent allowed by law regarding all matters related to your use of the site.

6. User Submissions and Conduct

A. As a FanFiction.Net account holder you may submit textual, audio, visual, or audiovisual content including but not limited to stories, poetry, polls, profile images, forum messages or instant messages. User submitted content are collectively referred to as "User Submissions." You understand that whether or not such User Submissions are published, FanFiction.Net does not guarantee any confidentiality with respect to any User Submissions.

B. You shall be solely responsible for your own User Submissions and the consequences of posting or publishing them. In connection with User Submissions, you affirm, represent, and/or warrant that: you own or have the necessary licenses, rights, consents, and permissions to use and authorize FanFiction.Net to use all patent, trademark, trade secret, copyright or other proprietary rights in and to any and all User Submissions and have all necessary consents to collect, use and disclose any personally identifiable information contained or displayed in any and all User Submissions to enable inclusion and use of the User Submissions in the manner contemplated by the Website and these Terms of Service.

C. For clarity, you retain all of your ownership rights in your User Submissions. However, by submitting User Submissions to FanFiction.Net, you hereby grant FanFiction.Net a worldwide, non-exclusive, royalty-free, transferable license to use, reproduce, distribute, display, and perform the User Submissions in connection with the FanFiction.Net Website. You also hereby waive any moral rights you may have in your User Submissions and grant each user of the FanFiction.Net Website a non-exclusive license to access your User Submissions through the Website. You understand and agree, however, that FanFiction.Net may retain, but not display, distribute, or perform, server copies of User Submissions that have been removed or deleted.

D. In connection with User Submissions, you further agree that you will not submit material that is copyrighted, protected by trade secret or otherwise subject to third party proprietary rights, including privacy and publicity rights, unless you are the owner of such rights or have permission from their rightful owner and the necessary consents from any individuals whose personally identifiable information is contained in such material to post the material and to grant FanFiction.Net all of the license rights granted herein.

E. You further agree that you will not, in connection with User Submissions, submit material that is contrary to the FanFiction.Net Community Guidelines, found at <http://www.fanfiction.net/guidelines/>, which may be updated from time to time, or contrary to applicable local, national, and international laws and regulations.

F. FanFiction.Net does not endorse any User Submission or any opinion, recommendation, or advice expressed therein, and FanFiction.Net expressly

disclaims any and all liability in connection with User Submissions. FanFiction.Net does not permit copyright infringing activities and infringement of intellectual property rights on its Website, and FanFiction.Net will remove all Content and User Submissions if properly notified that such Content or User Submission infringes on another's intellectual property rights or contravenes any applicable privacy legislation. FanFiction.Net reserves the right to remove Content and User Submissions without prior notice.

7. Account Termination Policy

A. FanFiction.Net will terminate a User's access to its Website if, under appropriate circumstances, the User is determined to be an infringer.

B. FanFiction.Net reserves the right to decide whether Content or a User Submission is appropriate and complies with these Terms of Service for violations other than copyright infringement or privacy law, such as, but not limited to, hate crimes, pornography, obscene or defamatory material, or excessive length. FanFiction.Net may remove such User Submissions and/or terminate a User's access for uploading such material in violation of these Terms of Service at any time, without prior notice and at its sole discretion.

8. Copyright Policy

As part of FanFiction.Net's copyright policy, FanFiction.Net may terminate user access to the Website if a user has been determined to be an infringer. To file a copyright infringement notification with us, you will need to send a communication to us with all of the following information in it, using this format:

1. Include a statement telling us that you have found a content on FanFiction.Net which you believe infringes your copyright (for example, "I hereby confirm that I believe the story identified below infringes my copyright").
2. Tell us which country your copyright applies to.
3. Tell us the title of the content concerned and the full URL for its page.
4. Explain to us in what way that content infringes your copyright (e.g. the text is copied, the entire story is a copy of an original work made by you, etc.)
5. Identify the type (e.g. a book, a short story, a poem, etc.) and details of (e.g. title, publisher, dates, etc.) the copyright work which you own the rights in, and which you believe has been infringed. If this information is available on the internet, it is helpful to send us a link.
6. Let us have contact information so that we can get in touch with you (email address is preferred).
7. Let us have the contact information which we can pass on to the submitter of the content concerned, so that they can get in touch with you to resolve your complaint directly (email address is preferred).
8. Include the following statement: "I have a good faith belief that use of the copyrighted work described above is not authorized by the copyright owner (or by a third party who is legally entitled to do so on behalf of the copyright owner) and is not otherwise permitted by law."

9. I swear that the information contained in this notification is accurate and that I am the copyright owner or have an exclusive right in law to bring infringement proceedings with respect to its use.
10. Sign the notice. If you are providing notice by e-mail, a scanned physical signature or a valid electronic signature will be accepted.
11. Send the notice, in English, to the following address:
 Attn: FanFiction.Net Copyright Infringement Notification
 Email: copyright@fanfiction.com
 Fax : (888) 743-0192 (United States)

Please also note that the information provided in this legal notice may be forwarded to the person who provided the allegedly infringing content.

Make sure you know whether the content that you have seen on FanFiction.Net infringes your copyright. Be aware that there may be adverse legal consequences in your country if you make a false or bad faith allegation of copyright infringement by using this process.

9. Warranty and Condition Disclaimer

YOU AGREE THAT YOUR USE OF THE FANFICTION.NET WEBSITE SHALL BE AT YOUR SOLE RISK. TO THE FULLEST EXTENT PERMITTED BY LAW, FANFICTION.NET, ITS OFFICERS, DIRECTORS, EMPLOYEES, AND AGENTS DISCLAIM ALL WARRANTIES AND CONDITIONS, WHETHER WRITTEN, ORAL, EXPRESS, IMPLIED, LEGAL, STATUTORY, CONTRACTUAL, EXTRA-CONTRACTUAL, DELICTUAL OR IN TORT, AND WHETHER ARISING BY LAW, STATUTE, USAGE OF TRADE, CUSTOM, COURSE OF DEALING OR PERFORMANCE, OR THE PARTIES' CONDUCT OR COMMUNICATION WITH ONE ANOTHER, OR AS A RESULT OF THE NATURE OF THESE TERMS AND CONDITIONS, THE WEBSITE AND YOUR USE THEREOF OR IN CONFORMITY WITH USAGE, EQUITY OR LAW OR OTHERWISE. FANFICTION.NET MAKES NO WARRANTIES, CONDITIONS OR REPRESENTATIONS ABOUT THE ACCURACY OR COMPLETENESS OF THIS SITE'S CONTENT OR THE CONTENT OF ANY SITES LINKED TO THIS SITE AND ASSUMES NO LIABILITY OR RESPONSIBILITY FOR ANY (I) ERRORS, MISTAKES, OR INACCURACIES OF CONTENT, (II) PERSONAL INJURY, PROPERTY, BODILY, MORAL OR MATERIAL DAMAGE OF ANY NATURE WHATSOEVER, RESULTING FROM YOUR ACCESS TO AND USE OF OUR WEBSITE, (III) ANY UNAUTHORIZED ACCESS TO OR USE OF OUR SECURE SERVERS AND/OR ANY AND ALL PERSONAL INFORMATION AND/OR FINANCIAL INFORMATION STORED THEREIN, (IV) ANY INTERRUPTION OR CESSATION OF TRANSMISSION TO OR FROM OUR WEBSITE, (IV) ANY BUGS, VIRUSES, TROJAN HORSES, OR THE LIKE WHICH MAY BE TRANSMITTED TO OR THROUGH OUR WEBSITE BY ANY THIRD PARTY, AND/OR (V) ANY ERRORS OR OMISSIONS IN ANY CONTENT OR FOR ANY LOSS OR DAMAGE OF ANY KIND INCURRED AS A RESULT OF THE USE OF ANY CONTENT POSTED, EMAILED, TRANSMITTED, OR OTHERWISE MADE AVAILABLE VIA THE FANFICTION.NET WEBSITE. FANFICTION.NET EXPRESSLY DISCLAIMS ANY WARRANTY OR CONDITION OF ANY KIND OF FITNESS FOR A PARTICULAR OR GENERAL PURPOSE, QUALITY, MERCHANTABILITY, WORKMANSHIP, NON-INFRINGEMENT, OR TITLE AND

OWNERSHIP. FANFICTION.NET DOES NOT WARRANT, ENDORSE, GUARANTEE, OR ASSUME RESPONSIBILITY FOR ANY PRODUCT OR SERVICE ADVERTISED OR OFFERED BY A THIRD PARTY THROUGH THE FANFICTION.NET WEBSITE OR ANY HYPERLINKED WEBSITE OR FEATURED IN ANY BANNER OR OTHER ADVERTISING, AND FANFICTION.NET WILL NOT BE A PARTY TO OR IN ANY WAY BE RESPONSIBLE FOR MONITORING ANY TRANSACTION BETWEEN YOU AND THIRD-PARTY PROVIDERS OF PRODUCTS OR SERVICES. AS WITH THE PURCHASE OF A PRODUCT OR SERVICE THROUGH ANY MEDIUM OR IN ANY ENVIRONMENT, YOU SHOULD USE YOUR BEST JUDGMENT AND EXERCISE CAUTION WHERE APPROPRIATE. TO THE MAXIMUM EXTENT PERMITTED BY LAW, THE PROVISIONS OF THE UNITED NATIONS CONVENTION ON CONTRACTS FOR THE INTERNATIONAL SALE OF GOODS ARE HEREBY DISCLAIMED.

10. Limitation of Liability

IN NO EVENT SHALL FANFICTION.NET, ITS OFFICERS, DIRECTORS, EMPLOYEES, OR AGENTS, BE LIABLE TO YOU FOR ANY DIRECT, INDIRECT, INCIDENTAL, SPECIAL, PUNITIVE, OR CONSEQUENTIAL DAMAGES WHATSOEVER RESULTING FROM ANY (I) ERRORS, MISTAKES, OR INACCURACIES OF CONTENT, (II) PERSONAL INJURY, PROPERTY, BODILY, MORAL OR MATERIAL DAMAGE OF ANY NATURE WHATSOEVER, RESULTING FROM YOUR ACCESS TO AND USE OF OUR WEBSITE, (III) ANY UNAUTHORIZED ACCESS TO OR USE OF OUR SECURE SERVERS AND/OR ANY AND ALL PERSONAL INFORMATION AND/OR FINANCIAL INFORMATION STORED THEREIN, (IV) ANY INTERRUPTION OR CESSATION OF TRANSMISSION TO OR FROM OUR WEBSITE, (V) ANY BUGS, VIRUSES, TROJAN HORSES, OR THE LIKE, WHICH MAY BE TRANSMITTED TO OR THROUGH OUR WEBSITE BY ANY THIRD PARTY, AND/OR (VI) ANY ERRORS OR OMISSIONS IN ANY CONTENT OR FOR ANY LOSS OR DAMAGE OF ANY KIND INCURRED AS A RESULT OF YOUR USE OF ANY CONTENT POSTED, EMAILED, TRANSMITTED, OR OTHERWISE MADE AVAILABLE VIA THE FANFICTION.NET WEBSITE, WHETHER BASED ON WARRANTY, CONTRACT, TORT, OR ANY OTHER LEGAL THEORY, AND WHETHER ARISING BY LAW, STATUTE, USAGE OF TRADE, CUSTOM, COURSE OF DEALING OR PERFORMANCE, OR THE PARTIES' CONDUCT OR COMMUNICATION WITH ONE ANOTHER, OR AS A RESULT OF THE NATURE OF THESE TERMS AND CONDITIONS OR IN CONFORMITY WITH USAGE, EQUITY OR LAW OR OTHERWISE, AND WHETHER OR NOT THE COMPANY IS ADVISED OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGES. THE FOREGOING LIMITATION OF LIABILITY SHALL APPLY TO THE FULLEST EXTENT PERMITTED BY LAW IN THE APPLICABLE JURISDICTION. YOU SPECIFICALLY ACKNOWLEDGE THAT FANFICTION.NET SHALL NOT BE LIABLE FOR USER SUBMISSIONS OR THE DEFAMATORY, OFFENSIVE, OR ILLEGAL CONDUCT OF ANY THIRD PARTY AND THAT THE RISK OF HARM OR DAMAGE FROM THE FOREGOING RESTS ENTIRELY WITH YOU. The Website operated by FanFiction.Net from its facilities in the United States of America. FanFiction.Net makes no representations that the FanFiction.Net Website is appropriate or available for use in other locations. Those who access or use the FanFiction.Net Website from other jurisdictions do so at their own volition and are responsible for compliance with local law.

11. Indemnity

You agree to defend, indemnify and hold harmless FanFiction.Net, its parent corporation, officers, directors, employees and agents, from and against any and all claims, demands, causes of action, damages, obligations, losses, liabilities, costs or debt, and expenses, (including but not limited to reasonable legal fees) arising from: (i) your use of and access to the FanFiction.Net Website; (ii) your violation of any term of these Terms of Service; (iii) your violation of any third party right, including without limitation any copyright, intellectual property, or privacy right; or (iv) any claim that one of your User Submissions caused damage to a third party. This defense and indemnification obligation will survive these Terms of Service and your use of the FanFiction.Net Website.

12. Ability to Accept Terms of Service

You affirm that you are either more than the age of majority in your jurisdiction of residence, or an emancipated minor, or possess legal parental or guardian consent, and are fully able and competent to enter into the terms, conditions, obligations, affirmations, representations, and warranties set forth in these Terms of Service, and to abide by and comply with these Terms of Service. You affirm that you are over the age of 13, as the FanFiction.Net Website is not intended for children under 13.

13. Assignment

These Terms of Service, and any rights and licenses granted hereunder, may not be transferred or assigned by you, but may be assigned by FanFiction.Net without restriction.

14. General

You agree that: (i) the FanFiction.Net Website shall be deemed solely based in California; and (ii) the FanFiction.Net Website shall be deemed a passive website that does not give rise to personal jurisdiction over FanFiction.Net, either specific or general, in jurisdictions other than California. Unless prohibited by local law, these Terms of Service shall be governed by the internal substantive laws of the State of California, without respect to its conflict of laws principles. Unless prohibited by local law, any claim or dispute between you and FanFiction.Net that arises in whole or in part from the FanFiction.Net Website shall be decided exclusively by a court of competent jurisdiction located in Los Angeles County, California. These Terms of Service, together with the Privacy Notice at <http://www.fanfiction.net/privacy/> and any other legal notices published by FanFiction.Net on the Website, shall constitute the entire agreement between you and FanFiction.Net concerning the FanFiction.Net Website. If any provision of these Terms of Service is deemed invalid by a court of competent jurisdiction, the invalidity of such provision shall not affect the validity of the remaining provisions of these Terms of Service, which shall remain in full force and effect. No waiver of any term of these Terms of Service shall be deemed a further or continuing waiver of such term or any other term, and FanFiction.Net's failure to assert any right or provision under these Terms of Service shall not constitute a waiver of such right or provision. FanFiction.Net reserves the right to amend these Terms of Service at any time and without notice, and it is your

responsibility to review these Terms of Service for any changes. Your use of the FanFiction.Net Website following any amendment of these Terms of Service will signify your assent to and acceptance of its revised terms. TO THE MAXIMUM EXTENT PERMITTED BY LOCAL LAW, YOU AND FANFICTION.NET AGREE THAT ANY CAUSE OF ACTION ARISING OUT OF OR RELATED TO THE FANFICTION.NET WEBSITE MUST COMMENCE WITHIN ONE (1) YEAR AFTER THE CAUSE OF ACTION ACCRUES. OTHERWISE, SUCH CAUSE OF ACTION IS PERMANENTLY BARRED.

Last Updated March 5, 2009

ANEXO F – Política de privacidade do Fanfiction.Net

FanFiction.Net Privacy Policy

The FanFiction.Net Privacy Policy describes how FanFiction.Net treat personal information when you use FanFiction.Net services.

Data collection

- FanFiction.Net may collect limited non-personally identifying information your browser makes available whenever you visit a website. This log information may include but not limited to your Internet Protocol address, browser type, browser language, the date and time of your query and one or more cookies that may uniquely identify your browser. We use this information to operate, develop and improve our services.
- Some of our services require you to register for an account. FanFiction.Net asks you for some personal information in order to create an account (typically your name, email address and a password for your account) and we will use that information to provide the service.

Cookies

- A "cookie" is a small file containing a string of characters that is sent to your computer when you visit a website. We use cookies to improve the quality of our service and to better understand how people interact with us. FanFiction.Net does this by storing user preferences in cookies. Most browsers are initially set up to accept cookies. You can reset your browser to refuse all cookies or to indicate when a cookie is being sent. However, some FanFiction.Net features or services may not function properly without cookies.

Information sharing

- We do not rent or sell your personally identifying information to other companies or individuals, unless we have your consent. We may share such information in any of the following limited circumstances:
 - We have your consent.
 - We conclude that we are required by law or have a good faith belief that access, preservation or disclosure of such information is reasonably necessary to protect the rights, property or safety of FanFiction.Net, its users or the public.

Information security

- We take appropriate security measures to protect against unauthorized access to or unauthorized alteration, disclosure or destruction of data.
- We restrict access to your personally identifying information to site staffs who need to know that information in order to operate, develop or improve our services.

Updating your information

- We provide mechanisms for updating and correcting your personally identifying information for many of our services. For more information, please see the help pages for each service.

Third-party Advertisers, Links to Other Sites

FanFiction.Net allows other companies, called third-party ad servers or ad networks, to serve advertisements within FanFiction.Net. These third-party ad servers or ad networks use technology to send, directly to your browser, the advertisements and links that appear on FanFiction.Net. They automatically receive your IP address when this happens. They may also use other technologies (such as cookies, JavaScript, or Web Beacons) to measure the effectiveness of their advertisements and to personalize the advertising content you see.

FanFiction.Net does not provide any personally identifiable information to these third-party ad servers or ad networks without your consent or except as part of a specific program or feature for which you will have the ability to opt-in or opt-out.

You should consult the respective privacy policies of these third-party ad servers or ad networks for more information on their practices and for instructions on how to opt-out of certain practices. FanFiction.Net's privacy policy does not apply to, and we cannot control the activities of, such other advertisers or web sites. Any data obtained by third-party ad servers subsequently shared with FanFiction.Net is maintained and dealt with by FanFiction.Net in accordance with this privacy policy.

Last Updated March 5, 2009

ANEXO G – Normas para publicação do Fanfiction.Net

Community Etiquette:

FanFiction.Net does not filter content and is an open system that trusts the writer's judgement. However, there is an inherent responsibility that falls to writers as a result.

Here is a list of conducts that should always be observed:

1. Spell check all story and poetry. There is no excuse for not performing this duty. If you do not have a word processor that has the spell checking feature, use a search engine such as Google.com to find one.
2. Proofread all entries for grammar and other aspects of writing before submission. 'Hot off the press' content is often riddled with errors. No one is perfect but it is the duty of the writer to perform to the best of his/her ability.
3. Respect the reviewers. Not all reviews will strictly praise the work. If someone rightfully criticizes a portion of the writing, take it as a compliment that the reviewer has opted to spend his/her valuable time to help improve your writing.
4. Everyone here is an aspiring writer. Respect your fellow members and lend a helping hand when they need it. Like many things, the path to becoming a better writer is often a two way street.
5. Use proper textual formatting. For example: using only capital letters in the story title, summary, or content is not only incorrect but also a disregard for the language itself.

FanFiction.Net Content Guidelines:

Version: 11-20-2008

The chapter system is not to be used as placeholder for non-story content such as author notes. You can add short author notes to the beginning or at the end of stories but never as individual chapters.

FanFiction.Net is not an archive for non-fanfiction literary works. Please visit FictionPress.com to publish your non-fanfiction literary works.

Do not upload chapters, series, or segments of a story as separate entries. In order to submit a 5 chapter story, for example, use the 'Create Story' page to submit chapter 1, and then use the 'Edit/Upload chapter' feature in the left menu, after login, to submit chapters 2 through 5.

Entries not allowed:

1. Non-stories: lists, bloopers, polls, previews, challenges, author notes, and etc.
2. One or two liners.
3. MST: comments inserted in between the flow of a copied story.
4. Stories with non-historical and non-fictional characters: actors, musicians, and etc.
5. Any form of interactive entry: choose your adventure, second person/you based, Q&As, and etc.
6. Chat/script format and keyboard dialogue based entries.

Actions not allowed:

1. Multiple entries of the same material. There can only be one copy of any unique story on the entire site. No exceptions.
2. Rewriting names of characters/locations of one story in order to upload to multiple categories.
3. Copying from a previously published work (including musical lyrics) not in the public domain.

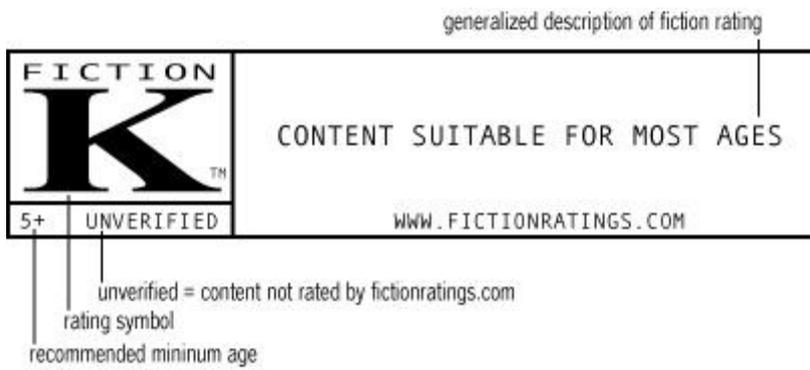
General rules:

1. Entry title and summary must be rated K for all audience. No exceptions.
2. Entry must be given the proper rating. No exceptions.
3. Entry must be placed in proper category. No exceptions.
4. Chapters of the same story are not allowed to be submitted as separate entries. All chapters/segments must be grouped together using the 'edit/upload chapter' feature in the left menu.

Content Ratings:

FanFiction.Net adopts the rating system from FictionRatings.com.

Please note FanFiction.Net does not accept explicit content, [Fiction Rating: MA](#), and the rating is only presented for reference.



Intended for general audience 5 years and older. Content should be free of any coarse language, violence, and adult themes.



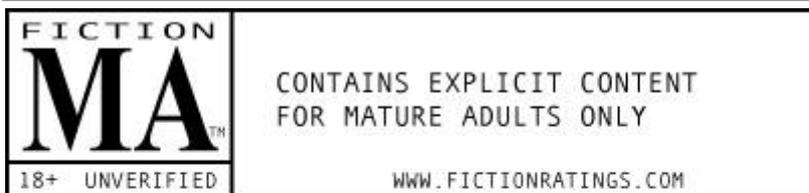
Suitable for more mature children, 9 years and older, with minor action violence without serious injury. May contain mild coarse language. Should not contain any adult themes.



Suitable for teens, 13 years and older, with some violence, minor coarse language, and minor suggestive adult themes.



Not suitable for children or teens below the age of 16 with possible strong but non-explicit adult themes, references to violence, and strong coarse language.



Content is only suitable for mature adults. May contain explicit language and adult themes.

FanFiction.Net respects the expressed wishes of the following authors/publishers and will not archive entries based on their work:

- Anne Rice
- Archie comics
- Dennis L. McKiernan
- Irene Radford

- J.R. Ward
- Laurell K. Hamilton
- Nora Roberts/J.D. Robb
- P.N. Elrod
- Raymond Feist
- Robin Hobb
- Robin McKinley
- Terry Goodkind

Failure to comply with site rules will result in the removal of stories and/or suspension of account.

ANEXO H – Exemplo 1 de *fanfiction* de Dom Quixote (em inglês) – citado no capítulo 3.

 [Books](#) » [Don Quixote](#) » **The Modern Adventures of Don Quixote**



MadHatter1

Author of 4 Stories

1. The Beginning of Trouble

Rated: K - English - Humor - Reviews: 6 - Updated: 10-02-01 - Published: 04-12-01 - id:251968

The Modern Adventures of Don Quixote

Chapter 1

The Beginning of Trouble

"Where are we, my Grace?" asked Sancho Panzo, half in terror. Don Quixote sat erect in the saddle. "It's the work of that magician, Frestòn. He must have transported us to a strange new land. I do not recall anything like this in my books." In the matter of facts, they were in the middle of the intersection and were currently holding up traffic. "God help us! What are those things?" screamed Sancho, as he pointed to one of the cars. "It is a gruesome monster and there is a fair lady in distress inside of it!" Don Quixote declared. For the lady inside of the car was shaking her fist at them. "Begging your pardon, my Grace, perhaps she wants us to move out of her way." suggested Sancho.

"It is clear to see that you still don't know what's what in these kinds of adventures," Don Quixote said gruffly, "Please stand aside while I save the fair damsel in distress." Sancho moved onto the sidewalk, still looking unsure about the situation. Don Quixote shouted at the top of his lungs, "Do not despair, Don Quixote is coming to save you!" He charged with a prayer in his heart, beseeching his lady Dulcinea to succor him in this trial. In doing this, though, he scared the lady in the car half to death. She banged on the horn, in hopes of stopping the madman.

Rocinante, having never such a loud and horrible sound in its life, reared up on its hind legs. Don Quixote was not prepared for this and was promptly dumped onto the ground with a loud clang. Sancho was about to go to help his master, but then remembered his promise not to engage in battle with Don Quixote. So he remained at rest. Don Quixote, being the old man he is, was having trouble getting up. The old armor made progress difficult. When he was able to get to his feet, he saw that the fair lady was no longer in distress, and that being so, was no longer in the monster. She walked to him, with a worried expression on her face.

"Are you all right?" asked the lady.

"I'm fine. Are you in good condition?"

"Um-Yes, I am. Thanks for asking."

"What is your name?"

"It is Dulcinea."

Don Quixote gasped. Could it be possible that Frestòn, knowing of his fair lady, had transported her into danger? She did look like the Dulcinea he knew. He dropped to his knee. "My fair lady Dulcinea, I'm Don Quixote de La Mancha. Sancho rode up and began, "My Grace-." Loud blaring from aside interrupted him. Don Quixote jumped up and said, "It is the fellow monsters coming to the aid of the monster that I defeated!" Dulcinea glanced and then groaned, "Oh, man, it's the police."

"Police?" Sancho asked.

"You're not from around here, are you? They are the ones who enforces the law."

"They look if they are all being controlled by those monsters!" Don Quixote said, as he tried to clamber back onto his horse. But the old horse, still nervous from the horn, bolted when it heard the sirens come closer. Don Quixote, who was holding the reins, found himself on the ground, being dragged across the street and onto the sidewalk.

Sancho yelled, "My Grace!" He rushed after him as fast as his pony would allow. Rocinante was running strong, for there was still valor in its frail body. It dashed into a nearby building, taking along one surprised Don Quixote. "Oh no!" exclaimed Dulcinea, who began running to the building, "That's the department store!"

ANEXO I – Exemplo 2 de *fanfiction* de Dom Quixote (em inglês) – citado no capítulo 3.

 [Books](#) » [Don Quixote](#) » **Capitán Quixote and the Pulp SciFi Novels**

 [SG1SamFan](#)

Author of 17 Stories

Rated: K - English - Humor - Reviews: 13 - Published: 06-16-07 - Complete - id:3598218

Capitán Quixote and the Pulp Sci-Fi Novels

by Emily Lydic (SG1SamFan)

Character(s): Don Quixote, Sancho Panza, Rocinante

Word Count: 1,070

Rating: K

Summary: Just a silly little story I wrote for my Spanish 3 class, set after don Quixote is cured of his insanity. Based on Miguel de Cervantes' famous novel.

Disclaimer: Don Quixote is in the public domain, and I own this story and my characterizations, though the characters belong to Cervantes. Uh, not that I think anyone would want to steal this... LOL.

Having been cured of his craziness, Don Quixote awoke from his long sleep. He saw that the books of chivalry he'd loved so were gone, so he turned his attention to the pulp science fiction novels on his nephew's shelves. The priest believed the novels were harmless, and since the books kept don Quixote out of knightly adventures, his family once again allowed the old man to become immersed in the world of fiction, not thinking he would go crazy again.

Soon, however, don Quixote became obsessed with the novels. He put on a metallic bodysuit and rocket boots and holed himself up in his room, and it quickly became apparent that he was going insane once again. Except this time, he believed he was an intrepid space explorer rather than a knight errant.

One rainy morning, don Quixote headed out to the stables. "The air smells of worms," he said to himself, splashing through the puddles. "*Alien* worms. I must be on guard to protect myself from their body-snatching webs."

As don Quixote passed through the doorway to the stable, he walked right into a spider web. "The worms are attacking me with their webs!" he screamed. "They want to tie me up and snatch my body from me!" Struggling with the web, don Quixote dropped to his belly and rolled in the dusty aisle of the barn. The web was covered in dust and lost its stickiness, but don Quixote did not notice.

"Perhaps if I draw my light saber," he said, "the alien worms will release me and flee in fear."

Staggering to his feet, don Quixote drew his yellow flashlight and waved it around "That should scare them away!" he said. He clawed at the web, triumphantly flung it away, and stamped it into the dirt. "Take *that*, vile creatures of the dirt!" he spat.

Putting the little flashlight back into his pocket, Quixote went to see his horse.

"Rocinante," he said to his faithful old nag, "your name no longer suits your purpose. From now on, you shall be called Beeblebrox, which means 'most noble of steeds' in the alien tongue of the Plutonians." He stroked Rocinante's scraggly mane as if it were gold, but the horse simply sighed in boredom.

That night after dinner, don Quixote announced that he was leaving. "Please do not leave us again, uncle," begged don Quixote's niece.

He would not listen. That night, he went to see Sancho, his former squire.

"Sancho," said don Quixote, clasping his friend by the shoulder, "you shall no longer be my squire, but my second-in-command: Commander Sancho Panza."

Sancho paused, his eyes narrowing in plodding calculation. "What do I get out of it?" he said.

"Not only governorship of an island, Sancho," replied don Quixote. "Oh, no. Not just an island, but of a whole *planet*."

Sancho's eyes grew wide, then he leaned forward attentively. "All right," he said. "I'm listening."

Don Quixote smiled. "I thought that would get your attention. Your duty shall be to carry out my orders when we are on missions and man the ship's bridge whenever I am planet side."

Sancho squinted his eyes in confusion. "But, master—"

Don Quixote cut him off with a quick wave of his hand, drawing himself up regally. "Call me *Capitán*."

Sancho nodded slowly, puzzled. "Uh... Of course. But, mast—... I mean, Capitán."

"What is it?"

"I mean, it isn't a big deal, but... Well, isn't there a bit of difficulty manning a ship when we live miles away from the sea?"

Capitán Quixote rolled his eyes. "No, Sancho," he said slowly, as if to a small child. "Not a watercraft. A *spacecraft*."

Sancho raised his eyebrows skeptically. "And where're we gonna find one of those?"

"I already have one," said Capitán Quixote. "You see, Sancho, a number of years ago, I crash-landed several miles from here. Reading the novels of my planet's history helped me to remember my former life. All that is left is to find the *Northern Star*."

"Well, where did you park it?"

The Capitán pointed to where the sun was setting. "To the west," he said.

So for three days and two nights, the two explorers journeyed toward the crash site. Sancho rode on his little donkey, Burrito, and Capitán Quixote rode on his noble steed, Rocin... Er. *Beeblebrox*. At the end of the third day, they came across a one-room shack with a rusty tin roof at the edge of the woods.

"Look, Sancho!" cried Capitán Quixote. "It is the *Northern Star*!"

"What, that?" said Sancho in disgust. "It's nothing but a shack with a tin can for a roof!"

"Sancho, do not insult my beloved ship simply because you are jealous for your own," said Capitán Quixote, leading Sancho inside the shack. "Your day will come... someday. In the meantime, you must merely *assist* me in seeking out alien life, battling with lasers, and restoring peace to the galaxy. You may start by fixing the sub-light engine." He pointed to the wood stove in the center of the room. A pipe jutted out at an odd angle, a bit like a broken arm.

Sancho finally decided to concede defeat. After all, he was getting a planet out of the deal. So he fixed the stove and started a fire.

"Excellent," said the Capitán. "We are lifting off."

Just then, a stampede of cattle passed by the woods near the house, shaking the little cabin.

"Commander Sancho," said Capitán Quixote, "we are being attacked by ground troops of the evil Lord Darth Tater. Man the bridge and beam me down," he ordered. "I'm going to fend them off."

He drew his flashlight and flicked it on, then charged through the doorway toward the herd.

One bull grew annoyed at the intrusion. He kicked out at Capitán Quixote's head and knocked him out.

"Capitán!" Sancho screamed, running to help him.

In a few seconds, don Quixote opened his eyes and blinked blearily, regaining consciousness. "Where am I, Sancho? And where are my sword and my suit of armor?"

"What? Capitán..."

"Please, Sancho, call me master. And saddle Rocinante. I have a great tournament today, and it would not do for a knight of my stature to be late."

Sancho's eyes grew wide in confusion. Then, it dawned on him. He closed his eyes and sighed, touching his fingertips to his brow.

"Oh, no," he murmured. "...Not again."

Fini

A/N: Drop me a review, and I'll make you governor of the first planet I conquer. ;) Really, I'd be delighted to know anyone actually took the time to read this other than my Spanish teacher.

ANEXO J– Perfil de *beta-reader* no site Fanfiction.Net

Doks 's Beta Reader Profile

action : [✉ Send Message](#) . [🔔 Subscribe](#) . [★ Favorite](#)

profile : [p Member Profile](#)

email : [Email](#)

since : 12-15-07, id: 1445321

web : [Homepage](#)

Author has written 6 stories for Fullmetal Alchemist, and Chronicles of Narnia.

β : Doks is a registered beta reader and is currently **accepting** beta reading requests.

Beta Description

My Strengths: beta, writing, or reading strengths

Eu gosto de deixar as histórias fáceis de entender e com suavidade na leitura. Ninguém aqui quer ser um Eça da vida...

My Weaknesses: beta, writing, or reading weaknesses

Eu sou meio cri-cri com algumas coisas. Às vezes eu apenas "corrijo" uma frase inteira só por causa de uma palavra que eu não gosto. Além de ter problemas com plural de substantivos compostos...

Preferred: types of entries I prefer over others

Eu prefiro histórias com temas mais maduros, os conflitos são sempre mais interessantes do que as fanfics com temas de adolescentes/crianças.

Would Rather Not: types of entries I do not want to beta for

Não me chamem para betar uma fanfic de romance com casal Sesshoumaru/Kagura nem nenhum yaoi de Fullmetal Alchemist.

Beta Preferences

Language: Portuguese

Beta Preferences		
Content Rating: Fiction K » M		
Categories: categories in black are ones this beta has authored for		
Anime » Card Captor Sakura	Anime » Dragon Ball Z	Anime » Inuyasha
Book » Chronicles of Narnia	Anime » Fullmetal Alchemist	Movie » Tristan + Isolde
Genres: genres in black are ones this beta has authored for		
Romance	Drama	Hurt/Comfort
Humor	Family	

ANEXO K - Perfil de *beta-reader* no site Nyah! Fanfiction

[ID #34418] Doks 



Minhas preferências de leitura:

Eu leio histórias sobre Fullmetal Alchemist, Inuyasha, Dragon Ball, CCS, Crônicas de Nárnia (apenas se for Susan/Peter) e mais algumas outras. Gosto mais de histórias de conteúdo adulto, já que eu acho os conflitos mais sérios.

Categorias: As Crônicas de Nárnia, Fullmetal Alchemist, Dragon Ball Z

Gêneros: Drama

Disponível para betar histórias: Sim

Histórias [3] Séries [0] Reviews Escritos [0] Desafios [0] Séries Favoritas [0] Favoritos [5]

Grave escrita por Doks

Royai. Riza confiou suas costas nos sonhos de Roy.

Classificação: +13

Categorias: Fullmetal Alchemist

Gêneros: Drama, Romance

Avisos: Spoilers
